



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

**A NOVA DIREITA RADICAL AMERICANA
O “Movimento Tea Party”:
entre a Homogeneidade e a Heterogeneidade política**

Jérémy Silvaes Jerónimo

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Ciência Política

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor José Boavida Santos

Covilhã, outubro de 2013

Agradecimentos

Agradeço aos meus Pais, ao meu Irmão, e à minha Família em geral, que sempre me apoiou e acreditou em mim, e a todos aqueles que me ajudaram e me apoiaram ao longo da minha vida, bem como durante a licenciatura e o mestrado desta bela área que é a ciência política.

Resumo

Esta dissertação tem como principal objetivo demonstrar a heterogeneidade existente no seio do Movimento *Tea Party* - movimento político norte-americano surgido em 2009, integrado atualmente no Partido Republicano - tanto ao nível da sua ideologia como da sua estrutura. A pesquisa bibliográfica e a análise minuciosa de cada facção (libertários e religiosos) e da estrutura do Movimento possibilita-nos responder a uma série de questões, fulcrais, para uma melhor compreensão do objeto desta investigação. Ao nível da ideologia, teremos a oportunidade de verificar que as duas maiores facções existentes no seio deste Movimento, a libertária e a religiosa, partilham ideias e objetivos políticos distintos: económicos para os libertários; sociais e morais para os *tea partiers* religiosos. Relativamente à estrutura do *Tea Party*, uma multitude de grupos e organizações locais independentes umas das outras, bem como, a ausência de uma verdadeira oligarquia política, é visível nesta investigação. Consequentemente teremos a possibilidade de concluir que o Movimento *Tea Party* não é homogéneo mas antes heterogéneo, realizando de seguida, uma análise sobre quais as consequências que daí advirão, projetando com estes dados o possível futuro deste Movimento político.

Palavras-Chave:

Estados Unidos da América - Movimento *Tea Party* - Libertários - Religiosos - Ideologia - Estrutura - Homogeneidade - Heterogeneidade.

Abstract

The main objective of this dissertation is to demonstrate the heterogeneity that exists inside the Tea Party Movement - a north-american political movement appeared in 2009, today integrated in the Republican Party - as much in its ideology as in its structure. The bibliographical research, a detailed analysis of each faction (libertarian and religious) and an analyses of the structure of this movement will allow us to answer a series of crucial questions and will help us to a better understanding of the purpose of this investigation. We will have the opportunity to check that the ideology of the two biggest existent factions inside the Tea Party - the libertarian faction and the religious faction - share distinct political ideas and purposes: the libertarian are mostly concerned with the economy and the religious tea partiers are more concerned with the social conditions and moral values. About the Tea Party structure, there are a large number of groups and local organizations independent from each other, as well as the lack of a truly political oligarchy which is shown in this investigation. Therefore, we will have the possibility to conclude that the Tea Party movement is not homogeneous but heterogeneous. We will then analyze what consequences could come from this and with the help of these facts, a possible future of this political movement.

Keywords

United States of America - Tea Party Movement - Libertarians - Religious - Ideology - Structure
- Homogeneous - Heterogeneous.

Résumé

Cette dissertation a comme principal objectif de démontrer l'hétérogénéité qui existe au sein du Mouvement Tea Party - mouvement politique nord-américain surgit en 2009 et faisant partie du Parti Républicain - tant au niveau de son idéologie comme de sa structure. Les sources bibliographiques et une analyse minutieuse de chaque faction politique (les libertaires et les religieux) ainsi que la structure du mouvement nous permettra de répondre à une série de questions extrêmement importantes pour mieux comprendre l'objet de cette investigation. Sur le plan de l'idéologie, nous aurons la possibilité de vérifier que les deux principales factions existantes au sein de ce mouvement, la faction libertaire et la faction religieuse, partagent des idées et des objectifs politiques distincts, à savoir : d'ordre économique pour les libertaires, et d'ordre social et moral pour la faction religieuse. En ce qui concerne la structure du Tea Party, une multitude de groupes et d'organisations locales indépendantes les unes des autres ainsi que l'absence d'une réelle oligarchie politique est démontrée dans cette investigation. De ce fait, nous aurons la possibilité de conclure que le mouvement du Tea Party n'est pas homogène mais hétérogène. Ensuite, nous réaliserons une analyse sur les conséquences qui pourront en résulter et à l'aide de ces données le futur possible de ce mouvement politique.

Mots-clés

États-Unis d'Amérique - Mouvement Tea Party - Libertaires - Religieux - Idéologie - Structure - homogénéité - hétérogénéité.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Palavras-Chave:	ii
Abstract	iii
Keywords	iii
Résumé	iv
Mots-clés	iv
Lista de Acrónimos	vi
Introdução	1
Capítulo I - Contextualização Histórica	5
1.1 - O declínio do Gigante Americano	5
1.2 - O nascimento e a rápida ascensão do Tea Party	12
Síntese do Capítulo I	22
Capítulo II - Libertários e Ultraconservadores Cristãos	24
2.1 - Libertários: o horror ao <i>Big Government</i> e a desregulamentação da economia	24
2.2 - Os ultraconservadores cristãos: a moral americana e o presidente muçulmano	29
2.3 - O <i>Tea Party</i> e o nacionalismo americano	38
2.4 - Estrutura e características sociológicas da base eleitoral	41
Síntese do Capítulo II	47
III - Homogeneidade ou Heterogeneidade?	48
3.1 - Homogeneidade?	48
3.2 - Heterogeneidade, a clara incompatibilidade de certos ideais	49
3.2.1 - A heterogeneidade pode representar a extinção do <i>Tea Party</i> ?	56
Síntese do Capítulo III	58
Capítulo IV - Que futuro para o Movimento <i>Tea Party</i> ?	60
4.1 - Nova força política, domínio do GOP, ou movimento passageiro?	60
4.2 - Eleição intercalar de 2014 e eleição presidencial de 2016	67
Síntese do Capítulo IV	71
Conclusão	73
Bibliografia	78
Webgrafia:	82

Lista de Acrónimos

GOP - *Grand Old Party*

RINO - *Republican In Name Only*

EUA - Estados Unidos da América

FED - Federal Reserve

UE - União Europeia

Introdução

O século XX foi, sem a mínima dúvida, o *Século Americano*. Os Estados Unidos da América (EUA) participaram e saíram vencedores nas duas Guerras Mundiais. No final da Segunda Guerra Mundial, os EUA apresentavam-se como a principal superpotência do Mundo. O subsequente choque com a outra superpotência, que havia saído vencedora da Segunda Grande Guerra, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, acabou com a vitória dos EUA e do modelo que defendia, a democracia liberal, e tornou a América na única potência do Mundo, uma autêntica hiperpotência. Em 1992 os americanos enfrentavam o futuro de maneira otimista. Vinte e um anos depois, em 2013, a esperança deu lugar à amargura.

O 11 de setembro de 2001 foi um choque para os americanos, que viam a sua nação como invencível. Os oito anos da Administração Bush filho deixaram marcas na sociedade. A guerra no Afeganistão e a guerra no Iraque, mancharam o orgulho americano e fizeram com que muitos jovens norte-americanos duvidassem da missão “pacificadora” dos EUA no Mundo. Muitos destes jovens morriam nos conflitos do Médio-Oriente enquanto milhares de jovens soldados que voltavam a casa ficavam sem empregos, alguns deles acabando mesmo por viver na rua como sem abrigos.

Num tempo conturbado, com a crise económica de 2008 como pano de fundo, uma taxa de criminalidade cada vez maior, e, as populações brancas de origem europeias a serem, pouco a pouco, ultrapassadas em número pelas minorias raciais, com uma taxa de desemprego a aumentar cada vez mais, eis que surge Barack Hussein Obama, o primeiro presidente negro da história dos EUA. Se o presidente Barack Obama conseguiu cativar as multidões e apresentar-se como um messias, a verdade é que uma parte da população americana duvidava das suas reais capacidades em tirar o país do marasmo no qual se encontrava.

O estímulo à economia de 787 mil milhões de dólares foi a gota de água para muitos. Uma frange mais conservadora da população americana decidiu sair à rua e manifestar-se. O evento que despoletou as manifestações foi o apelo de um comentador de economia, Rick Santelli¹, à população americana em geral para que esta se revoltasse contra a ajuda do Estado Federal à banca americana. Para Santelli, o cidadão americano não podia, nem devia, pagar os erros que outros cometiam. Milhares saíram para as ruas das grandes cidades americanas. Os apelos para que o contribuinte se manifestasse começaram a espalhar-se na internet, com uma rapidez que só a Era Digital² permite. Assim nasceu o movimento *Tea Party*.

¹ Rick Santelli é um jornalista, comentador e editorialista económico que trabalha para o Canal *CNBC Business News network*. Fonte: <http://www.cnbc.com/id/15837966/>

² A “Era Digital”, do inglês *Digital Age*, é a designação dada ao nosso tempo, em que as novas tecnologias permitiram à Humanidade atingir uma revolução tecnológica nunca antes vista. A Revolução Digital dos anos 50 a 70, décadas durante as quais foram alcançados progressos nos campos da microeletrónica - com o primeiro chip de cristal a ser construído por Jack Kilby - da computação e da tecnologia espacial (satélites de comunicação), permitiu o advento da Era Digital. A Internet, fruto dos avanços da Revolução Digital, possibilitou à Humanidade interligar-se, tornando o mundo um lugar mais pequeno. Assim, a notícia de um determinado acontecimento produzido num determinado lugar do mundo espalha-se à velocidade da luz. Qualquer pessoa pode estar ligada ao mundo e saber quais os principais acontecimentos do momento em tempo real sem ter de sair de casa, apenas ligando o computador ou a televisão. Devido

O tema desta dissertação incidirá sobre o movimento político conhecido como Tea Party. Este é considerado um movimento de direita ultraconservadora, cuja ideologia radical tem atraído a atenção dos *media* americanos e europeus. É um tema interessante pelo facto de o movimento ter começado através de manifestações espontâneas, tendo conseguido ganhar importância pela capacidade de organização de cidadãos comuns que, na maioria dos casos, nunca tinham sido ativos na vida política norte-americana.

Nesta dissertação iremos analisar o movimento Tea Party e responder a uma questão central que, no nosso entender, se tornou fulcral a partir do momento em que este fenómeno político ganhou força suficiente para influenciar o Partido Republicano: *Este movimento político é homogéneo ou heterogéneo, ao nível da sua ideologia e da sua estrutura?* Caso seja homogéneo, significa que tem consistência suficiente para continuar a existir, já que um movimento homogéneo tem mais facilidade em enfrentar os vários desafios e problemas que a vida política apresenta. Por outro lado, se heterogéneo, então estaremos perante um movimento político que, mesmo tendo em conta a rápida ascensão e popularidade, não irá durar muito tempo, acabando por se fragmentar devido a possíveis divisões internas.

É importante iniciar este debate não só pela recente importância que o Tea Party tem usufruído no seio do Partido Republicano, mas também pelo facto de que num futuro próximo o Tea Party poderá deter a capacidade - sem continuar a observar uma percentagem tão grande de eleitores favoráveis - de influenciar as lideranças do Partido Republicano e assim bloquear toda e qualquer negociação com os democratas no Congresso.

Este movimento é sem dúvida complexo, não segue apenas uma ideologia, é constituído por uma rede de grupos e organizações, bem como, de milhões de ativistas independentes, sem estar nunca ligado a um partido político central. Como forma de poder responder à questão central, saber se o movimento Tea Party é homogéneo ou heterogéneo, tivemos de adotar uma metodologia que, na nossa opinião, era a mais correta tendo em conta o movimento político em estudo. A metodologia escolhida é simples: tal como num puzzle, vamos separar cada peça para as analisar separadamente, para seguidamente voltar a juntar o todo e observar se as peças encaixam umas nas outras. Iremos tentar apresentar as duas maiores correntes presentes no movimento Tea Party, os libertários e os religiosos conservadores, e apresentar as principais ideias políticas de cada uma. Além das ideias políticas, é fulcral apresentar a estrutura do movimento, saber como e quem o constitui. Após esta análise pormenorizada, iremos então confrontar as principais ideias de cada uma das duas grandes facções *tea partier*, bem como, averiguar se a complexa e gigantesca estrutura do Tea Party, não constitui uma fraqueza, em vez de uma vantagem.

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve contextualização histórica dos eventos que levaram à criação do movimento Tea Party. Apresentar o estado socioeconómico dos EUA

à rapidez da informação, as grandes empresas, os líderes políticos, as elites intelectuais e económicas foram obrigados a repensar o seu modo de interagir com as “massas”, é pelo menos a tese tecida no seguinte livro, utilizado nesta dissertação para perceber de que maneira a internet ajuda os movimentos políticos (e visto a dissertação tratar do Movimento Tea Party, um movimento político): DUCREY, Vincent, 25/03/2012 *Le guide de l'influence. Communication, Média, Internet, Opinion*, Eyrolles Éditions,

pouco tempo antes do início dos eventos que permitiram a criação do Tea Party, é importante para percebermos o estado mental dos norte-americanos. Após esta breve introdução, iremos descrever as primeiras manifestações que levaram ao advento do Tea Party, bem como do percurso do movimento até sensivelmente às eleições de 2012, quando o candidato republicano Mitt Romney perdeu as presidenciais para o seu oponente. Será uma breve introdução histórica, não é o objetivo desta dissertação estudar o percurso histórico do movimento, já que não se trata de uma dissertação de História mas sim de Ciência Política.

O segundo capítulo é um dos dois capítulos centrais desta dissertação. Analisamos e apresentamos as principais ideias políticas de cada uma das duas grandes facções presentes no Tea Party: os libertários ultraliberais, e os cristãos conservadores. Para não sermos demasiado descritivos, e, pelo constrangimento do número limite de páginas imposto pelo conselho científico, não se fará uma análise exaustiva, apenas os traços gerais mais importantes bem como os temas que lhes são mais caros irão ser apresentados. Iremos, também, investigar a ligação entre o Tea Party e o nacionalismo americano, para tentarmos perceber o porquê de o movimento ser rotulado de extremista pelos liberais³ (esquerda na europa) americanos e de afugentarem parte da população americana, sobretudo as minorias. Seguidamente, iremos proceder à análise da estrutura do movimento, os grupos, a organização e a base que a constitui. A apresentação das características sociológicas dos membros do Tea Party é mais um ponto importante para percebermos quem são os *tea partiers*.

No capítulo seguinte, após a análise de cada peça constituinte do *Tea Party*, deparamo-nos com a necessidade de confrontar as duas principais ideologias presentes, o ultraliberalismo e o conservadorismo religioso, a fim de entendermos até que ponto o movimento, pode ou não, originar choques internos. Iremos também apresentar algumas lacunas, tais como a falta de uma política externa clara e bem definida e a necessidade de os *tea partiers* se inspirarem na

³ Durante a leitura desta dissertação, existe a possibilidade de o leitor ficar confuso relativamente aos termos *liberais*, políticas liberais, ultraliberais, economia liberal. Assim, temos a necessidade de explicar a diferença que o sentido destes termos adotam na Europa ou nos Estados Unidos da América. O liberalismo tradicional, defendido por filósofos políticos como Adam Smith, Jeremy Bentham, ou o John Stuart Mill, defendia, de uma forma muito sintetizada, os direitos naturais, a propriedade privada, a economia de mercado, a liberdade individual, o comércio internacional, a não intervenção estatal na economia, ou seja, o Estado-Mínimo. Na Europa, os partidos que defendem a desregulação da economia, a defesa da propriedade privada e o Estado-Mínimo, são partidos liberais, ou conservadores liberais caso defendam uma visão conservadora da sociedade e da moral mas a liberalização da economia. Os partidos de esquerda defendem o Estado intervencionista, as nacionalizações, etc... Pode surgir dificuldades ao leitor visto que, nos EUA, desde sensivelmente os anos 60, a “esquerda política” é apelidada de “liberal” pelos republicanos - *liberals* - mesmo tendo em conta que o Partido Democrata (a esquerda americana) não defende políticas liberais relativamente à economia. Ou seja, nesta dissertação iremos estudar uma facção libertária que defende o liberalismo económico, ou melhor, o ultraliberalismo económico, mas que acusa o Partido Democrata e o presidente Barack Obama de ser demasiado “liberal”, ou seja, demasiado de esquerda. Logo, nos EUA os “liberais” são os democratas, enquanto os republicanos são apelidados de conservadores, mesmo tendo em conta a existência de moderados no seio do Partido Republicano, e mesmo tendo em conta que são os *tea partiers* quem, através da vontade em instaurar um Estado-Mínimo, defendem o ultraliberalismo. Para mais informações sobre este tema, consultar a obra *Dictionnaire du libéralisme*, sob a direção do Mathieu Laine, em que nos é explicado o que é o liberalismo e quem o defende, além de esclarecer esta complicada denominação utilizada nos EUA, em que a esquerda é apelidada de liberal, mesmo tendo em conta que não é favorável à liberalização da economia (LAINE, 2012). Para mais informação, consultar a seguinte obra: LAINE, Mathieu, *Dictionnaire du libéralisme*, Éditions Larousse, 11/4/2012.

visão neoconservadora no que toca à política externa, enquanto uma parte considerável do Tea Party tem uma visão *paleoconservadora* da mesma. Um diferendo ideológico importante, o qual, será tratado neste capítulo. Além dos choques ao nível das ideias políticas, é interessante averiguarmos até que ponto a estrutura do movimento pode ser uma força, e ao mesmo tempo uma fraqueza. Neste capítulo seremos capazes de responder à pergunta inicial da tese. Uma vez a pergunta central respondida, será interessante apresentar as possíveis consequências da homogeneidade ou heterogeneidade do movimento.

Por fim, apresentaremos uma série de hipóteses que poderão, ou não, acontecer num futuro relativamente próximo. O trabalho de um cientista é estudar o passado e o presente para tentar perceber o mundo no qual vivemos, contudo, apesar de o trabalho de um cientista não ser a futurologia, é importante para a ciência pensar sobre o “amanhã”, sobre o futuro, apresentar hipóteses, possibilidades que, tendo em conta os factos que estudou, poderão ou não acontecer. Será este o tema do capítulo quatro.

As fontes utilizadas são, na sua maioria, fontes de origem americana ou francesa. Foram utilizadas vários tipos de fontes, principalmente livros e notícias, mas também relatórios de organismos estatais. Foram utilizadas fontes americanas pela razão de o Tea Party ser um fenómeno político norte-americano e, conseqüentemente, já vários autores americanos se interessaram pelo caso. Não obstante, pelo facto de os jornais e autores americanos não mostrarem imparcialidade nas suas notícias, foram também utilizadas fontes francesas, já que o afastamento territorial e cultural permitiria uma melhor compreensão do fenómeno estudado. De resto, relativamente às referências bibliográficas, decidimos respeitar o método de Umberto Eco, adotado pela União Europeia. De cada vez que faremos uma citação, irá aparecer o nome do autor, o ano de edição do livro, e o número da página. Quando apenas retiramos uma ideia geral, ou uma citação indirecta, aparece o nome do autor e a data da edição. Quando foram citados directamente artigos de jornais, uma nota de rodapé irá indicar de que artigo se trata.

Capítulo I - Contextualização Histórica

1.1 - O declínio do Gigante Americano

O Movimento *Tea Party* nasceu da evolução de determinados acontecimentos sociais, económicos e políticos. Os acontecimentos socioeconómicos e políticos que se deram na última década, levaram a que a política norte-americana abrisse caminho à criação do Movimento em estudo. O *Tea Party* não nasceu na mente de um determinado político, filósofo ou académico, mas nasceu sim, a partir do descontentamento de milhões de norte-americanos, que decidiram manifestar o seu descontentamento através de enormes manifestações espontâneas⁴. Se Obama é apontado como sendo uma das causas desse descontentamento, a verdade é outra: a raiva que nasceu no seio da classe média americana vem de há algum tempo⁵. Os americanos sentem que os EUA estão a perder a sua vitalidade tão característica, a perder o lugar de *Nação número um* no Planeta, um lugar que fora dos EUA outrora, mas que está ameaçado pela multipolaridade da sociedade internacional atual.

Não é a primeira vez que os americanos sentem que o Império do *Tio Sam* está a entrar em colapso. Os anos 70, do século passado, foram anos de grande preocupação, devido a vários fatores, entre eles a guerra do Vietname (e a retirada humilhante das forças americanas), o caso Watergate⁶, o choque petrolífero⁷, a *Stagflation*⁸, o falhanço da operação que visava salvar os americanos presos na embaixada americana em Teerão, o ressurgimento das guerrilhas comunistas na América Latina, e a Administração Carter, considerada demasiada frágil no frente-a-frente com a URSS. Nas antípodas dos anos 70 encontram-se os anos 90, em que os

⁴ Os autores dividem-se relativamente a este ponto, contudo, os que consultei para a realização desta dissertação afirmam que de facto o Movimento *Tea Party* é um fenómeno político espontâneo que começou através das manifestações de abril de 2009: a Évelyne Joslain, o Scott Rasmussen, o Douglas Schoen, o Ronald Formisano e a Aurélie Godet defendem este ponto de vista; pelo contrário, um dos autores consultados, Anthony Dimaggio, afirma que o movimento foi criado por poderosos lóbis financeiros, e que as próprias manifestações eram orquestradas por esses mesmos lóbis, não tendo nada a ver com um movimento popular espontâneo. Para a realização desta dissertação, decidimos utilizar o primeiro ponto de vista (já que é mais vezes defendido, pelo menos na bibliografia utilizada).

⁵ Dominique Venner sustenta esta afirmação num artigo da Revista *La Nouvelle Revue d'Histoire* intitulado *La fin du rêve américain*. Para o historiador francês Dominique Venner, se é verdade que uma minoria (branca) ficou zangada com a eleição de um presidente negro, a cólera dos americanos já vem de há algum tempo: o desemprego, a perda de poder dos EUA, ou o facto de a maioria branca se deparar com um futuro em que, inevitavelmente, será minoria (devido à natalidade das minorias negras e latinas), são motivos de descontentamento para muitos americanos (brancos e não só).

⁶ *Watergate*: escândalo político americano surgido após dois jornalistas terem provado que o presidente Nixon mandara espiões introduzir-se ilegalmente nos escritórios do Comité Nacional do Partido Democrata, no complexo de *Watergate*, em Washington D.C. (NOUAILHAT, 2003)

⁷ O Choque Petrolífero de 1973 deu-se quando os países produtores de petróleo (países da OPEP) decidiram lançar um embargo contra os países que apoiavam Israel aquando da Guerra do Yom Kippur. Os preços aumentaram rapidamente, causando pânico no Ocidente. Nos EUA o Choque petrolífero afetou a economia. (NOUAILHAT, 2003)

⁸ *Stagflation*: situação económica em que o crescimento económico é fraco ou, em certas situações, nulo, e que, por outro lado, assistimos ao aumento da inflação. Nos EUA, o final dos anos 70 foram marcados, nos EUA, pela *Stagflation*. Foi mais ou menos na mesma altura que os EUA tinham medo que a URSS os ultrapassasse. O Yves Nouailhat fala deste tema na obra *Les Etats-Unis et le monde de 1898 à nos jours*, arugemtando que uma das críticas feitas ao Carter era a de não conseguir lutar contra a stagflation.

americanos sentiam que o modelo defendido pelos EUA era o único modelo que pudesse levar à felicidade e ao bem-estar de toda a população, e, em que os americanos se viam como parte da mais poderosa nação da História. Em 2008, o sentimento era, mais uma vez, de que os EUA estavam a entrar num lento e inexorável declínio, um declínio sem solução.

A grande maioria dos estudiosos que se debruçaram sobre o *Tea Party*, estão de acordo em relação a um fator, a saber, o Movimento *Tea Party* nasceu a partir do descontentamento popular, descontentamento causado pelo medo comum frente aos desafios do futuro e pelo facto de que na psicologia coletiva americana, os EUA são considerados como uma nação que perde força a cada ano que passa⁹, substituída pelo poder político-económico dos países emergentes, sobretudo da China, mas também da Rússia, do Brasil, da Índia, ou mesmo de potências aliadas antigas, tais como a União Europeia e o Japão¹⁰.

Os cidadãos norte-americanos partilham - mais os norte-americanos de cultura anglo-saxónica, menos, os norte-americanos de cultura hispânica - desde há muito tempo alguns mitos fundadores. Os mais importantes encontram-se no mito dos *Pais Fundadores*; no *indivíduo* e na *iniciativa individual*; o mito do chamado *self-made man* e do *do it yourself*; a importância das comunidades étnicas e raciais; o espírito do *business man* e do pragmatismo; a religião, o cristianismo todo-poderoso - onde encontramos os protestantes, os católicos (a aumentar devido à imigração latina/hispânica, muito crente), os evangelistas, os pentecostais/*neopentecostais* e, por último, os fundamentalistas - a dominar a moral social americana, em que “Deus” é omnipresente nos discursos políticos dos senadores, representantes, e presidentes norte-americanos; os insurgentes, em que a contestação à ordem dominante toma um lugar importante na vida política americana, no qual encontramos os movimentos dos direitos cívicos que, através da contestação, conseguem influenciar a política nacional (lembremo-nos da Marcha sobre Washington D.C. em 1963¹¹); a liberdade, conceito fulcral para os norte-americanos, já que existe o sentimento de que os EUA fora uma terra de liberdade desde a sua criação, onde todo e qualquer refugiado pudesse encontrar segurança e

⁹ TODD; Emmanuel, *Après l'Empire : Essai sur la décomposition du système américain*, Éditions Gallimard, 11/9/2002. Neste livro, Emmanuel Todd afirma que, se outrora o poder dos EUA era gigantesco e incontestável, que se os EUA eram sem dúvida a maior nação do século XX bem como a mais poderosa, o facto é que entrou numa fase de declínio. Em primeiro lugar, um declínio demográfico das populações brancas de origem europeias (que impulsionavam o país); em segundo lugar, um declínio a nível cultural; em terceiro lugar, um declínio a nível económico, no qual assistimos a um declínio na capacidade industrial americana, culpa das deslocalizações constantes. Segundo Emmanuel Todd, as intervenções militares constantes são uma forma de os EUA demonstrarem o seu poder militar e assim criar a ideia de que no plano militar, os EUA são invencíveis. Contudo, o declínio é, segundo este autor, bem claro. Para defender uma tese tão polémica, Emmanuel Todd recorreu à ciência política, à economia, à demografia, à antropologia e à geoestratégia. Um livro fulcral para quem queira perceber mais sobre este assunto.

¹⁰ TODD; Emmanuel, *Après l'Empire : Essai sur la décomposition du système américain*, Éditions Gallimard, 11/9/2002. No final de contas, segundo a tese defendida por Emmanuel Todd, os EUA continuarão a ser uma grande potência no Século XXI (tese também defendida pelo historiador Dominique Venner), porém, potências antigas como a União Europeia e o Japão, ou potências emergentes como os países do BRIC, irão mais tarde ou mais cedo apanhar os EUA. Assim, a grande nação norte-americana irá tornar-se uma grande potência entre muitas outras grandes potências.

¹¹ A Marcha sobre Washington, conhecida oficialmente como Marcha para Washington para o Trabalho e a Liberdade, foi organizada em 1963 pelo líder dos direitos cívicos Martin Luther King, para exigir direitos iguais entre os brancos e os negros (bem como toda e qualquer minoria). Foi neste acontecimento que Martin Luther King pronunciou o famoso discurso *I Have a Dream*.

tolerância; o *American Dream* e o *american way of life*, propagandeado pela indústria cinematográfica de Hollywood; e, por fim, o *Manifest Destiny*. Este último mito, o do *Manifest Destiny* - a ideia de que os EUA detinham um papel único na evolução da História mundial, um papel de exceção - tem sido um dos mais abalados pelos acontecimentos que se deram na última década.

Com efeito, desde a sua mais tenra idade, desde que os colonos conseguiram sair do jugo imperial britânico, os americanos viam a sua nova nação como sendo diferente, superior, excepcional, um novo *Israel*, uma nova *Terra Prometida*, de onde iria brotar leite e mel das rochas¹². Esta ideia foi-se enraizando cada vez mais nas mentes dos norte-americanos: a da singularidade da nação americana. Após o final da Segunda Guerra Mundial, os líderes americanos tinham a firme ideia de que o principal papel dos EUA no Mundo era o de assegurar a paz, a tolerância e a Democracia. Seriam, a partir desta data, os polícias do Mundo. Estes teriam necessariamente de difundir a liberdade e a democracia nos quatro cantos do Planeta. Este sentimento foi reforçado aquando da queda da URSS em 1991. Os EUA passariam a ser, utilizando as palavras do ministro francês Hubert Védrine¹³, a *hiperpotência* do mundo. Os EUA entraram na década de 2000 como a hiperpotência mundial. A desastrosa Administração Bush filho acabou com tal imagem. Vinte anos depois da queda do gigante soviético, a ideia de que os EUA eram a única grande potência do mundo, desapareceu. O mundo bipolar da Guerra Fria passou a multipolar, os EUA entraram em declínio económico. O presidente George W. Bush teve alguma culpa no sucedido, nem que seja pelas duas intervenções militares, no Afeganistão e no Iraque que, como já foi referido, dividiram a sociedade americana (entre os que apoiavam as intervenções e os que eram contra), além dos gastos que o Estado teve de suportar.

George W. Bush (filho) teve uma reação demasiada ofensiva após os atentados às Torres Gémeas e ao Pentágono (atentados do dia 11 de setembro de 2001). Os republicanos, dominados

¹² Os EUA seriam uma nação diferente das outras, uma nova Israel: *La théodicée biblique, le schéma sacre de la révélation, de l'élection, et de l'alliance, recouvre le sort autrement profane du Nouveau Monde. Le Dieu horloger s'investit dans l'Histoire et se place en cousinage de Yahvé, maitre du temps, des promesses et des miracles. Le modèle de l'Israël antique domine la conscience américaine naissante au point que sa reconduction terme à terme équivaut vite à une translatio, à l'une de ces généalogies apocryphes du Moyen Âge (...) Sous ce régime d'appropriation, l'Europe des monarchies et des Églises se révèle l'Égypte de Pharaon et de l'esclavage ; l'Amérique, la Terre promise ; les Américains, les Hébreux au désert ; Washington, Moïse ; la traversée, l'Exode ; et la moindre colonie, Jérusalem.* (COLOSIMO, 2006:85-86). O teólogo Jean-François Colosimo passou vários anos nos EUA, teve a oportunidade, em várias missas e discursos religiosos a que assistiu, de ver o sentimento que os americanos partilham em relação à sua nação: uma nação cristã, diferente das outras, que teria sido oferecida aos antepassados (os primeiros colonos) europeus destes por Deus, um pouco à maneira de Israel, oferecido por Deus aos hebreus. Os índios americanos eram vistos como os macabeus da época moderna, politeístas e não-crentes. As riquezas naturais dos EUA (florestas enormes, terras ricas, fauna e flora impressionante, recursos naturais e hídricos gigantescos) eram vistos pelos primeiros colonos puritanos como a prova de que esta era uma nova terra “prometida”. O tema é analisado no livro *Dieu Est Américain, De la théodémocratie aux États-Unis*, do já citado Jean-François Colosimo.

¹³ Ministro francês dos negócios estrangeiros aquando do governo de Jospin, entre junho de 1997 e maio de 2002. (BLUCH, 2008)

pela ala neoconservadora¹⁴, decidiram utilizar o *hard power* americano, e atacar dois países que eram considerados como apoiantes do terrorismo internacional. É importante referir que alguns dos mais ferozes opositores à intervenção no Iraque provinham das fileiras do Partido Republicano - o partido do antigo presidente George W. Bush, o homem que iniciou os conflitos no Afeganistão e no Iraque -, entre eles, Brent Scowcroft, antigo conselheiro nacional de segurança aquando da Administração Bush pai (1989 - 1993). O presidente americano da altura decidiu - como forma de responder aos ataques às Torres Gémeas perpetrados por terroristas islamitas - iniciar duas guerras quase em simultâneo, em países longínquos, países esses já dilacerados por problemas internos ligados a diferenças étnico-religiosas. Duas guerras que causaram um mal-estar no seio da população americana.

A guerra do Afeganistão (iniciada poucas semanas depois do 11/9) não foi considerada um fracasso, tal como foi considerada a intervenção no Iraque, por uma série de fatores: foi mais bem planeada; mais bem fundamentada, pelo facto de os Talibans ajudarem e protegerem os membros da Al-Qaeda; teve o aval da Organização das Nações Unidas (ONU); caso raro, o Irão ofereceu a sua ajuda (devido à importante minoria Chiita do Baluchistão, cerca de 20%); teve o apoio total dos países europeus. Mesmo com todos estes fatores, a guerra do Afeganistão não correu bem aos americanos, aliás, ainda lhes provoca dores de cabeça, doze anos após a operação militar. A Administração Obama decidiu retirar as forças americanas até 2014.

A guerra do Iraque foi um fracasso total: foi mal planeada, as lideranças militares solicitavam mais soldados não só para vencer Saddam Hussein, mas também, para controlar o país, após a derrota das forças militares iraquianas; este pedido recebeu o veto da França (aliada de longa data) e da Rússia na ONU; acabou com uma quase guerra civil entre as fações sunitas e xiitas. Ambos os conflitos, Afeganistão e Iraque, causaram feridas profundas no orgulho americano, o mesmo tipo de trauma e de humilhação que os americanos sentiram após a guerra do Vietname.

A unipolaridade e o não respeito pelos Direitos Humanos durante os anos de Bush filho, acabaram por manchar a imagem dos EUA na qualificação destes como *defensores da democracia, os polícias do mundo*. A invenção das provas de supostas armas de destruição maciças no Iraque, Abu Grahیب, Guantánamo, tudo isto levou a um afastamento dos aliados europeus, e a uma desmoralização crescente dos cidadãos americanos.

Se a política externa não foi propriamente o melhor do Presidente Bush. Relativamente à economia, as políticas adotadas pela sua Administração também não foram bem-sucedidas. Nos últimos meses da Administração Bush, a economia do gigante americano estava de rastos. A crise dos *sub-primes* (créditos imobiliários tornados ativos podres)¹⁵, não só afetou a economia

¹⁴ É importante referir um ponto relativamente a este assunto, os neoconservadores dominaram a política externa, não a política interna da Administração Bush filho, já que não são ultraliberais, nem mesmo adeptos de políticas económicas liberais ou do conceito de “Estado mínimo”, contrariamente à opinião geral. (NOUAILHAT, 2003)

¹⁵ Crise económica desencadeada após o risco de se dar a falência de vários bancos americanos, consequência do falhanço de várias instituições financeiras que davam créditos de alto risco a pessoas que não tinham possibilidades de reembolsar os mesmos. Levou à crise económica de 2008, iniciada em

americana - levando milhões de norte-americanos da classe média a perder as casas onde moravam - bem como o resto do mundo. A taxa de desemprego estava altíssima, milhões de norte-americanos encontravam-se sem emprego, sem poder pagar os créditos aos bancos, levando a mais expulsões das casas, que apenas pioravam o estado de coisas.

Os escândalos económicos que emergiram no seio dos mercados financeiros de Wall Street, levaram a que vários dos antigos defensores do modelo *free Market* deixassem de acreditar no mesmo. Homens como Alan Greenspan, Joseph Stiglitz, ou Francis Fukuyama denunciaram a ideologia americana, acusando-a de, não só de destruir as economias dos países mais pobres, bem como de destruir as economias dos países Ocidentais. Citando o historiador francês Dominique Venner:

(...) en Octobre 2008, voyant s'étendre le tsunami de la crise financière, ce même Fukuyama révisait son opinion en diagnostiquant: "La chute d'Amérique Inc.", autrement dit, la fin du modèle américain, jugé naguère éternel. (...) Ainsi que le soulignait Jean-François Révèle n 1983, longtemps l'idéologie communiste avait aussi semblé fonctionné plutôt bien, sinon pour le peuple russe et quelques autres. De son côté, l'idéologie d'Alan Greenspan, c'est-à-dire l'idéologie américaine, qui ne se limite pas au "free market" avait souvent donné de grands résultats, au détriment toutefois de nombreux peuples et de leur façon de vivre.

(...) On doit préciser aussitôt que les échecs de l'utopie américaine ne signifient pas la fin de la puissance américaine en tant que telle, ni bien entendu de l'économie de marché qui peut prendre les formes les plus diverses. Mais ces échecs vont ruiner le rêve américain comme le constate si bien Fukuyama.¹⁶ (VENNER, 2009,p.36)

Em setembro de 2008, a situação chegara a um estado tão crítico que, para evitar um possível colapso económico, o governo federal injetou cerca de 700 mil milhões de dólares na banca, para estimular a economia (chamado *plano Paulson*). Uma quantidade gigantesca de dinheiro. Assim, Dominique Venner diz-nos o seguinte:

(...) 700 milliard de dollars. C'est l'équivalent du budget militaire annuel des États-Unis, soit dix fois le budget militaire de la Russie et de la Chine réunis. C'est aussi un peu plus des sommes dépensées en cinq ans par les États-Unis pour leur guerre en Irak. Dans ce cas précis, la dépense moyenne est de dix milliard de dollars par mois. Aucune autre puissance au monde ne peut jongler avec de tels chiffres.

Pourtant, cette puissance est ébranlée.¹⁷ (VENNER, 2009,p36)

setembro daquele ano. Milhões de americanos, incapazes de reembolsar os créditos, perderam as casas. É, segundo o Dominique Venner, o início do lento e doloroso declínio dos EUA. Fonte : VENNER, Dominique, La Nouvelle Revue D'Histoire, USA, *La fin du rêve?*, Janvier-Février 2009,p.36

¹⁶ VENNER, Dominique, La Nouvelle Revue D'Histoire, USA, *La fin du rêve ?*, Janvier-Février 2009,p.36

¹⁷ VENNER, Dominique, La Nouvelle Revue D'Histoire, USA, *La fin du rêve ?*, pp.36, Janvier-Février 2009.

As indústrias pesadas já estavam muito enfraquecidas desde os anos 80, face à concorrência dos países em vias de desenvolvimento. Desde o final dos anos 90 era a indústria automóvel americana que começou a tremer. A partir de 2008, a situação tornou-se negra para os construtores automóveis americanos: despedimentos em massa na *General Motors* e na *Ford*; falência da *Chrysler* (foi comprada pela *Cerberus Capital Management LP* em 2007, mudando o nome da empresa para *Chrysler LLC*). A cidade de Detroit, apelidada de *Paris americana*, uma cidade extremamente rica entre os anos 20 e os anos 70 do século passado, é como que uma montra da falência não só das indústrias pesadas, bem como, da indústria automóvel. O colapso da cidade é visível, com vários bairros abandonados. Em relação a este aspecto pouca culpa tem o presidente Bush. A economia internacional apenas mudou, os meios de produção foram progressivamente deslocalizados dos EUA (bem como da Europa) para os países emergentes. A economia americana foi incapaz de se adaptar à mudança.

A deplorável situação económica não afetou apenas a cidade de Detroit. Cidades como Oakland ou Saint Louis estão a experimentar um rápido abandono da população e a fuga destas cidades. Assim, é possível observar nestas cidades: bairros inteiros completamente abandonados¹⁸, ocupados apenas por sem-abrigos, drogados, ou membros de gangues, uma criminalidade constantemente a aumentar¹⁹. A taxa de criminalidade aumentou em muitas cidades, como algumas delas a sofrer taxas de homicídios assustadoras, tal como Saint Louis, New Orleans ou Detroit, podendo chegar, em alguns casos, a 400 homicídios anuais, por cada 100.000 habitantes.²⁰

Há sinais claros de que reina um sentimento de derrota entre a população americana. A tese de que os EUA e a Europa, o chamado Ocidente Cristão²¹, entraram num longo e doloroso declínio irreversível, atingiu a própria academia norte-americana. As teses sobre o declínio e o futuro desaparecimento da Civilização Ocidental Cristã, apareceram em várias grandes universidades americanas. Na categoria dos mais pessimistas encontramos Michael Mandelbaum

¹⁸ Um bom exemplo disso é a cidade de Detroit, cujo abandono pode ser contemplado num *site*, criado apenas com este objetivo, que pode ser consultado na seguinte hiperligação: <http://www.forgottendetroit.com/>

¹⁹ Várias cidades americanas sofrem de uma alta taxa de criminalidade, desemprego, problemas com a droga e bairros inteiros abandonados. Quem tiver curiosidade em relação a este tema, pode consultar a seguinte notícia: *Most Dangerous Cities In America: 24/7 Wall Street Breaks Down FBI Data*, [huffingtonpost.com](http://www.huffingtonpost.com), 21 de junho de 2013, ou consultar a seguinte hiperligação: http://www.huffingtonpost.com/2013/06/21/most-dangerous-cities-in-america_n_3478091.html, o leitor poderá ter uma pequena noção da criminalidade que afeta certas cidades americanas. Uma rápida busca no motor de pesquisa permite-nos ver as estatísticas que algumas cidades apresentam relativamente à criminalidade. Quando comparadas com as cidades europeias por exemplo, as cidades americanas aparecem como muito violentas.

²⁰ No caso da cidade de Detroit, só no município propriamente dito, sem contar com a área metropolitana, o *Detroit Police Department* contou 209 homicídios. Estas estatísticas podem ser encontradas no seguinte *site*: <http://www.detroitmi.gov/DepartmentsandAgencies/PoliceDepartment/CrimeStatistics.aspx>

²¹ Utilizar o termo Ocidente Cristão pode ser polémico contudo, decidimos utilizar este termo para denominar a Civilização da qual fazem parte os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos da América, bem como outras nações tais como o Canadá, a Nova Zelândia ou a Austrália. Neste ponto tendemos a concordar com a divisão feita pelo cientista político Samuel P. Huntington no livro *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*. Naquele livro, Samuel P. Huntington apresenta o Cristianismo Ocidental (Católico Romano, Protestante e Evangelista) como sendo a principal característica da Europa Ocidental e dos EUA, ligando assim os dois lados do Atlântico Norte numa mesma Civilização, o Ocidente Cristão.

e Thomas L. Friedman²², que veem a falta de investimento do Estado nas infraestruturas, um sinal claro de que os EUA abandonaram e baixaram os braços, tese apresentada no livro *That Used To Be Us*. Robert Kagan²³, por exemplo, acha que existe uma ideologia de declínio no seio dos intelectuais e dos *media* americanos, algo que tem afetado a população em geral. Por fim, alguns autores apelam a uma mudança radical na política americana, como Charles Kupchan²⁴. Para ele, é demasiado clara a perda de influência do Ocidente. Em 2008, os EUA estavam de rastos:

*Le programme néoconservateur qui avait inspiré les guerres de l’Afghanistan et de l’Irak n’a finalement que démontré les limites de la puissance militaire américaine. Le krach de 2008 a indélébilement entaché l’idéologie aussi bien que la pratique de modèle économique dont les américains s’étaient fait les champions mondiaux. Enfin, la montée de la Chine, à la fois comme puissance militaire et bailleur de fond de la dette américaine, menace la prétention des États-Unis à être, depuis 1989, l’unique superpuissance*²⁵. (VENNER, 2009, p.37)

Aquando da campanha presidencial de 2008, o pensamento dominante era o de que havia a necessidade de os EUA renascerem e saírem do marasmo político-económico dos anos de Bush filho. Barack Obama prometeu uma mudança radical da política económica e da política internacional dos EUA. Era visto como a luz ao fundo do túnel, uma esperança para milhões de americanos. No dia 4 de novembro de 2008, Barack Obama venceu a eleição presidencial com mais de 69 milhões de sufrágios populares contra os cerca de 59 milhões de sufrágios populares do candidato republicano John McCain²⁶. Barack Obama ganhou 365 grandes eleitores contra os 173 ganhos pelos Republicanos²⁷. Tornou-se o primeiro presidente afro-americano da história norte-americana, um marco importante. A vitória de um candidato negro foi percebida como uma mudança radical na mentalidade coletiva norte-americana. Era uma nova página da história da jovem nação.

²² Os dois escreveram um livro chamado *That Used to Be Us: How America Fell Behind in the World It Invented and How We Can Come Back*, em que apresentam a perda de poder dos EUA (uma perda clara para estes dois autores), e possíveis soluções para salvar a América.

²³ Por exemplo, no livro *The Return of History and the End of Dreams*, Robert Kagan postula que os EUA perderam parte do seu poder e que na Era Pós Guerra-Fria não há nenhuma nação com capacidade de impor uma verdadeira ordem no mundo. Este facto teria, segundo Kagan, levado muitos jornalistas americanos e europeus a apresentarem os EUA e a União Europeia como potências em declínio.

²⁴ Kupchan fala da perda de poder do Ocidente e da necessidade de os líderes ocidentais mudarem radicalmente as políticas externas e diplomáticas no livro *The End of the American Era: U.S. Foreign Policy and the Geopolitics of the Twenty-first Century*.

²⁵ VENNER, Dominique, *La Nouvelle Revue D’Histoire, USA, La fin du rêve ?*, pp.37, Janvier-Février 2009

²⁶ Fonte: site oficial do governo americano, hiperligação: <http://www.archives.gov/federal-register/electoral-college/2008/election-results.html>

²⁷ Fonte: site oficial do governo americano, hiperligação: <http://www.archives.gov/federal-register/electoral-college/2008/election-results.html>

1.2 - O nascimento e a rápida ascensão do Tea Party

Pela primeira vez na curta história dos EUA, o homem que pernoitava na Casa Branca não era de raça branca europeia, mas antes um afro-americano (contudo, de mãe caucasiana). Tal como foi acima mencionado, esta mudança foi vista como sendo um novo renascimento para os EUA. A nação norte-americana estava realmente madura. Os anos de escravagismo, os anos da segregação, os motins provocados pelos problemas raciais ao longo do século XX, tudo isto era passado, os EUA do futuro seriam uma nação multicultural, multirracial e, sobretudo, uma nação tolerante e aberta ao mundo.

O novo presidente, Barack Hussein Obama, apresentava-se à nação como um homem jovem, dinâmico, experiente, corajoso e audaz, com uma grande vontade em salvar a América e fazer com que o país voltasse a ser o número um a nível mundial. Não se apresentou aos cidadãos americanos como mais um presidente, mas antes como o presidente que iria mudar não só os EUA, mas a face do Mundo. O discurso era, no mínimo, profético. O novo Presidente era visto como um salvador ou, em certos casos, como um messias, pronto a limpar todos os males dos EUA para de seguida atacar os males que imperavam no mundo. A propaganda levada a cabo pelo partido Democrata funcionou. Milhões de americanos acreditaram que, de agora em diante, os problemas que a sociedade norte-americana enfrentava seriam resolvidos pelo novo Presidente (KASPI, 2012)²⁸. Mas antes de resolver todos os problemas do Planeta Terra, o novo Presidente tinha de resolver a crise económica que abalava a nação americana.

A primeira grande medida tomada pela Administração Obama foi o plano de estímulo económico, o *Stimulus*, de 787 mil milhões de dólares, quatro meses apenas após o chamado *Plano Paulson*²⁹, que havia obrigado o governo federal a desembolsar a quantia de 700 mil milhões de dólares. No espaço de apenas quatro meses, o governo federal norte-americano desembolsara nada menos do que a exorbitante quantia de 1,487 biliões de dólares, única maneira de salvar a debilitada economia americana. O *plano Paulson* fora criticado por muitos. O novo estímulo à economia americana era, para alguns americanos mais conservadores, a gota de água.

²⁸ Para mais informação sobre as promessas aquando da campanha do atual presidente Barack Obama, a consulta deste livro é fulcral. Assim, André Kaspi, professor emérito da Universidade de Sorbonne, analisa a campanha do atual presidente americano. O tom profético da sua campanha e as promessas de salvação são minuciosamente analisados. De facto, segundo Kaspi, Barack Obama tentou fazer passar a imagem de um homem único, um líder nato, capaz de resolver todos os problemas dos EUA com um simples estalar de dedos para seguidamente atacar os problemas do Planeta. Se foi assim na primeira campanha, Kaspi nota que o tom mudou radicalmente aquando da segunda campanha presidencial, já que grande parte das promessas feitas por Obama não foram cumpridas. Assim sendo, a crise económica continua a imperar, bem como a crise financeira e a crise social. O crescimento é muito lento, e a taxa de desemprego continua alto. O chamado *Obamacare*, apesar de ter passado no Congresso (embora apenas parcialmente), ainda não foi implementado e a demora pode continuar. O lema *Yes, we can* foi pouco a pouco substituído por *Yes, we can but...*

²⁹ O Plano Paulson, também denominado TARP - *Troubled Assets Relief Program* - fora uma medida proposta pela Administração Bush (mesmo tendo em conta que o presidente Bush era contra as intervenções do governo federal na economia) para salvar muitos bancos americanos da falência e assim evitar um pânico financeiro que apenas teria como consequência o desabamento da economia americana e uma repetição da crise de 1929.

A grande maioria, senão a quase totalidade daqueles que estudaram o Movimento *Tea Party* estão de acordo num ponto, a data da criação do movimento³⁰. De facto, o dia 19 de fevereiro de 2009 é apresentado como sendo a data na qual nasceu o movimento em estudo. Nesse preciso dia, dois dias após o 111º Congresso Americano ter ratificado o *American Recovery and Reinvestment Act of 2009*³¹, o jornalista conservador Santelli, que tem uma crónica financeira no canal CNBC³², apela, após ter criticado as políticas do recém-eleito presidente Barack Obama, à população americana a lançar um novo *Tea Party*³³. Zangado com o plano de estímulo à economia, Santelli desejou ver os americanos responder à Administração Obama da mesma maneira que os colonos americanos haviam respondido às taxas impostas por Londres, através da organização de um movimento de contestação, desta vez não em Boston, mas sim em Chicago, cidade onde o presidente Obama passou a maior parte da vida.

Rick Santelli faz parte do *Chicago Mercantile Exchange*, uma das muitas ramificações da bolsa de Chicago, uma bolsa enorme que controla o comércio da região. O descontentamento deste jornalista devia-se ao facto de o presidente Barack Obama culpar os agentes financeiros de todas as bolsas pela Grande Recessão atual. Para Santelli, este discurso não fazia sentido, já que a ramificação onde ele trabalhava, apenas para citar um exemplo, nada tinha a ver com o mercado imobiliário, uma vez que negociavam gado ou produtos agrícolas. *C'est Santelli qui insiste sur cette précision, car il est important que le public comprenne qu'une branche pourrie ne doit pas être prétexte à abattre l'arbre. (...) C'est donc en capitaliste integre et passionné que ce matin du 19 février? A 8h30, Santelli laisse son indignation personnelle l'emporter sur la neutralité professionnelle* (JOSLAIN, 2012 :15).

Para Santelli, o novo plano de estímulo à economia era a gota de água. Tanto o TARP³⁴ como o ARRA³⁵ iam buscar dinheiro federal, pago pelos impostos dos contribuintes, não apenas para criar emprego e assim relançar a economia, mas sim, para salvar os investidores e os

³⁰ Évelyne Joslain, Aurélie Godet, Scott Rasmussen, Douglas Schoen, Soufian Alsabbagh, Anthony Dimaggio, entre outros.

³¹ O ARRA - *American Recovery and Reinvestment Act of 2009* - foi um plano de estímulo económico que injetou 787 mil milhões de dólares na economia norte-americana para responder à Grande Recessão. Mais tarde, a quantia subiu para 827 mil milhões. Através deste estímulo, o governo federal irá investir em vários sectores da economia norte-americana. O primeiro objetivo era criar emprego, relaxar as bolsas, e investir em infraestruturas, na saúde, na educação, nas energias renováveis, e na ciência. Para o presidente Obama, esta medida era a única maneira de salvar a economia americana, muito debilitada desde 2008. Conseguiu com que o Congresso o retificasse, contudo, segundo o presidente Obama a medida foi insuficiente. Fonte: Associated Press, *Stimulus Bill far from perfect, Obama says*, NBCNews.com, 2/07/2009.

³² O próprio Rick Santelli não estava à espera das repercussões que o seu apelo teria na opinião pública. Para ler bem como visionar o vídeo original, onde o Rick Santelli apela a um novo *Tea Party*, seguir a seguinte hiperligação: http://www.youtube.com/watch?v=wcVsjKCU_Zo (consultado a 23 de fevereiro).

³³ O *Tea Party* que Rick Santelli mencionou, e que mais tarde deu o nome ao movimento que me propus estudar nesta dissertação, refere-se ao *Boston Tea Party*, o ato fundador da Guerra de Independência dos Estados Unidos da América (1775-1783). Em maio de 1773, o Parlamento de Londres decidiu impor severas taxas às exportações de Chá com destinação às colónias da América do Norte. No dia 16 de dezembro de 1773, cerca de 60 habitantes da cidade de Boston, atacaram (vestidos de índios americanos) três navios ingleses e deitaram ao mar a carga de Chá. Londres decidiu reagir com força, o que acabou por obrigar os colonos a formar um Congresso e declarar, em 1774, a independência (BOORSTIN, 1991).

³⁴ *Troubled Assets Relief Program*.

³⁵ *American Recovery and Reinvestment Act*.

agentes financeiros dos bancos, completamente irresponsáveis, e, para refinar aqueles que autorizavam créditos de alto risco a pessoas que não tinham possibilidades de reembolsar os créditos imobiliários. Para o jornalista, o governo federal estava não só a desculpar o comportamento pouco ético dos líderes dos maiores bancos americanos, mas também a punir os milhões de contribuintes que nada tinham a ver no assunto. Partilhou com milhões de americanos, em direto, o seu descontentamento ao assistir por parte do governo federal, uma desculpabilização da irresponsabilidade dos grandes bancos americanos:

(...) Que l'Administration sauve de la saisie des personnes qui, pour commencer, n'auraient jamais dû être autorisées à contracter un emprunt immobilier, ça, ça revient à faire l'apologie de comportements déviants. (...) Vous autres qui êtes si calés en informatique, qu'attendez-vous pour organiser sur Internet sous forme de référendum un débat sur vos plans de sauvetage? (...)

Combien d'entre vous sont d'accord pour payer les traites de votre voisin qui croule sous les dettes mais veut s'offrir une salle de bains supplémentaire? (...) Vous entendez ça, président Obama? C'est L'Amérique ici! (...) Et voilà que nous passons de l'individuel au collectif, comme à Cuba! Nos Pères fondateurs se retournent dans leur tombes³⁶ (JOSLAIN, 2012, p.16).

No final da sua alocação, Rick Santelli, provavelmente galvanizado pelo apoio da audiência que se encontrava detrás dele³⁷, apelou os americanos a criar um novo *Tea Party*, era, segundo ele, a única maneira de lutarem contra as medidas irresponsáveis e injustas da nova Administração. Eram 8h35, o próprio Santelli não estava à espera da importância que aquelas palavras teriam na história recente dos EUA, nem o futuro Movimento que se iria organizar à volta do nome *Tea Party*. Santelli falara apenas quatro minutos e meio, contudo, aquele momento ficou na história. Um pequeno discurso de um homem que era totalmente desconhecido para a maioria dos americanos, provocou, logo no próprio dia, uma reação em cadeia um pouco por todo o país. Meios de comunicação importantes noticiaram o discurso de Santelli. Comentadores populares ficaram divididos quanto ao conteúdo. O vídeo onde discursava tornou-se viral na Internet em poucas horas. Milhões ouviram-no. Iniciavam-se debates acesos em vários fóruns políticos na Internet. A popularidade de Santelli cresceu tanto e num espaço de tempo tão curto que, apenas quatro dias após ter apelado à contestação nas ruas, a Casa Branca decidiu responder, pelo intermediário do Secretário para a Imprensa, Robert Gibbs, às palavras do editor da CNBC. O secretário Robert Gibbs decidiu contra atacar,

³⁶ Rick Santelli citado por Évelyne Joslain embora ela tenha mudado um pouco as palavras originais, culpa da tradução realizada.

³⁷ É importante mencionar que a audiência era constituída na sua totalidade pelos *traders* do *Chicago Mercantile Exchange*, o que explica o apoio imediato que as palavras de Santelli receberam. Os colegas de Santelli estavam preocupados com as recentes medidas tomadas pela recém-eleita Administração Obama. As palavras de Santelli apenas refletiram o sentimento comum da altura, um misto de nervosismo e de raiva.

afirmando que as palavras de Rick Santelli não faziam sentido, e que provavelmente o editor da CNBC não entendia certos conceitos de economia. *I feel assured that Mr. Santelli doesn't know what he's talking about*³⁸, afirmou o secretário, de forma a minimizar as palavras de Santelli. Se é verdade que a resposta da Casa Branca foi deveras rápida, não foi, contudo, suficiente para impedir os primeiros protestos.

No dia 27 de fevereiro de 2009, centenas de milhares de cidadãos americanos manifestaram-se em oito grandes cidades americanas contra as novas taxas impostas pela Administração Obama³⁹. Os *media* americanos não ofereceram muita importância a estas manifestações, a não ser o canal de televisão *Fox News*, conhecido canal conservador, acusado muitas vezes pelos democratas de ser o porta-voz do Partido Republicano⁴⁰. Durante o mês de março, pequenas demonstrações continuaram a ocorrer em várias cidades do país, todavia, nada que pudesse preocupar a nova administração. Enquanto as lideranças políticas em Washington D.C. (tanto as do Partido Republicano como as do Partido Democrata) ignoravam estas pequenas manifestações - por acharem que eram demasiadas insignificantes para mudarem alguma coisa na paisagem política - vários grupos, que se apelidavam como de *Tea Party Protesters*, apareciam na Internet, e, ganhavam milhares de membros a cada dia.

O primeiro grande evento que realmente levou o Movimento *Tea Party* à notoriedade aconteceu no dia 15 de abril de 2009, na cidade de Washington D.C, a capital federal. O dia não foi escolhido ao acaso, já que era a data limite para os cidadãos americanos entregarem a sua declaração de impostos, o chamado *Tax Day*. Os organizadores da manifestação eram, na sua maioria, totalmente desconhecidos do público, alguns nunca haviam participado na vida política americana⁴¹. Havia convocado a manifestação através das plataformas digitais⁴². O apelo tornou-se tão forte, que não só milhares de pessoas se manifestaram na capital, como o mesmo tipo de manifestação ocorreu em mais de oitocentas cidades em todo o país⁴³.

O movimento ganhara demasiada importância para não ser comentado pelas elites da esquerda americana, bem como pelas elites da direita. Os membros do Partido Republicano rapidamente apoiaram as pessoas que protestavam e disseram compreender a raiva destes cidadãos. Pelo contrário, as elites Democratas, que tinham simplesmente ignorado o movimento entre o final de fevereiro e o dia 14 de abril, decidiram minimizar e mesmo desprezar o movimento. Assim sendo, a chefe de fila do Partido Democrata, Nancy Pelosi,

³⁸ Robert Gibbs citado por Phil Ronsethal, *Rant raises profile of CNBC on-air personality Rick Santelli*, Chicago Tribune News, 23/02/2009.

³⁹ Jane Hamsher, *A Teabagger Timeline: Koch, Coors, Newt, Dick Armev There from the Start*, huffingtonpost.com, Huffingtonpost Blog, 15/04/2009.

⁴⁰ Embora ultimamente tem sido muito criticado pelos membros do Partido Democrata por ser o principal porta-voz do Movimento Tea Party, e pelas constantes críticas feitas a Obama, algumas delas completamente infundadas, relativamente à origem do Presidente Obama.

⁴¹ Kate Zernike, *Unlikely Activist Who Got to the Tea Party Early*, The New York Times, 27/02/2009.

⁴² É também interessante notar que a Fox News teve, através de vários jornalistas e comentadores conservadores e de ultradireita, alguma importância no apelo à manifestação. Desde o início das manifestações, como veremos mais tarde, a Fox News tem sido mais do que um canal de informação, antes um canal de propaganda para os militantes do *Tea Party*.

⁴³ *Anti-Obama 'tea party' protests mark US tax day*, AFP, 15/04/2009.

criticou o movimento, considerando-o orquestrado. A quase totalidade dos Democratas preferiram desconsiderar aquilo que se estava a passar:

At the time, no one in the media or in the political elite thought that these protests were important. In fact, many said they were irrelevant. Some, ignoring the obvious, said they did not exist at all. (...) The first reaction from political and media elites was that these were insignificant gatherings, just small numbers of people inflated by the media. (...) they said that these protest were by no means spontaneous, that the Tea Party movement was not a legitimate grassroots⁴⁴ movement. Rather, it was being fed and fueled by conservative talk radio and cable television.

(...) And when the Tea Party movement was recognized to be a viable and real organization, the media said a number of things about it as a means of discrediting it. (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010, p.2-5)

Durante o verão de 2009, quando o movimento já era demasiado importante para ser ignorado pelos principais *media* americanos, pois já contava com alguns milhões de apoiantes, os congressistas Democratas contra-atacaram. Acusaram elementos ultraconservadores do Partido Republicano de estarem por detrás das manifestações, e que os militantes e porta-vozes do Tea Party não eram nada mais do que meras marionetas, nas mãos dos marionetistas Republicanos. Acusavam o Movimento de não ser um movimento popular genuíno (RASMUSSEN e SCHOEN, 2012), acusavam-no de ser *astroturfing*⁴⁵, levado a cabo pelo Partido Republicano, com vista a retomar a Casa Branca em 2012.

O descrédito a que teve direito inicialmente pode ser em parte explicado pelo facto de assustar uma parte das elites Democratas, bem como, algumas elites Republicanas da ala moderada. Os democratas teceram várias críticas ao movimento. Alguns argumentavam que era apenas uma ramificação radical que o Partido Republicano usava para seu próprio benefício, ou que os militantes eram manipulados pelas elites económicas de K Street⁴⁶ e de Wall Street⁴⁷. Outros, afirmavam que eram apenas um reduzido grupo de extremistas racistas e de extrema-direita (RASMUSSEN e SCHOEN, 2012), mesmo tendo em conta que, somando todos os que apareciam nas manifestações em todo o país, contavam-se milhões de aderentes, entre eles negros, latinos e asiáticos.

⁴⁴ *Grassroots*: Movimentos ou manifestações populares.

⁴⁵ *Astroturfing* consiste numa técnica de propaganda cujo objetivo é o de criar a impressão no seio da opinião pública de que uma determinada manifestação, um determinado movimento social/político foram completamente espontâneos, quando na verdade foram orquestrados por uma determinada elite. O contrário do *astroturfing* é o *grassroots*, movimentos e manifestações populares espontâneos. Fonte: <http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Astroturf%2C+astroturfing>

⁴⁶ K Street é uma via onde se localizam muitos centros *Think Tank*, lóbis, organizações que fazem pressão sobre o governo americano.

⁴⁷ Wall Street é a rua onde se localiza a Bolsa de Nova York, a mais importante do Mundo.

Segundo dois analistas políticos americanos, Scott Rasmussen e Douglas Schoen⁴⁸, todas estas acusações são falsas. Metades dos membros do *Tea Party* seriam independentes. Há muitos membros que não são necessariamente de raça branca (caucasianos). Há muitas mulheres no movimento, não apenas homens brancos de meia-idade. Dentro do movimento encontramos de tudo, desde pessoas que nunca estiveram envolvidas na política, a independentes que, apesar de se interessarem pela vida política do seu país, não queriam ter de optar nem pelo partido do *elefante* nem pelo partido do *burro*. Há também muitos membros do Partido Democrata, antigos Republicanos conservadores, membros do Partido Libertário americano. Entre 40 a 50% dos membros do *Tea Party* não se reivindicam do Partido Republicano. Em 2010, cerca de um terço identificava-se como Democrata e/ou independente. Por último, cerca de 30% dos membros do *Tea Party* dizem-se moderados ou liberais. Segundo o Winston Group, o *Tea Party* era constituído, em 2010, por 57% de Republicanos, 28% de independentes, 13% de Democratas. Segundo a mesma sondagem, dois terços dos membros do *Tea Party* afirmam ser conservadores, 26% moderados, e 8% liberais. (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010)

Contrariamente aos clichés que a maioria dos *media* americanos e europeus tentaram passar, a verdade é que os militantes deste movimento eram cidadãos que apenas estavam zangados com o rumo que os EUA estavam a tomar. Estes cidadãos descontentes partilhavam um conjunto de ideias, ideias essas que constituíam o pilar central das reivindicações do movimento: governo limitado; logo, opõem-se a um Governo federal gigantesco, bem como a um Estado *guarda-chuva*, como os que encontramos um pouco por toda a Europa. Acusam a Administração Obama de querer transformar o Governo federal americano num regime socialista; orçamento controlado (*balanced budget*); os gastos sociais devem ser reduzidos, um Estado social irá, necessariamente, conduzir os EUA à bancarrota; redução rápida dos impostos e dos encargos sociais; redução da imigração e expulsão dos ilegais, como forma de proteger os empregos dos americanos; os EUA devem continuar a ser a potência número um do Planeta (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

O movimento *Tea Party* é apenas uma nova reação populista, algo recorrente na história dos EUA. Nos anos 50 houve o *McCarthyism*⁴⁹, nos anos 90 o *Contract with America* do senador *Newt Gingrich*⁵⁰. A grande novidade, em relação aos movimentos conservadores e

⁴⁸ São considerados como dois dos melhores analistas do Movimento Tea Party. O livro que ambos escreveram, *Mad As Hell*, tem sido utilizado por várias outros autores que trataram o tema aqui tratado. Aliás, muita da bibliografia utilizada para a realização desta dissertação apoia-se neste preciso livro.

⁴⁹ O *Macartismo* (em inglês, *McCarthyism*) é uma época de “caça às bruxas” que se deu nos anos 50, assim denominado devido ao facto de a caça às bruxas ter sido lançada pelo senador Joseph McCarthy. Este último acusara o governo americano de ter sido infiltrado por comunistas, e de que era necessário apanhá-los antes que tomassem conta dos EUA. Era o chamado “Medo Vermelho”, o medo de que os comunistas invadissem ou tomassem conta (através de um golpe interno) dos EUA. Alsabbagh diz-nos que *Les prétentions du sénateur républicain du Wisconsin, Joseph McCarthy, au sujet d’un complot communiste au sein du gouvernement de Washington, est à comprendre comme l’amalgame entre le big government promu par le New Deal des démocrates et la philosophie originelle du communisme, basée sur la nationalisation des moyens de production* (ALSABBAGH, 2012 :28).

⁵⁰ O Contrato com a América (em inglês, *Contract With America*) foi uma tentativa por parte de alguns líderes republicanos, tais como Newt Gingrich, de revitalizarem o Partido Republicano após a derrota nas presidenciais de 1992, em que o jovem democrata Bill Clinton havia vencido contra o presidente cessante George Bush (pai). Havia uma série de pontos que os republicanos deviam apresentar no Congresso, tais

ultraconservadores do passado, deve-se ao facto de o *Tea Party* contar no seu seio, membros, tanto da direita como da esquerda. É um verdadeiro movimento popular, constituído por pessoas de todas as classes sociais, cuja preocupação com o futuro do país é palpável. É por isso mesmo que o movimento foi ganhando popularidade entre as massas.

A popularidade e o apoio do *Tea Party* cresceu tanto ao longo do ano de 2009 e início de 2010, que o movimento estava pronto para concorrer nas eleições intercalares de 2010. Não iria concorrer como uma terceira força política, antes integrado no Partido Republicano, o GOP⁵¹. O movimento era, na Primavera de 2010, extremamente forte. Em abril de 2010 mais de 48%⁵² dos americanos concordavam com vários pontos defendidos pelo *Tea Party*, sobretudo com a redução dos gastos do governo federal, bem como, a necessidade de limitar a imigração. Era um problema sério para a Administração Obama, já que 2010 era ano de eleições, e o *Tea Party* partia como favorito na corrida ao Congresso (Senado mais a Câmara dos Representantes).

Os problemas dos Democratas começaram quando, neste mesmo ano, o assento do senador Ted Kennedy, que falecera em agosto de 2009, foi ganho por um candidato Republicano apoiado pelo *Tea Party*, o populista Scott Brown, conhecido por andar de *pickup truck* através do Estado do Massachussetts, e, falar diretamente com as pessoas, nos bares, restaurantes, ou nas festas locais, uma forma de fazer campanha que lhe valeu muitos votos populares e que permitiu ganhar um assento que era tradicionalmente democrata. Noutros Estados federados, tais como o Colorado, Alasca, Delaware, Florida, Nevada, Carolina do Sul, Utah, Pensilvânia ou o Estado de Nova Iorque, os candidatos apoiados pelo *Tea Party* alcançaram sucessos que deixaram os líderes Democratas perplexos. No final das eleições de 2010, dos 138 candidatos Republicanos ao Congresso apoiados pelo *Tea Party Movement*, 32% foram eleitos (ALSABBAGH, 2012). A força do movimento dentro do *Grand Old Party*⁵³ era uma realidade. A partir de agora os Democratas teriam que os ter em conta.

Existem algumas explicações para o facto de o *Tea Party* ter ganho vários assentos no Congresso em 2010. A explicação mais plausível é a de que os eleitores independentes decidiram punir a Administração Obama, que havia feito muitas promessas em 2008, mas que não cumprira a maior parte delas. Em segundo lugar, a euforia que nascera com a eleição de Barack Obama desapareceu após somente dois anos. Os milhões de jovens negros e latinos que haviam votado democrata em 2008, não votaram em 2010, ou porque consideravam que estas eleições eram menos importantes, ou porque não viram a sua situação socioeconómica melhorar

como responsabilidade fiscal, criação de emprego, leis mais duras contra a criminalidade, proibir a utilização de soldados americanos por parte da ONU, ou a proteção do conceito de “família”. Curiosamente, muitos pontos defendidos pelo Contrato com a América são também defendidos pelo *Tea Party* atualmente, o que explica o fato de Newt Gingrich aproximar-se do movimento. No final, o *Contract with America was a brilliant strategy that proved extremely successful. Republicans were elected in record numbers, taking control of both the Senate and the House of Representatives for the first time since 1954. The author of the Contract with America, Newt Gingrich, was elected Speaker of the House* (WAGNER, 2007:93).

⁵¹ GOP - *Grand Old Party*. O Partido Republicano é assim carinhosamente apelidado por muitos dos seus membros.

⁵² Segundo um relatório levado a cabo pelo Rasmussen Report (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

⁵³ O Partido Republicano é, certas vezes, denominado de *Grand Old Party*.

nos dois primeiros anos da Administração Obama. Por outro lado, os cristãos conservadores que haviam apoiado Bush mas que, na eleição presidencial de 2008, se haviam absterido de votar - em parte desapontados pelos dois últimos anos da Administração Bush - decidiram votar em massa. A campanha do *Tea Party*, conseguiu levar milhões de eleitores conservadores a votarem nos candidatos Republicanos que apoiavam (FORMISANO, 2012).

Após as eleições de 2010, o Movimento *Tea Party* foi ganhando terreno, não só na paisagem política norte-americana, mas sobretudo dentro do Partido Republicano, algo que aborreceu muitos militantes e líderes Republicanos, sobretudo os da ala moderada⁵⁴ do partido, e mesmo por alguns membros da ala conservadora. Entretanto, durante o ano de 2011, alguns neoconservadores dos anos Bush filho, decidiram sair do partido, em parte pela oposição que mostravam relativamente à ala *Tea Party*, provocada pelas divergências que nutriam com estes últimos em relação à economia e à política externa⁵⁵. Quando as eleições presidenciais de 2012 se aproximavam, muitos candidatos Republicanos começaram a radicalizar o seu discurso político, de forma a agradar os apoiantes do *Tea Party*⁵⁶. Muitos interrogavam-se, tanto no partido Democrata como no partido Republicano, como é que um Movimento surgido apenas três anos antes, conseguiu ser tão importante e ter tanto peso nas eleições presidenciais de 2012. A resposta encontrava-se no facto de quase 18% do eleitorado americano apoiar, no final de 2010, o movimento *Tea Party*.

Como é sabido, o presidente Democrata Barack Obama, conseguiu vencer as eleições presidenciais de 2012 contra o candidato Republicano Mitt Romney. As eleições presidenciais foram interessantes, no sentido em que, mostraram ao mesmo tempo a força do *Tea Party* e as fraquezas deste Movimento. Durante as primárias Republicanas, todos os candidatos Republicanos - Mitt Romney, Rick Santorum, Newt Gingrich e Ron Paul - tentaram cair nas boas graças do *Tea Party*, que havia saído muito reforçado das eleições intercalares de 2010. A capacidade do Movimento em influenciar as primárias foi marcante no desenrolar destas. No final, foi o candidato preferido dos *tea partiers* quem ganhou, o mórmon Mitt Romney. Este candidato conseguira juntar o apoio dos eleitores mais moderados do Partido Republicano bem como do eleitorado *tea partier*. Teve a capacidade de moderar o seu discurso, sobretudo no que tocava à imigração, à relação dos EUA com o Islão, e ao ensino do criacionismo nas escolas (admitiu que acreditava plenamente nas teorias darwinistas), ao mesmo tempo que se

⁵⁴ Os moderados são atualmente uma minoria dentro do GOP. Eram a maioria na época do Presidente Eisenhower, mas foram ultrapassados pelos conservadores cristãos, nos anos 80.

⁵⁵ Mais à frente iremos ver as divergências que existem entre os membros da ala *Tea Party* e os neoconservadores, sobretudo no que toca a economia e política externa.

⁵⁶ Muitos autores consultados para a realização desta dissertação - Évelyne Joslain, Ronald Formisano, Nicole Morgan, Soufian Alsabbagh, Aurélie Godet, Douglas Schoen e Scott Rasmussen, entre outros - estão de acordo em relação a este ponto. Entre 2010 e 2012, ou seja, entre a vitória republicana nas eleições de 2010 e a campanha para as primárias republicanas de 2012, a maior parte dos candidatos republicanos radicalizaram o seu discurso de forma a agradar ao eleitorado ultraconservador do *Tea Party*. O apoio do movimento ultraconservador era visto como necessário a uma possível vitória tanto nas primárias republicanas como nas eleições presidenciais de 2012. O candidato republicano derrotado em 2012, o mórmon Mitt Romney, apenas venceu as primárias após conseguir o apoio do eleitorado ultraconservador do *Tea Party*. Como veremos no último capítulo (capítulo IV), a derrota de Mitt Romney levou a liderança e os intelectuais do GOP a repensarem o papel do *Tea Party* no seio do partido do elefante.

apresentava como um candidato preocupado com os gastos do Estado Federal, conservador no plano social, e, interessado em defender agressivamente os interesses americanos no Mundo. Apesar de popular, nunca conseguiu ultrapassar Barack Obama nas sondagens. À derrota dos Republicanos seguiu-se uma troca de acusações entre Republicanos tradicionais e os ativistas do *Tea Party*.

Em vez de tentarem perceber qual a razão que os levou à perda de apoio entre o eleitorado, os *tea partiers* acusaram os moderados pelo falhanço na eleição presidencial de 2012. Segundo os *tea partiers*, os compromissos realizados entre os moderados (e mesmo os conservadores republicanos e neoconservadores) do Partido Republicano e os Democratas, afastaram o eleitorado conservador e ultraconservador, o que levou à derrota do candidato Mitt Romney. Durante toda a campanha presidencial, o *Tea Party* esteve sempre a acusar os moderados de terem traído o Partido Republicano, de se terem aliado ao presidente Obama, de serem *RINO's*⁵⁷ escondidos, cujas políticas demasiadas *soft* (por preferirem o diálogo ao confronto) levaram o Partido Republicano a perder credibilidade junto do eleitorado mais conservador.

Pelo contrário, vários analistas e jornalistas políticos acusaram o *Tea Party* de ter sido, em parte, uma das causas da derrota Republicana nas eleições de 2012⁵⁸. Se é verdade que foram os apoiantes e ativistas do Tea Party a mexer com as primárias republicanas e, ao acumularem muita popularidade junto dos eleitores conservadores, escolheram a dedo o candidato republicano (Mitt Romney), não é menos verdade que o Movimento ganhou demasiada confiança e sobrestimou a sua própria popularidade. A derrota em 2012 foi maior do que, à primeira vista parece:

It's not just that Mitt Romney lost, as did several Republican Senate candidates who should have won easily. The election was a victory for all kinds of big city liberal values: weed was legalized; so was gay marriage. The rape apologist candidate lost. The first openly gay woman was elected to the Senate. The first black president was reelected - on a platform of Obamacare, immigration and raising taxes.

*On the republican side, the most energetic part of the party is also the most opposed to these ideals. While the Tea Party won republicans a majority in the House in 2010, election night 2012 showed the party's message is toxic at the national and statewide levels.*⁵⁹ (REEVE, 2012)

⁵⁷ *Republican In Name Only*, crítica feita aos republicanos vistos como demasiados moderados.

⁵⁸ Apenas para citar alguns exemplos em que jornalistas políticos e analistas políticos criticam o papel do Tea Party nas primárias republicanas e nas presidenciais de 2012, e o acusam de ser responsável, em parte, pela derrota republicano: ROUGIN, Thibaut, *Défaite de Romney: quel avenir pour le parti républicain?*, franceinfo.fr, 7/11/2012; ZELIZER, Julian, *What the Tea Party cost the GOP*, cnn.com, 18/12/2012; CHAMPIN, Christophe, *États-Unis: les leçons de la défaite de Mitt Romney*, rif.fr, 7/11/2012; DODMAN, Benjamin & LAFITTE, Priscille, *Les républicains doivent prendre conscience des changements de l'électorat*, france24.com, 8/11/2012.

⁵⁹ REEVE, Elspeth, *The Tea Party's National Ambition Are Finished*, The Atlantic Wire Online, 7 novembro de 2012.

Várias outras razões são evocadas para explicar a derrota Republicana. O *Tea Party* colou-se ao Partido Republicano e tentou dominar todo o processo de candidatura. O eleitorado mais jovem, os negros, os latinos, os asiáticos, preferiram votar no Partido Democrata do que num partido que consideravam caído para o ultraconservadorismo e para o racismo. Mesmo dentro da população caucasiana, o radicalismo do *Tea Party* - que obrigou os candidatos Republicanos a radicalizarem o discurso - afastou parte de um eleitorado conservador que votava tradicionalmente noa Republicanos. Os quase 18% de eleitores a apoiar o *Tea Party*, deu demasiada confiança ao movimento. Permitiu aos *tea partiers* aumentar o seu poder dentro do GOP, mas não era suficiente para permitir ao Partido Republicano uma vitória nas eleições de 2012. Cada vez mais os Republicanos criticavam os *tea partiers*. Mas fica a pairar no ar a seguinte questão: quem são os *tea partiers*, e que ideias partilham?

Síntese do Capítulo I

Aquando da criação da sua nação, os americanos sentiam que os EUA seriam um país único, um novo *Israel*, onde todos aqueles que fugissem à perseguição religiosa pudessem viver uma nova vida, em paz, em liberdade, sob um regime democrático e bom. Após a Segunda Guerra Mundial, os EUA tornaram-se a superpotência número um. Cresceu o sentimento entre os americanos de que o país do *Uncle Sam* tinha uma missão, a de levar a democracia e a liberdade a todos os povos do Mundo.

A guerra-fria entre os EUA e o gigante soviético, levou os americanos a intervir um pouco por todo o mundo: Coreia, Vietname, vários países da América do Sul e da América Central. Ao fim de quarenta e cinco anos de guerra-fria, os EUA saíram vencedores. Eram, doravante, a única superpotência do Mundo ou, para citar um deputado francês Hubert Védrine, a *hiperpotência* mundial. Os anos 90 foram bons para o país. O novo século começou da pior maneira, com um ataque no território nacional, o 11 de setembro de 2001. As duas intervenções americanas no Afeganistão e no Iraque, em vez de fortalecer a posição norte-americana no mundo, enfraqueceram o gigante americano. A crise económica de 2008 apenas piorou a situação do país, como que um ponto final no triste percurso da Administração Bush filho.

A campanha de Barack Obama centrou-se mais no apontar dos problemas do que nas soluções. Uma campanha com um tom quase profético, levou a que centenas de milhões de americanos acreditassem num amanhã melhor. Como nos diz André Kaspí, após quatro anos no poder, as coisas não melhoraram muito nos EUA (bibliografia). Pelo contrário, o desemprego mantém-se alto, a crise não foi solucionada e os grandes investidores de Wall Street, que tiveram muita culpa na crise, nunca foram levados à justiça. A resposta de Barack Obama à crise foi insuficiente.

O *Tea Party Movement* foi a resposta encontrada pelos cidadãos americanos para mostrarem o seu descontentamento e a sua raiva. Contrariamente àquilo que os *media* americanos liberais e os *media* europeus diziam, o movimento é - um ponto onde quase todos os autores concordam - espontâneo e popular. Não se trata de *astroturfing*. Contudo, se numa fase inicial não havia uma verdadeira liderança no seio do Movimento, a partir do momento em que este se juntou ao Partido Republicano, surgiram líderes políticos que se diziam representantes do Movimento e que o defendiam. As eleições de 2010 correram muito bem ao *Tea Party*, tendo conseguido eleger 32% dos 138 candidatos que apresentou ao Congresso. Resta-nos, agora, analisar os dois grandes grupos presentes no seu seio: os cristãos ultraconservadores; e os libertários, espécies de anarca-capitalistas.

Quanto às características socioeconómicas dos apoiantes e dos militantes do movimento, o facto de se tratar de pessoas caucasianas de uma certa idade, informa-nos acerca do estado mental da classe média caucasiana e dos antigos e atuais colarinhos azuis. Têm medo em relação ao futuro. Os mais velhos têm medo em relação ao futuro dos seus filhos e netos, bem como das suas reformas. Os mais novos têm medo de perder o seu emprego. Ambos estão

assustados com o rumo que o país está a tomar. Por se tratar da classe média branca, o movimento conseguiu ganhar poder, já que estamos a falar da classe que mais participa a nível político.

Capítulo II - Libertários e Ultraconservadores Cristãos

2.1 - Libertários: o horror ao *Big Government* e a desregulamentação da economia

Libertários, ultraliberais, minarquistas, ou mesmo, em certos casos, anarca-capitalistas - embora não haja verdadeiros anarco-capitalistas no *Tea Party*, caso contrário, não fariam parte de um partido político, neste caso, do Partido Republicano - eis as denominações que podemos dar a uma das duas grandes fações presentes no *Tea Party*. O Movimento nasceu - nunca é demais repeti-lo - a partir da revolta de milhões de americanos aos gastos considerados excessivos do Estado federal⁶⁰. Se atualmente existem duas grandes fações no *Tea Party* - os ultraliberais/libertários e os cristãos conservadores *tea partiers*, a verdade é que no início do movimento, em fevereiro de 2009, antes mesmo de se chamar *Tea Party*, o grupo presente mais forte, ou melhor, o único grupo presente, era o dos libertários (FORMISANO, 2012).

O movimento apareceu em 2009 como resposta ao plano de salvação da banca e de estímulo da economia, o que obrigou o Governo federal a gastar cerca de 787 mil milhões de dólares para salvar a economia e não deixar que a situação piorasse. Desde as primeiras manifestações, os ativistas do Movimento *Tea Party* lutaram contra as despesas do Governo federal. Convencidos de que as elites políticas em Washington D.C., não estavam minimamente interessadas em ouvir o povo e perceber o sofrimento dos americanos, os ativistas do *Tea Party* focaram o seu descontentamento nas ideias do novo presidente Democrata, Barack Obama. Em primeiro lugar, o já citado estímulo à economia foi o rastilho que incendiou a ira de muitos americanos e permitiu o advento das manifestações ultraliberais que, por sua vez, viram o aparecimento do Movimento *Tea Party*. Em segundo lugar, o plano de reforma da saúde, algo que o presidente Obama havia desejado ver realizado durante o seu primeiro mandato. Aliás, aquando das primárias Democratas, Barack Obama falara na necessidade de se reformar o sistema de saúde nos EUA, já que milhões de norte-americanos não têm um seguro de saúde, não tendo a possibilidade de serem tratados caso adoeçam. Esta proposta é popular entre muitos americanos. O plano de reforma de saúde, conhecido como *Obamacare*, foi interpretado pelos *tea partiers* como uma clara viragem à esquerda por parte do Partido Democrata e a instauração de um regime de cariz socialista⁶¹, com o objetivo secreto de destruir a economia

⁶⁰ De facto, é a versão que podemos encontrar na maioria dos autores que estudaram o movimento, desde o Ronald Formisano, a Aurélie Godet, a Évelyne Joslain, a Nicole Morgan ou os dois autores de *Mad As Hell*, Scott Rasmussen e Douglas Schoen.

⁶¹ O medo entre os *tea partiers* de ver os EUA se tornarem uma nação comunista não é um mito. Mesmo se, ao que parece, a maioria dos ativistas e apoiantes do movimento não acreditam nestas teorias da conspiração, o facto é que existem muitos *sites* e blogues no espaço virtual que tratam deste assunto.

livre capitalista americana. É um tema recorrente no movimento *Tea Party*, e muitos jornalistas têm tratado do assunto, demonstrando o quão absurdo é tal alegação⁶².

A razão de tal desconfiança deve-se à vontade por parte do presidente Obama em utilizar o governo federal para impulsionar a economia e permitir, através da chamada *engenharia social*⁶³, o advento de uma sociedade mais justa e igualitária. De facto, a Administração Obama tem realizado muitos gastos, em parte para permitir que o país não se afunde numa crise ainda pior do que aquela que está a sofrer atualmente. A vontade em dotar cada cidadão americano de um sistema universal de saúde, em reduzir o aquecimento global, apoiando as energias renováveis e, subsequentemente, a investigação nessas mesmas energias renováveis, encontram uma forte oposição dos *tea partiers*, para quem todos estes gastos só querem dizer uma coisa: mais impostos a esmagar o cidadão americano. *Les Tea Partiers, comme leurs ancêtres antifédéralistes et les partisans de Ronald Reagan dans les années 1980, ou ceux de Ross Perot, les candidat indépendant à l'élection présidentielle, en 1992, veulent moins d'états, moins d'impôts et le retour à l'équilibre budgétaire.* (GODET, 2012, p.29) Aliás, os *tea partiers* mais libertários, acusam as políticas económicas do presidente Obama de terem dificultado a vida a muitos americanos⁶⁴.

Se é o conjunto dos ativistas e apoiantes do *Tea Party* quem, através de manifestações, demonstram o seu descontentamento em relação aos gastos do Governo federal, cedo nasceu uma facção mais radical no plano económico, uma facção que representa hoje um dos maiores grupos presentes no seio do Movimento, os ultraliberais, também apelidados de libertários, não fosse pelas posições minarquistas que defendem. Assim sendo, pouco a pouco, ao longo de 2010 e 2011, apareceram *tea partiers* que defendiam a privatização do sistema de reformados, o fim das ajudas aos desempregados, o fim das ajudas aos mais pobres, aos novos imigrantes, o fecho dos Ministérios da Educação e da Energia⁶⁵, vistos como inúteis, demasiado grandes e demasiados dispendiosos (GODET, 2012). A sociedade com a qual os *tea partiers* libertários sonham seria deveras egoísta, uma sociedade onde não haveria a mínima preocupação pelos

⁶² UNGARM, Rick, *Still Believe That Barack Obama Seeks A Permanent American Socialist State?*, Forbes online, USA, 1 de junho de 2013. O autor do artigo diz que se Obama fosse realmente um socialista, seria o pior socialista da história: *If Barack Obama is indeed a socialist, he must be the absolute worst socialist in recorded history.*

⁶³ A *Engenharia social* é um termo utilizado pelos conservadores e neoconservadores para denominarem as políticas sociais levadas a cabo pelo presidente democrata Johnson, nos anos 60. Ou seja, os neoconservadores acusaram os democratas de utilizarem o Estado Federal de maneira errada: *l'utilisation de l'État fédéral non plus pour promouvoir ce progrès social à la façon du New Deal mais pour abolir la pauvreté et faire advenir l'égalité coûte que coûte par de vastes programmes utopique - bref, l'ingénierie social* (VAÏSSE, 2012). Os democratas continuariam a tentar, na actualidade, abolir a pobreza através de fortes ajudas sociais, o que segundo os neoconservadores (e os conservadores mais tradicionais) só traria dependência, não abolindo a pobreza, bem pelo contrário. Para mais informações sobre este tema, é aconselhado ler o seguinte artigo do historiador francês Justin Vaïsse, publicando na revista *Sciences Humaines: Qui sont les néoconservateurs?*

⁶⁴ ALTMAN, Alex, *Why Ted Cruz thinks the Media Gets Conservatism Wrong*, Swampland Time online, 8 de agosto de 2013.

⁶⁵ O Ministério da Energia é importante para o presidente Obama, já que o presidente democrata é a favor da redução das emissões de carbono, querendo com isso lutar contra o aquecimento global. É aliás um dos objetivos que a Administração Obama tenta alcançar a todo o custo.

mais fracos, onde as crianças, os doentes crónicos, os desempregados, resumindo, todos aqueles que não têm a possibilidade de se defenderem ou a possibilidade de pagar para poder alcançar segurança e cuidados médicos, seriam deixados à sua sorte. *Les militants du Tea Party s’imaginent entourés de “barons voleurs” partout et tout le temps; ils vivent dans la hantise d’un “État-Léviathan”, omniprésent, qui ruinera bientôt l’Amérique en gaspillant l’argent public* (GODET, 2012, p. 37).

Extremamente radicais, quando comparados com a ala moderada ou mesmo com a ala conservadora do Partido Republicano, os *tea partiers* libertários têm uma visão minarquista do papel do Estado. Ou seja, não são propriamente ditos anarco-capitalistas, visto reconhecerem alguma importância no papel que o Estado possa ter, porém, são absolutamente contra a visão de um Estado gigante e forte, um Estado federal que tenha a capacidade de levar adiante grandes projetos de engenharia social, que tenha a capacidade de harmonizar e contribuir para o bem-estar e o bom funcionamento da sociedade. Querem diminuir a todo o custo o papel do Estado na sociedade, um *Estado mínimo*, que ficaria, basicamente, reduzido à defesa externa, e à segurança interna (serviços secretos, polícia, tribunais, etc...), proibindo o Estado de se intrometer na vida pessoal das pessoas, na economia, deixando total liberdade de manobra às empresas e ao mercado, e na política interna dos Estados da Federação, um Estado que nunca interviria na economia.

Os *tea partiers* seguem uma ideologia ultraliberal. Sem deixarem aos Democratas margem para manobra, todas e quaisquer despesas federais devem baixar o mais rapidamente possível, custe o que custar. A diminuição dos impostos e das taxas ao mínimo possível - 3%, número avançado pela figura número um da facção libertária do *Tea Party*, Ron Paul - faz parte do programa do Tea Party. Alguns ativistas mais extremistas vão ao ponto de pedir a abolição dos impostos e das taxas, considerados como uma clara intromissão do Estado na vida dos cidadãos americanos. O senador Ron Paul vai mesmo ao ponto de pedir o fim da tão poderosa Reserva Federal (ALSABBAGH, 2012, p.56). Esta proposta é aliás uma das razões avançadas para explicar o facto de o Ron Paul nunca ter conseguido obter bons resultados nas eleições presidenciais, além de ser boicotado por muitos Republicanos, a quem ele chama de *RINO’s*. A Reserva Federal (conhecida simplesmente como *FED* nos EUA) é considerada um entrave ao livre funcionamento da economia por Ron Paul e pelos *tea partiers*, um meio de, segundo eles, as elites em Washington controlarem a economia. *Luttant contre le gouvernement de Washington, ils représentent le coeur intellectuel originel du Tea Party* (GODET, 2012, p.56).

Fiéis à ideologia ultraliberal, os *tea partiers* da facção libertária são favoráveis ao mercado livre, logicamente, mas ao mercado livre sem nenhuns entraves, o *laissez-faire* total (GODET, 2012). Qualquer intervenção estatal na economia é vista como sendo inconstitucional. O mercado deve regular-se por si próprio, sem nenhuma autoridade superior (o Estado) para o vigiar, já que a *mão invisível* seria por si só suficiente (RINK, 2011). Daí que todas as manifestações em 2009 contra o *Estímulo à Economia* de 787 mil milhões de dólares, considerado como uma clara intromissão do Estado, que além da gigantesca quantidade de dinheiro que o Estado federal gastou, dinheiro esse que pertencia - na ideia dos *tea partiers* -

aos contribuintes americanos, que de resto, não foram chamados a dar a sua opinião, coisa que os *tea partiers* não se esquecem de referir. Em novembro de 2010, um dos grupos do *Tea Party* mais influente, os *Tea Party Patriots*, decidiram dar uma conferência de imprensa, já que era o mês de eleições e precisavam de garantir o máximo de apoio entre o eleitorado. Um jornalista decidiu perguntar a um dos líderes do grupo, Mark Meckler, se estava de acordo ou não com a regulação e controlo de Wall Street por parte do Governo. Este apenas respondeu que era um ponto ao qual iriam prestar atenção, ou nas palavras dele, era um dos pontos presentes nos vários tópicos que iriam discutir entre a liderança do grupo *Tea Party Patriots*⁶⁶. Conseguindo ser ainda mais ultraliberal, o mesmo Mark Meckler, afirmou que as gigantescas companhias como a Exxon Mobile, companhia do ramo petrolífero, pagavam demasiadas taxas⁶⁷. Mais uma vez, o Estado é visto como culpado de andar a pedir impostos e taxas demasiadas altas, asfixiando supostamente estas empresas. Os *tea partiers* libertários abominam o Estado *protetor*, o Estado *guarda-chuva*, visto como opressor. Nisto, seguem a filosofia da Ayn Rand⁶⁸, filósofa libertária muito popular entre os *tea partiers*. Esta opunha-se a cinco tipos de Estado:

(...) *l'État régulateur, parce qu'il impose des limites inacceptables au créateur-entrepreneur. (...) Rand notamment a eu le temps avant de mourir de s'en prendre aux défenseurs de l'écologie et de l'environnement qui demandaient à l'État d'assumer la responsabilité de l'exploitation de ses ressources. Elle y voit une manipulation des gouvernements, destinée à réduire les libertés et à verser dans l'émotion au détriment de la raison. (...)*

(...) *l'État taxateur. L'autre pilier de la révolte d'Atlas est le refus de payer des impôts pour maintenir en vie les parasites en tout genre. (...) Les impôts sont aussi la bête noire des membres du Tea Party qui s'imaginent avoir trouvé en Rand un support philosophique qu'elle ne leur aurait sans doute pas accordé tant elle méprisait le peuple. (...) l'État-providence. Non seulement il ne faut pas imposer les entrepreneurs qui créent la richesse, mais il faut surtout couper tous les programmes sociaux qui saignent l'État à mort. (...) L'État égalitaire (...) L'État fondateur du droit universel parce que les individus n'ont aucun droit sinon celui d'être libre de produire (MORGAN, 2012, p.57-61).*

⁶⁶ Lee Fang, *Asked If Untaxed Corporations Like Exxon Are Taxed Too Much, Tea Party Leaders Say Yes*, Think Progress. EUA, 3 novembro de 2010.

⁶⁷ Lee Fang, *Asked If Untaxed Corporations Like Exxon Are Taxed Too Much, Tea Party Leaders Say Yes*, Think Progress. EUA, 3 novembro de 2010..

⁶⁸ A Ayn Rand nasceu em 1905, na cidade de São Petersburgo, na Rússia. Durante a Revolução Russa, os pais dela perderam tudo, pelo que decidiram fugir para os EUA. Durante o século XX tornou-se uma das maiores filósofas do *laissez-faire* absoluto, sendo muito acarinhada pelos libertários. Um dos livros mais conhecidos da Ayn Rand, *A Revolta de Atlas*, uma novela, vendeu desde 1957 mais de 6 milhões de exemplares. A obra, considerada de filosofia e ficção científica, fala de um governo situado nuns EUA distópicos cujo objetivo é taxar ao máximo todos os cidadãos e empresas produtivas, acabando por enfraquecer a produtividade. É uma clara defesa dos valores libertários. *Aux réunions des Tea Party ou autres manifestations conservatrices, on peut lire sur les pancartes: "Atlas hausse les épaules"* (MORGAN, 2012 :40).

Seguindo o pensamento de Ayn Rand, o Estado não tem mais nenhum papel na sociedade além do de *polícia*, vigilante dos homens, como forma de os proteger uns dos outros. Como forma de criticarem a intervenção do Estado na economia, os *tea partiers* libertários utilizam uma retórica antiga, já utilizada pelos ultraliberais nos anos 70, argumentando que o Estado se tornou *obeso*, uma metáfora cujo intento é o de apresentar o Estado protetor como algo de *doente*. Assim, o Estado protetor e as empresas entendidas como *paternalistas* seriam na verdade corpos sociais *répugnants qui n’assurent aucune réelle protection* (MORGAN, 2012, p.152). Apenas uma economia livre da *opressão* do Estado, pode levar ao crescimento e apenas o crescimento *pode proteger* os indivíduos, já que segundo os libertários, os iria tornar mais autónomos, e mais fortes (MORGAN, 2012). E não é só o Estado quem é culpado nesta retórica ultraliberal, as companhias com demasiados empregados seriam, segundo os libertários, também elas culpadas do definhamento da economia, por se transformarem em *mini-Estados*, por sua vez opressores. A solução só pode ser uma, o *downsizing*, a redução dos efetivos, através de despedimentos em massa. Os traços ultraliberais são sem dúvida bem presentes (RINK, 2011).

A ideologia defendida pelos *tea partiers* libertários pode chegar a ser cruel em certos casos. Assim, apenas para citar um exemplo, quando se deu o Furacão Katrina, em 2004, o já supracitado Ron Paul, campeão da facção libertária, afirmou que o Governo federal não tinha a obrigação de ajudar as vítimas, pois elas haviam escolhido viver junto da costa, sem que ninguém lhes obrigasse a tal, chegando a questionar qual seria a desculpa para que os cidadãos do Arizona fossem *roubados* para ajudar as vítimas do Furacão Katrina⁶⁹. Para os libertários, a sociedade deve estar assente no egoísmo mais puro, o *cada um por si*, sem nenhuma ajuda por parte do Estado. É provavelmente por isso que os libertários do *Tea Party* são rotulados de fanáticos⁷⁰ por parte dos Democratas.

Quanto à visão que os libertários têm da política externa, desmarcam-se, não só da Administração Bush filho, como do próprio *GOP*⁷¹. A política externa tem sido extremamente importante para os EUA desde o fim da Segunda Guerra Mundial, qualquer candidato a presidente vê-se na obrigação de apresentar ao público americano uma visão da política externa forte, como forma de conseguir reunir o máximo de apoio junto do eleitorado. Os Republicanos costumam dar muito mais ênfase à política externa do que os Democratas, mais preocupados na política interna e no social. E é exatamente aí que os *tea partiers* libertários pecam.

⁶⁹ THIESEN, Mark, *Ron Paul, Big-gouvernement libertarian*, The Washington Post online, 1 de março de 2012.

⁷⁰ O Senador democrata Harry Reid apelidou os *tea partiers* de fanáticos. A ira do senador democrata foi dirigida a todos os membros do Tea Party, mas mais precisamente aos que defendem o libertarianismo. Para Reid, o facto de os *tea partiers* não reconhecerem o *Obamacare* como fazendo parte da “Lei”, só demonstra o quão fanáticos e anarquistas são. Fonte: EVERRET, Burgess, *A continuing War on the continuing resolution*, Politico.com, 23 de setembro de 2013.

⁷¹ Bem como da facção religiosa do Tea Party como teremos a oportunidade de ver.

Ao contrário dos Republicanos (onde estão inseridos) os *tea partiers* libertários são contra as intervenções no estrangeiro⁷². Não querem uma política externa agressiva, contrariamente aos conservadores Republicanos e aos neoconservadores. Nisto, diferenciam-se dos *tea partiers* religiosos, favoráveis a uns EUA fortes no mundo. A razão de os libertários não desejarem entrar em conflitos externos, deve-se à sua visão paleoconservadora da diplomacia, ou seja, os EUA devem, na opinião deste grupo *tea partier*, isolar-se no plano internacional como o haviam feito antes da Segunda Guerra Mundial (daí a utilização do termo *Paleo*). Ao não entrar em conflitos, onde os EUA são obrigados a gastar gigantescos orçamentos militares, os libertários do *Tea Party* mostram a preocupação de não inundar o contribuinte americano com impostos e taxas elevadas: *A big part of it is money: Wars are expensive, even if they're tiny ones waged by very costly Tomahawk missiles, and the Tea Party wing of the GOP views the Pentagon's massive budget as less sacrosanct than traditional or mainstream Republicans*⁷³.

O isolacionismo dos *tea partiers* libertários é bem latente nos discursos de Ron Paul, e vai contra tudo o que os republicanos têm defendido desde a Segunda Guerra Mundial, quando decidiram intervir onde quer que fosse necessário para vencer o comunismo e, mais tarde, para vencer os terroristas islâmicos. Tendo em conta a recente história do país, defender o isolacionismo parece estranho e pode explicar em parte a razão de Ron Paul nunca ter obtido grandes resultados eleitorais nas primárias republicanas. Esta característica dos *tea partiers* libertários é, sem dúvida, um ponto negativo, num país que se vê como a única nação com capacidade de assegurar a paz. Uma característica importante para a análise do movimento, como teremos a oportunidade de mostrar.

2.2 - Os ultraconservadores cristãos: a moral americana e o presidente muçulmano

O grupo dos ultraconservadores cristãos é, provavelmente, o maior e mais numeroso de entre todos os grupos presentes no *Tea Party*. Antes do aparecimento do movimento em estudo, já existia a direita religiosa, a *Religious Right*. Fora ela, a direita religiosa, que através de uma forte propaganda política conseguira ajudar Ronald Reagan a vencer as eleições de 1980, contra o infeliz⁷⁴ Jimmy Carter, presidente dos EUA entre 1977 e 1981, mas cuja administração ficara manchada por vários falhanços, de entre os quais a crise dos reféns no Irão e a subsequente

⁷² WEBER, Peter, *How the Tea Party became a anti-war movement*, The Week online, 12 de setembro de 2013.

⁷³ WEBER, Peter, *How the Tea Party became a anti-war movement*, The Week online, 12 de setembro de 2013.

⁷⁴ Jimmy Carter perdeu a eleição presidencial de 1980 contra o seu oponente, o republicano conservador Ronald Reagan. Muitos fatores causaram a derrota de Carter, a *stagflation* foi uma delas, a crise dos reféns no Irão foi outra. Os EUA estavam a perder a luta ideológica contra a URSS, e os americanos sentiram a necessidade de eleger um presidente forte. Contudo, quando iniciou o mandato em 1976, os americanos esperavam muito dele, depois ficaram desapontados: *Carter took office with the promise of a fresh start and a government that could be trusted, his four years in office were marked by poor decisions and mismanagement*. (WAGNER, 2007:92).

malograda tentativa de resgate por parte das forças especiais americanas. Reagan pudera contar com o apoio da direita religiosa pelo facto de ter apresentado um programa conservador próximo daquilo que os telé-evangelistas defendiam, ou seja, a luta sem tréguas contra a droga, bem como o confronto direto com a URSS, vista como o *eixo do mal*. Desde a vitória de Reagan, a direita religiosa tem feito parte da paisagem política americana e não parece ser para breve o seu desaparecimento.

A relação entre os evangelistas⁷⁵ e a direita religiosa sempre foi forte, aliás, a direita religiosa é constituída maioritariamente por evangelistas, embora também se encontre nas suas fileiras protestantes tradicionais, católicos, mórmons e fundamentalistas⁷⁶ cristãos. Os evangelistas eram a grande base de apoio do presidente Reagan. Foi através de um forte apoio e de uma presença massiva nas urnas por parte dos evangelistas que o presidente George W. Bush conseguiu ser eleito em 2000. Presentemente, são as camadas evangelistas mais conservadores que, através de um forte ativismo, têm impulsionado o *Tea Party*:

The election of Obama, however, and the emergence of the Tea Party brought older, conservative evangelicals back to the Republican fold in force. Registering their highest turnout ever, evangelicals in the 2010 midterm elections constituted 29 percent of the electorate. Seventy-eight percent voted Republican; 52 percent said they supported the Tea Party.

Together evangelicals and Tea Party supporters made a powerful impact. By the following year, pollsters and pundits were asking if the Tea Party and the Religious Right amounted to the same thing (FORMISANO, 2012, p.47).

Mas então, de onde vem o poder da direita religiosa? Da fé dos norte-americanos. Contrariamente à Europa, onde a religião cristã tem vindo a perder adeptos e onde o ateísmo e o agnosticismo ganham terreno, os EUA continuam a ser um país extremamente religioso, onde a fé em Deus é importante para quase 80% da população. Cerca de 65% dos americanos dizem-se religiosos e afirmam que a religião tem um papel importante no dia-a-dia. Comparativamente, apenas 30% dos franceses dão a mesma importância à religião, 27% na Grã-Bretanha e somente 24% no Japão (FORMISANO, 2012).

A religiosidade da população e das elites americanas, sempre deteve um papel preponderante na história da nação americana. O lugar central de Deus na vida dos americanos

⁷⁵ Os evangelistas são também denominados, certas vezes, de neoprotestantes. O evangelismo fora uma corrente que se iniciou nos EUA no final do século XIX, ao mesmo tempo que várias outras correntes. Uma das características é a relação pessoal que os fiéis têm com Deus

⁷⁶ Outra corrente, apelidada assim pelo facto de que os aderentes deste movimento seguirem os principais fundamentos do cristianismo. Têm uma leitura literal da Bíblia, acreditam ser a palavra de Deus e, conseqüentemente, as Escrituras Sagradas são necessariamente superiores a qualquer conhecimento posterior. Existem correntes ultraminoritárias que ainda acreditam na teoria da “Terra Plana”, opondo-se ferozmente a quem disser que a Terra é um planeta redondo. Existe até uma sociedade, a Sociedade da Terra Plana, cujo objetivo é propagar esta ideia, cuja página eletrónica pode ser consultada através da hiperligação: http://www.alaska.net/~clund/e_djublonskopf/Flatearthsociety.htm

e o papel da religião na política americana, voltou a fortalecer-se após os atentados islamitas de 11 de setembro de 2001. Se na Europa o laicismo supõe não só a separação do Estado e da Igreja, mas também uma certa ausência de discurso religioso nos discursos políticos, nos EUA, apelar a Deus e a conceitos cristãos em discursos políticos oficiais não incomoda ninguém. Os EUA são um país laico, ainda assim, a religião e a política andam de mãos dadas, e enquanto este detalhe é considerado como perigoso na Europa, nos EUA acaba, segundo muitos religiosos americanos, por fortalecer a própria democracia (COLOSIMO, 2006)⁷⁷. Por exemplo, o teólogo francês Jean-François Colosimo, que viveu vários anos nos EUA, estudou a interação entre a religião cristã e democracia e chegou à conclusão de que na América, os dois conceitos andam de mãos dadas:

(...) opposer une Amérique «démocratique» à une Amérique «religieuse» ne sert de rien. C'est au contraire toute la singularité des États-Unis que d'avoir constitué la démocratie en politique religieuse et en religion politique. (...) Elle forge dès les Pères Fondateurs un mythe de la modernité où Raison et Révélation ne s'excluent pas, mais s'ordonnent à l'idée nationale. Autrement dit, la conjonction des Lumières et de la Bible opère une laïcisation de l'Église et une théologisation de l'État (COLOSIMO, 2006, p.25).

O transcendental, o sagrado, o Divino, conceitos imbuídos de uma extrema importância nos EUA, país laico sem dúvida, mas uma laicidade que permite contudo aos políticos e chefes de Estado americanos mencionarem a Bíblia e Deus nos discursos dirigidos aos cidadãos. Longe de se oporem à Democracia - contrariamente aos fundamentalistas muçulmanos que abominam a Democracia e a liberdade - os cristãos mais fundamentalistas e conservadores dos EUA, olham para a Democracia como uma componente importantíssima do país. A Democracia, a liberdade, a possibilidade de escolher a fé, eis a principal característica, e, é através da Democracia e da liberdade que os EUA - na visão de muitos cristãos americanos, que consideram a nação americana como sendo *A Cidade sobre a Colina* - antecipam o Reino de Cristo e a Segunda Vinda do Messias (COLOSIMO, 2006). Na nação americana, o fundamentalismo religioso tem uma particularidade estranha, conseguiu fundir-se com a ideologia democrática, tornando-a (a Democracia) numa crença fundamental para a sociedade americana. Acreditar em Deus, em Cristo, nas Sagradas Escrituras, na Constituição americana, na Democracia e na missão *especial* dos EUA, tudo isto faz parte da chamada religião civil americana. Já Alexis de Tocqueville defendia que a religião cristã se encontrava ancorada na Democracia e no espírito democrático americano (COLOSIMO, 2006).

⁷⁷ Uma tese que pode ser considerada polémica. Esta tese não é defendida pelo teólogo Colosimo embora, mantendo sempre uma certa distância intelectual, este último considera que haja uma forte ligação entre o Cristianismo e a defesa da democracia, visto esta última permitir a liberdade, um conceito presente na Bíblia. Uma coisa parece ser certa para Colosimo, milhões de religiosos americanos defendem a teoria de que não só o Cristianismo e a democracia, como estão ligados. Seria Deus quem, através do “Plano Divino”, teria impulsionado os americanos a criar uma terra de liberdade (logo, uma terra de democracia), os EUA (COLOSIMO, 2006).

É completamente lógico existir uma direita religiosa nos EUA. No entanto, tem vindo a radicalizar-se e, desde o aparecimento do *Tea Party*, tem-se tornado cada vez mais conservadora. Muitos membros da ala religiosa do Partido Republicano colaram-se ao *Tea Party*, criando o maior grupo dentro do Movimento. Intolerância religiosa, islamofobia, discursos escatológicos, extremismo religioso e político, são algumas das características presentes no seio deste grupo.

Ao longo de 2010, os *angry white men* (homens brancos zangados), grupo sociológico conservador, religioso, pertencente à classe média, aumentaram exponencialmente o número de apoiantes e de ativistas do Movimento Tea Party. Os conservadores religiosos do Tea Party, conseguem ser mais conservadores do que muitos membros da ala *religious right* do Partido Republicano⁷⁸, todavia, a grande maioria dos ativistas e dos senadores/representantes da facção religiosa do *Tea Party* provêm dessa mesma direita religiosa⁷⁹, a mesma direita religiosa que havia apoiado o presidente republicano Ronald Reagan nos anos 80.

Existem vários assuntos sensíveis para os cristãos conservadores do *Tea Party*, muitos destes assuntos já faziam parte das batalhas levadas a cabo pela direita religiosa muito antes da própria *Era Reagan*. Assim sendo, o aborto, o casamento homossexual e a subsequente adoção de crianças pelos casais homossexuais, a legalização das drogas leves, o terrorismo islâmico e a construção de mesquitas em território nacional e, por fim, o ensino da Teoria da Evolução Darwiniana - bem como o ensino de todo o tipo de ciência que possa contradizer as Escrituras Sagradas judaico-cristãs em geral - nas escolas públicas, são questões que preocupam os religiosos do *Tea Party*, pelo facto de que, segundo eles, porem em causa as origens cristãs da nação americana.

Antes de abordarmos estas questões, existe um outro tema que, desde o aparecimento do Movimento, tem atraído muito a atenção do público: a religião do presidente Obama. Os *tea partiers* nutrem um ódio especial pelo presidente Obama. Este ódio é, por si só, uma força suficientemente importante para impulsionar milhões de apoiantes e milhares de ativistas. Para os conservadores religiosos do *Tea Party*, o presidente Obama é um impostor, já que teria mentido à população americana relativamente à sua identidade religiosa. Este seria um cripto-muçulmano:

Leur premier motif de crainte vis-à-vis du président : il aurait menti sur son affiliation religieuse et ne serait pas chrétien. (...) Depuis le début de l'émergence au niveau national de Barack Obama en 2004, la droite chrétienne a des doutes au sujet du jeune sénateur. L'affaire Jeremiah Wright notamment, au printemps 2008, provoque l'assimilation des idées d'Obama à celles de ce pasteur anti-américain. Les soupçons des conservateurs religieux perdurent

⁷⁸ GIBSON, David, *Tea Party Is Much Like the Religious Right - Only More So Survey Finds*, politicsdauly.com, 10/5/2010

⁷⁹ Metade dos ativistas do Tea Party afirmam fazer parte da direita religiosa segundo jornalista especializado em religião David Gibson, contudo, alguns *tea partiers* conseguem ser mais radicais do que os membros republicanos da direita religiosa. GIBSON, David, *Tea Party Is Much Like the Religious Right - Only More So Survey Finds*, politicsdauly.com, EUA, 10/5/2010.

contre un homme qui, malgré vingt ans d'appartenance à l'Église chrétienne, a été classifié comme un Black Muslim (musulman noir) uniquement pour des motifs politiques et électoraux (ALSABBAGH, 2012, p.71).

Quer sejam católicos, evangelistas, protestantes, mórmons ou fundamentalistas, os membros religiosos do *Tea Party* partilham todos de uma preocupação redobrada relativamente à fé do presidente Obama. Mesmo se os EUA são um país cuja Constituição impõe o laicismo, os presidentes têm, por respeito à tradição - embora, diríamos antes, por obrigação histórica - ser muito religioso, e, sobretudo, ser cristão, já que a história dos EUA confunde-se com a história dos cristãos que fugiam às perseguições da Europa. Por isso mesmo, a máquina propagandística do *Tea Party* tem propagado a ideia (errada) de que o presidente americano seria na verdade muçulmano, tal como fora o pai dele, com quem ele nunca teve contacto. Alguns vão ao ponto de afirmar que o presidente Obama teria uma agenda secreta para islamizar os EUA, mesmo tendo em conta que seria simplesmente impossível islamizar um país como os EUA, por mais que o presidente tentasse. O facto de Obama ter passado parte da sua infância na Indonésia - um país que, além de contar com a maior população muçulmana do mundo, tem observado choques entre populações muçulmanas e populações cristãs, com o apoio das autoridades - aumentou a dúvida quanto à religião que este último professa, já que o pai, muçulmano, teria necessariamente obrigado o filho (segundo a tradição islâmica) a professar a religião muçulmana (PRESS, 2012).

O partido Republicano, muito antes sequer de existir o Movimento *Tea Party*, tem tido uma relação complicada com o Islão, sobretudo desde a *Era Bush filho*. A relação tornou-se ainda mais *tóxica* com a vinda do *Tea Party*. No entanto, não é só o Partido Republicano, mas sim toda a sociedade americana quem tem uma relação tensa com a religião maometana. Após o 11 de setembro, o medo que os muçulmanos provocam nos EUA aumentou. *En 2011, 63% des républicains et 60% des tea partiers pensent que les valeurs de l'islam contrastent avec celles de l'Amérique* (ALSABBAGH, 2012, p.74). Cerca de 44% dos americanos desconfiam dos muçulmanos e gostariam de ver as autoridades civis a controlar (e mesmo espiar) de uma forma mais intensa a população maometana dos EUA, devido ao receio da existência de potenciais terroristas no seio desta população, cujo objetivo seria a destruição dos EUA (ALSABBAGH, 2012).

Os canais do cabo ajudam muito a alimentar a suspeita em relação aos muçulmanos. O canal por cabo *Fox News*, canal preferido dos apoiantes do *Tea Party*, costuma apresentar notícias com uma visão negativa do Islão⁸⁰. Cerca de dois terços dos telespectadores do canal *Fox News* partilham de uma visão negativa no que toca ao Islão e aos muçulmanos, incluindo a pequena comunidade maometana americana, enquanto menos de 40% dos telespectadores do canal *CNN* (menos partidário do que a *Fox News*) partilham da mesma visão negativa. Mesmo

⁸⁰ LEAN, Nathan, *Fox New's war on Muslim*, salon.com, 9/11/2012.

assim, podemos desde já retirar a seguinte conclusão: a religião do profeta Maomé não é muito popular nos EUA, sendo ainda mais impopular entre os apoiantes da direita religiosa.

O número de blogues, *sites*, páginas do *Facebook*, ou fóruns de discussão *tea partiers* que criticam o Islão ou que o apresentam como uma religião violenta e opressiva é cada vez maior. A violência contra as mulheres, os homossexuais, as minorias cristãs, hindus ou judaicas, bem como os conflitos existentes nos países islâmicos são largamente publicitados e apresentados como prova que a religião islâmica é perigosa. A islamofobia parece ser, ao que tudo indica, uma característica de muitos apoiantes e ativistas do *Tea Party*, embora, é importante referir, não de todos. Considerar o Movimento como sendo, no seu todo, um movimento de cariz islamofóbico e cujo objetivo seria denegrir a imagem dos muçulmanos é um erro, tal como é um erro apresentar o movimento como sendo inteiramente racista.

Além do Islão, o aborto tem sido um tema deveras complicado nos EUA. A sociedade apresenta-se dividida. A direita religiosa sempre se opôs ferozmente à interrupção voluntária da gravidez, considerando-a um crime contra a *Criação*. Naturalmente, os cristãos conservadores do *Tea Party*, têm sistematicamente pressionado os seus representantes no Senado e na Câmara dos Representantes para que estes apresentem propostas de revisão da lei que autoriza o aborto. Seis em cada dez apoiantes do *Tea Party*, são favoráveis à criminalização do aborto, exceto em situações mais específicas, tais como perigo de vida para a mãe, violação, ou problemas detetados no embrião. Os ataques contra clínicas que realizam abortos têm sido frequentes em certos Estados mais conservadores (FORMISANO, 2012).

O casamento homossexual é outra dor de cabeça para o *Tea Party*. Fortemente opostos ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, as recentes legislações estaduais que permitem, em certos Estados mais *liberais*, que dois homens ou duas mulheres se possam casar, tanto por contrato civil como pela Igreja, têm atraído a fúria do grupo religioso do *Tea Party*. Para estes ativistas, o casamento deve ser apenas e só entre um homem e uma mulher, tal como está estipulado na Bíblia. Utilizam as Sagradas Escrituras, para defender a anulação da legislação que permite o casamento homossexual, argumentando que é simplesmente *contranatura* duas pessoas do mesmo sexo casarem. No que toca à adoção de crianças por casais homossexuais, são (logicamente) contra, pelas mesmas razões. O Movimento *Tea Party* vê a família como um pilar central da sociedade. A existência de casais homossexuais que possam adotar crianças iria destruir por completo, defendem os apoiantes do *Tea Party*, o conceito de família e, com ela, o futuro da sociedade.

Além da defesa da família tradicional e a oposição ao casamento homossexual, a direita religiosa adotou desde muito cedo uma postura ofensiva contra outro mal da sociedade, as drogas (leves e pesadas). O presidente Republicano Richard Nixon lançara, nos anos 70, a *War on Drugs*, a Guerra às Drogas⁸¹. Quarenta anos depois, e apesar dos esforços da *Drug*

⁸¹ A chamada *War on Drugs*, lançada pelo presidente Richard Nixon nos anos 70, visava lutar contra o tráfico de droga nos EUA. Através de ajudas militares e do financiamento de países da América Latina que lutam contra os traficantes de droga, os EUA esperavam diminuir o tráfico de droga, visto que desde os anos 60 existia um verdadeiro problema de consumo de drogas no país. Ainda hoje o país gasta milhares

Enforcement Administration (DEA)⁸² e do *Federal Bureau of Investigation* (FBI)⁸³, a droga, mais do que nunca, existe no seio da sociedade americana. Os *tea partiers* vêem as drogas como uma doença que gangrena a sociedade americana, destrói famílias, atira a juventude para o caminho da criminalidade. Neste ponto, não estão longe da verdade. A droga é um sério problema contra o qual as autoridades federais e estatais americanas têm de lutar. Certos Estados preferiram legalizar as drogas leves, tal como a marijuana, argumentando que diminui a criminalidade e permite à polícia lutar contra o tráfico de drogas mais pesadas (cocaína, heroína). Os *tea partiers* opõem-se a esta visão, considerando todas as drogas como sendo perigosas, quer sejam leves ou pesadas.

A visão religiosa que os *tea partiers* têm dos EUA, também se reflete no modo como percecionam a ciência e a educação. Os Democratas têm vindo a lutar contra a direita religiosa - sobretudo a partir dos anos 70, hoje mais do que nunca, desde o aparecimento do *Tea Party*, que permitiu uma plataforma importante para a *Religious Right* - numa determinada matéria polémica: o ensino do Criacionismo nas escolas públicas. Enquanto os Democratas querem que nas escolas públicas sejam lecionadas as Teorias Darwinianas, cada vez mais provadas pelas descobertas de fósseis, a direita religiosa, por intermédio do *Tea Party*, prefere o ensino das duas Teorias, a visão judaico-cristã da criação da vida, e a visão darwiniana (FORMISANO, 2012).

O presidente Republicano Ronald Reagan⁸⁴ conseguiu reunir o apoio massivo da direita cristã nos anos 70 ao criticar as teorias darwinianas, afirmando que estas continham lacunas, e apoiando o ensino de ambas as teorias, a religiosa e a científica, nas escolas públicas e privadas. Mais tarde, já na década de 2000, o também Republicano George W. Bush, conseguiu um fortíssimo apoio entre a direita cristã e o eleitorado evangelista ao defender a teoria criacionista. Entre 2010 e 2013, o *Tea Party* tem atacado constantemente aqueles que querem acabar com o ensino do criacionismo. Um deles é o senador da Pensilvânia Rick Santorum⁸⁵, figura de proa do movimento ultraconservador e católico integrista.

de milhões de dólares na Guerra às Drogas. SPAK, Kevin, *Congress: US Wasting Billions in War on Drugs*, newser.com, 9/6/2011.

⁸² A *Drug Enforcement Administration* é a agência federal norte-americana (pertencente ao Departamento da Justiça norte-americano) que luta contra a venda, contrabando e fabrico de droga.

⁸³ O *Federal Bureau of Investigation* é a polícia federal americana, uma unidade especial do Departamento da Justiça norte-americano com várias funções, desde polícia de investigação federal, à função de contraespionagem e segurança interna.

⁸⁴ Certamente o leitor já deverá ter notado que o antigo presidente republicano Ronald Reagan aparece citado várias vezes neste segundo capítulo. É completamente normal, já que costuma ser apresentado como o herói do Partido Republicano e, ultimamente, como a figura preferida dos apoiantes e dos militantes do *Tea Party*, tanto no que toca ao grupo dos libertários como no que toca aos grupos dos religiosos. O misto de messianismo americano, economia de *laissez-faire* e patriotismo exacerbado só podia agradar ao movimento em estudo. Além da direita, Ronald Reagan é também popular entre muitos apoiantes do Partido Democrata. Aliás, é considerado um dos três presidentes mais populares de sempre pelos norte-americanos.

⁸⁵ Rick Santorum é um político do Partido Republicano, muito influente junto do eleitorado conservador. Um católico praticante e conservador, algumas das ideias que partilhou durante as primárias republicanas de 2012 podem ter levado à derrota frente ao candidato Mitt Romney. É contra o casamento homossexual, contra o ensino do darwinismo, contra a legalização da marijuana. Tem uma visão muito religiosa da vida. Aliás, certa vez disse mesmo ser impossível acreditar em Deus e ao mesmo tempo negar o seu código moral, perguntando-se como era possível haver pessoas que o fizessem, mesmo sendo crentes: SOKOLOVE, Michael, *The Believer*, nytimes.com, 22/5/2005.

A vontade, por parte dos Democratas, em fazer com que o ensino do Criacionismo seja apenas facultativo, primando assim a teoria darwinista, exaspera a direita religiosa que vê este gesto como uma maneira da esquerda destruir a sociedade cristã tradicional americana. Os EUA são uma Nação cristã, e o ensino das Escrituras Sagradas devia ser, para os religiosos, obrigatório. Por se tratar de um tema popular entre muitos americanos religiosos, e, também, pela importância que tem no seio do *Tea Party*, o candidato republicano Mitt Romney viu-se obrigado a defender o ensino do criacionismo nas escolas americanas, e que ambas as teorias não eram incompatíveis (FORMISANO, 2012). Foi uma manobra puramente eleitoralista, serviu para agradar aos conservadores religiosos do *Tea Party*, tendo sido crucial na vitória aquando das primárias Republicanas. Não o impediu de afirmar, alguns anos antes, que acreditava na veracidade das teses darwinianas⁸⁶. O choque entre a visão positivista do Universo, da Galáxia, do Sistema Solar e da origem da vida na Terra (e da própria formação do nosso Planeta) e a visão judaico-cristã, é antiga, mas com o advento do *Tea Party*, o choque é mais evidente, com a luta dos criacionistas a tornar-se mais viral.

Ao nível da política externa, a visão que os membros conservadores cristãos do *Tea Party* têm da importância dos EUA no mundo e na História - na história com “H” maiúsculo, pois trata-se não da história da não americana mas sim da história da Humanidade - é completamente imbuída de messianismo cristão. Para a facção cristã conservadora do *Tea Party*, os EUA têm a missão de manter a paz no mundo já que, segundo o messianismo americano, teria sido Deus quem escolhera a nação americana para construir um novo mundo, mais justo, mais livre. A ideia de que o povo americano é o novo povo eleito é antiga, existe desde os tempos do *Mayflower*⁸⁷. Os puritanos achavam-se os eleitos de Deus, e a nova nação, uma espécie de *Israel* diferente e melhor do que o *Israel* original. Foi Deus quem legitimou a Democracia americana e, ao transcender o povo, a soberania, a Constituição, deu a divina missão aos EUA de libertar todos os oprimidos do Planeta Terra, e instituir a vontade divina no mundo (COLOSIMO, 2006)

Os líderes *tea partiers*, tais como a Michelle Bachman ou o noviço Marco Rubio, são a favor de uma política externa agressiva, sempre na ofensiva, cujo objetivo consiste na defesa dos interesses americanos no mundo, na defesa dos aliados ocidentais, na luta contra o terrorismo, sobretudo o terrorismo islâmico, no apoio incondicional de *Israel* (por pressão dos evangelistas), e numa luta sem tréguas contra o poder crescente da China a nível económico. Em relação à política externa, a atitude que os *tea partiers* têm adotado, relativamente aos países muçulmanos, tem levado o Movimento a ser acusado de racismo e de ser islamofóbico: a relação que os EUA devem adotar face ao mundo islâmico, mais precisamente, ao Médio-Oriente arabo-muçulmano e ao Irão dos mollah deve ser, segundo os *tea partiers*, ofensiva⁸⁸. A desconfiança reinante no que toca aos muçulmanos por parte dos *tea partiers* levou a liderança

⁸⁶ Michael Luo, *Romney Elaborates on Evolution*, The New York Times, USA, 11/04/2007.

⁸⁷ Nome do barco que levou os primeiros puritanos que emigraram da Inglaterra para as colónias americanas do Novo Mundo em 1620.

⁸⁸ No terceiro capítulo iremos ver melhor como é que os *tea partiers* se têm aproveitado da política externa neoconservadora, já que o Tea Party não tinha propriamente dito uma política externa (apenas interna) bem delimitada.

deste grupo a adotar uma via de choque e confronto tanto com a comunidade islâmica do país como com o mundo muçulmano (sunita e xiita). A *Manifest Destiny* joga um papel de peso no *Tea Party*, não só na facção religiosa, mas também nos grupúsculos mais nacionalistas, nativistas, ou nos chamados *birther*. A ideia de que sem os EUA o Mundo entraria necessariamente no caos, está bem impregnada na mente de muitos *tea partiers* e, aliás, na mente de milhões e milhões de americanos, que cresceram a acreditar nesta ideia.

Existe, porém, um ponto importante a reter na facção religiosa do *Tea Party*, já que tal como a facção libertária, não parece existir no movimento uma real preocupação em definir linhas gerais no que toca à política externa. Enquanto a política interna tem um papel preponderante no *Tea Party* - preocupações de ordem económica, para os libertários, social e religioso para os religiosos messiânicos, e a problemática da imigração descontrolada para os nacionalistas/nativistas -, o caso é que a política externa não ocupa um lugar muito importante no *Tea Party*. Todas as manifestações, eventos políticos, discursos políticos da liderança do Movimento, estão completamente virados para as preocupações de ordem interna, social e económica, deixando de lado as preocupações de ordem externa, a saber, a política diplomática dos EUA e a interação americana com os aliados, bem como com os inimigos (Coreia do Norte, Irão). É uma falha que iremos tratar no terceiro capítulo, no qual teremos a oportunidade analisar como é que as lideranças do *Tea Party* decidiram colmatar essa falha.

Para concluir, se olharmos para a *Religious Right* dos anos Reagan e a facção religiosa do *Tea Party*, não iremos notar grandes diferenças. Esta circunstância deve-se à ligação que ambos os grupos têm: os religiosos do *Tea Party* e a direita religiosa estão interligados. Porquê? Provavelmente pelo facto de os neoconservadores terem tomado as rédeas do Partido Republicano a partir de 2001 - e do trágico atentado às Torres Gémeas em Nova Iorque e ao Pentágono em Washington D.C. - e a vontade dos religiosos em retomar os destinos do Partido Republicano. São apenas especulações, mas uma coisa parece certa, desde o advento do *Tea Party*, a direita religiosa, tal como os ultraliberais, ganharam um novo fôlego.

Por fim, a visão do papel do Estado na economia, aproxima-se da visão dos libertários. Existe na facção religiosa do *Tea Party* um certo fundamentalismo *constitucionalista*, que coabita com o fundamentalismo bíblico. Os *tea partiers* religiosos seguem uma interpretação literal da Bíblia - daí a apelação de fundamentalistas, por seguirem os fundamentos da Bíblia - bem como, uma interpretação literal da Constituição americana. A preocupação dos *tea partiers* religiosos relativamente à Constituição diz respeito ao papel do Estado federal, e à constante intromissão do Estado na economia americana desde os anos 30 com o *New Deal* do presidente Democrata Delano Roosevelt, um ponto que os une aos *tea partiers* libertários:

The federal government, especially Congress, must be held to a strict interpretation of the Constitution. (...)

(...) Some observers argue that Tea Party evangelicals view the Constitution through a lens known as “Christian Reconstructionism”. This fundamentalist movement preachers the rule

of biblical law - the Bible contains the rules of right living - and also believes that God meant for secular government to possess only limited authority (FORMISANO, 2012, p.53).

Neste caso, apoiando-se tanto na bíblia como na Constituição americana, os *tea partiers* religiosos vão beber às origens da nação americana o anti estatismo: em primeiro lugar, às origens cristãs das treze primeiras colônias; em segundo lugar, o anti estatismo vai buscar legitimidade às origens democráticas da nação americana, ao amor à liberdade, à república, à Constituição. Não são só os libertários a ter medo do poder do Estado, os religiosos do *Tea Party* têm medo que o Estado federal, mais tarde ou mais cedo, se possa tornar opressivo⁸⁹. Este ponto é importante, pois aproxima os libertários dos religiosos, e permite ao *Tea Party* ter uma certa coerência. Concluindo, a religiosidade dos *tea partiers* cristãos intromete-se em tudo, desde a política interna à política externa, passando pela educação e pela teoria da evolução. O cristianismo nos EUA tem uma importância que há muito perdeu na Europa, e isso reflete-se na política interna americana, sem a mínima dúvida.

2.3 - O *Tea Party* e o nacionalismo americano

O *Tea Party* rejeita, tal como todos os dois grandes partidos representados no Congresso, qualquer forma de racismo, bem como qualquer supremacia racial. Contudo, o *Tea Party* foi acusado de manter uma ligação não oficial com grupos nacionalistas brancos. Neste subcapítulo, iremos analisar esta ligação que supostamente existira entre o Movimento *Tea Party* e grupos que se reivindicam da supremacia branca.

O *Tea Party*, no seu conjunto, é visivelmente patriótico. Pat Buchanan, eminente conservador isolacionista, defende o patriotismo *tea partier* como sendo algo de importante e são, para o país, sobretudo tendo em conta a crise económica que os EUA estão a experimentar (JOSLAIN, 2012). O patriotismo do *Tea Party* tem sido apresentado como vivificador, sobretudo na altura em que apareceu, pouco tempo após o fim de oito anos de Administração Bush filho que não só aumentou a dívida pública enormemente, como, cumulativamente, deixou os americanos menos esperançosos quanto ao futuro e menos otimistas relativamente ao papel dos EUA no mundo. A guerra do Iraque deixou marcas na sociedade americana e muitos norte-americanos perderam fé no país e na missão *pacificadora* dos EUA no mundo. O patriotismo *tea partier*, o amor ao país, é visto como uma maneira de voltar a dar esperança aos americanos. (...) *l'Amérique doit affirmer son patriotisme, c'est-à-dire l'amour du pays, et aussi ce principe que lui est imposé par sa naissance de s'engager et de faire des sacrifices pour le pays s'il est agressé, mais aussi pour le monde. (...) Et bien que Pat Buchanan soit anti-interventionniste, il finit par rejoindre Blankey: "L'Occident est en train de disparaître dans un nouvel ordre mondial et contre ce mondialisme forcé, ces braves gens du Tea Party pourraient bien*

⁸⁹ POSNER, Sarah, *Tea Party Values*, The Nation Online, 21 de setembro de 2010.

représenter notre dernier espoir” (JOSLAIN, 2012, p.55). Se o patriotismo dos *tea partiers* não apresenta nada de anormal, num país extremamente patriótico, o nacionalismo exacerbado de alguns *tea partiers*, assusta uma parte da elite intelectual americana. A fronteira entre o patriotismo e o nacionalismo no *Tea Party* é, ainda hoje, motivo de debate.

Pouco tempo depois das primeiras manifestações do *Tea Party*, e, sobretudo após a demonstração de força do dia 15 de abril de 2009, os protestos levados a cabo pelos apoiantes e ativistas do *Tea Party* atraíram vários membros da *supremacia branca*⁹⁰, bem como, organizações conotadas com o nacionalismo branco, organizações que por sua vez fazem parte de uma enorme rede de grupos nacionalistas brancos espalhados um pouco por todo o país. A ideologia extremista e racista partilhada por estes grupos, começou a ser difundida em manifestações, através da propaganda levada a cabo por membros da supremacia branca. Existem atualmente duas visões daquilo que os EUA se devem tornar:

As a movement, white nationalism has projected two slightly different visions of white supremacy. One goal is a United States of America in which white and black and other people of color are all resident, but white domination is complete and un-complicated by civil rights laws and voting rights for people of color. A alternative white nationalist vision is a white-only republic carved out of the remains of a collapsed and dissected United States of America. Hard core white nationalists use terms such as “racial realist” and “self-conscious whites” to distinguish themselves from the majority of white people in this country, including those that simply exhibit racist or prejudiced opinions (FORMISANO, 2012, p.59).

A partir de julho de 2009, os grupos nacionalistas começaram a aparecer cada vez mais em manifestações organizadas pelo *Tea Party*. Havia discussões em vários fóruns da internet em que se discutia se os nacionalistas brancos deviam ou não levar símbolos como a suástica, a águia alemã, símbolo do Terceiro Reich, ou outros símbolos nazis. No final, foi decidido que nenhuns símbolos nacional-socialistas deviam ser utilizados pelos nacionalistas brancos, a não ser a bandeira da Confederação Americana (BURGHART e ZESKIND, 2010). Deviam tentar levar literatura nacionalista, para aliciar os apoiantes do *Tea Party*: *Several people said they would bring a variety of pieces of propaganda, with the intensity of racism apparent on a sliding scale. They would gauge the individual Tea Partier that they were talking to, and hand them material accordingly* (BURGHART e ZESKIND, 2010, p.60).

Estas acusações começaram, sobretudo, a partir de um relatório realizado pelo *Institute For Research & Education On Human Rights* sobre supostas ligações entre o *Tea Party* e várias organizações e figuras-chaves da supremacia branca americana. O relatório - cujo título é *Tea*

⁹⁰ Todo e qualquer grupo que reivindica não o orgulho, mas antes a supremacia / superioridade da raça branca europeia é rotulada de *supremacista*. A *White Supremacy* reúne um conjunto de organizações poderosas nos EUA, que consegue encontrar membros brancos das classes mais baixas, adolescentes influenciáveis e sem rumo, nas escolas de bairros sociais, nas prisões, ou mesmo, em certos casos, nas Forças Armadas Americanas.

Party Nationalism, A critical Examination of the Tea Party Movement and the size, scope, and focus of its national factions, apresentava vários casos em que membros de grupos nacionalistas brancos recebiam apoio de conhecidos *tea partiers*, e, outros casos em que, através da cumplicidade dos ativistas do *Tea Party*, vários neonazis tinham difundido ideias racistas entre os apoiantes do *Tea Party* nas manifestações, bem como distribuído literatura de cariz fascista / nazi e *supremacista* branca. Contudo, até prova do contrário, não existe uma clara ligação entre os nacionalistas brancos e o *Tea Party*, além de que, as lideranças *tea partiers* rejeitaram sempre qualquer acusação que os ligasse a tais grupos racistas, apresentado o movimento como um fenómeno político aberto a todas as raças.

Não obstante, o Movimento *Tea Party* apresenta-se como nacionalista no sentido em que, o *amor ao país* é exagerado, ao ponto de considerar as outras nações como *inferiores* e a nação americana como *única* na História, bem como dividir os americanos em *autênticos americanos* e *falsos americanos*: eis o nacionalismo americano, não necessariamente racista, já que há negros e latinos nacionalistas, mas antes um nacionalismo em que é apresentado uma imagem do *verdadeiro americano*, como sendo alguém que acredita em Deus, lê a bíblia, gosta de defender a sua liberdade, gosta de armas e de defender a sua propriedade privada.

A própria simbologia que impera no *Tea Party*, ajuda-nos a perceber o fenómeno nacionalista que tomou conta dos *tea partiers*: a bandeira americana da época revolucionária, os fatos militares dos insurgentes (BURGHART e ZESKIND, 2010), a bandeira amarela com uma cobra onde se pode ler *Don't tread on me*, a veneração quase religiosa da Constituição Americana, e o ódio relativamente aos imigrantes, vistos como um potencial perigo não só para os trabalhadores americanos, já que fazem o mesmo trabalho por um salário inferior, mas para a sociedade em geral, já que são apresentados como potenciais criminosos⁹¹. *That all are signs of the over-arching nationalism helps define the Tea Party movement. (...) It is a form of American nationalism, however, that does not include all Americans, and separates itself from those it regards as insufficiently “real Americans”* (BURGHART e ZESKIND, 2010, p.60). É a partir desta ideia de que uns são mais Americanos do que outros, que cresceu, dentro do *Tea Party*, um grupúsculo de ativistas que defende a teoria de que o presidente Obama não nasceu nos EUA, conhecidos como *Birthers*. É também a partir desta ideia que os *tea partiers* acusam o presidente Obama de não ser um verdadeiro patriota, de querer enfraquecer os EUA, ou simplesmente de querer instaurar um regime comunista. Acusações, sem fundamento, que contudo conseguem atrair apoiantes mais radicais, bem como racistas (BURGHART e ZESKIND, 2010).

⁹¹ Aliás, através desta ideia, a de que os imigrantes não só roubam os empregos aos nativos americanos, mas que também representam potenciais criminosos ou, no caso dos imigrantes muçulmanos, terroristas, que os ativistas do *Tea Party* manifestam-se constantemente contra as políticas acerca da imigração propostas pela Administração Obama, bem como a vontade por parte do presidente Obama de legalizar milhões de ilegais. Por exemplo, o *tea partier* Tom Tancredo discursou contra os imigrantes na Convenção de Nashville. Outro apoio claro do *Tea Party* à implementação de legislação anti-imigração, foi o apoio incondicional que os *tea partiers* deram à governadora do Arizona Jan Brewer quando esta última tentou introduzir uma legislação fortemente anti-imigração, conhecida como “SB1070”.

Para finalizar, os *tea partiers* (pelo menos os mais conhecidos) podem não apoiar necessariamente o nacionalismo branco, nem que seja pela existência de ativistas *tea partiers* asiáticos, negros e latinos, mas porque existe claramente um discurso virado para o nacionalismo americano.

2.4 - Estrutura e características sociológicas da base eleitoral

Ainda hoje, a maioria dos Democratas acusam o *Tea Party* de ser nada mais do que um movimento criado de raiz pelo Partido Republicano. Pelo contrário, os Republicanos argumentam que o *Tea Party* é a base mais conservadora do Partido Republicano, uma base barulhenta. *And yet poll after poll of the American electorate throughout 2009 and 2010 has shown that the Tea Party has grown in its own right and now constitutes its own political entity, distinct from the major parties and arguably more popular as well* (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010, p.145). Existe uma característica interessante no *Tea Party*, não existe uma estrutura centralizada, nem uma verdadeira liderança - apesar de certas figuras mais importantes e populares poderem ser consideradas como líderes *de facto*, apresentam-se como *porta-vozes* do Movimento, lembrando um pouco as organizações de tipo anarquistas - nem uma militância disciplinada.

Enquanto o Partido Republicano e o Partido Democrata possuem sedes em Washington D.C., o mesmo não acontece com o *Tea Party*. Não existe enquanto partido político independente, já que integra o Partido Republicano. Não é uma *ala* política deste último, antes um movimento que se constituiu independentemente mas que se colou aos Republicanos, para tentar impulsionar o partido do elefante que se encontrava enfraquecido e impopular, culpa dos oito anos de Administração Bush filho. A estrutura do *Tea Party* é algo complexa. Não se trata de uma estrutura organizada à maneira dos dois grandes partidos políticos americanos, muito menos dos partidos europeus, nem mesmo de uma associação política. É um movimento constituídos por várias organizações poderosas que o impulsionam, por centenas de grupos e associações locais, independentes entre si e livres de qualquer interferência dos porta-vozes principais do *Tea Party* ou das principais organizações que o constituem. É também impulsionada por centenas de milhares de ativistas que criam eventos, organizam manifestações, criam *sites*, blogues, fóruns políticos e que, através de recolhas de fundos, permitem aos candidatos do *Tea Party* reunirem dinheiro para as campanhas. É uma rede complexa, gigantesca, nacional, completamente fragmentada, unida numa série de objetivos económicos, sociais e religiosos.

It is a network, a network of political activist disconnected from the political establishment that, for historic reasons, is at the center of an unprecedented shift in American politics (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010, p.146). Assim, Scott Rasmussen e Douglas Schoen, dividem a estrutura do *Tea Party* em quatro ramos: os *organizational backers* (organizações

que impulsionam o *Tea Party*); os organizadores individuais; os líderes simbólicos; e por fim, o mais importante, a base social do Movimento.

Os *Organizational Backers* são organizações poderosas que ajudam o *Tea Party* de várias maneiras, desde o financiamento dos candidatos, até a organização de eventos, manifestações, acampamentos, etc. Existem seis grandes organizações deste tipo, ou pelo menos, há seis que se demarcam das outras pela capacidade de mobilização que têm e pelo número de membros que possuem: *FreedomWork*; *Tea Party Express*; *Tea Party Nation*; *Our Country Deserves Better*; *The Tea Party Patriots*; e a *Americans For Prosperity* (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

A organização *FreedomWorks*⁹² consiste numa organização conservadora (sendo rotulada por alguns de ultraconservadora), libertária, existindo enquanto organização sem fins lucrativos. Foi fundada em 2004 e, visto o principal objetivo ser o de assistir candidatos conservadores / ultraconservadores e / ou libertários, bem como treinar e mobilizar voluntários, cedo ajudou e impulsionou o Movimento, teria mais de 1 milhão de membros, e cerca de 600 mil voluntários. Advoga o liberalismo, menos taxas e impostos, governo mínimo, bem como mais liberdade. Foi acusado pela Nancy Pelosi de ter ligações obscuras com a indústria das seguradoras, uma acusação prontamente desmitificada pelo jornal *New York Times* (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010, p.147).

O *Tea Party Express*⁹³ é uma organização baseada na Califórnia, criada no Verão de 2009, cujo propósito é levar os candidatos e os líderes simbólicos do Movimento *Tea Party* a viajar através do país, de autocarro, como forma de visitarem todos os Estados americanos. É daí que advém o nome *Tea Party Express*, por se tratar da *caravana* ambulante do Movimento. Foi fundado a partir de outra organização, a *Our Country Deserves Better*, a partir de uma recolha de fundos que permitiu a recolha de 585.000 dólares, permitindo assim a deslocação de várias figuras importantes pelo país, tais como a candidata à vice-presidência, Sarah Palin (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

O *Tea Party Nation*⁹⁴ é uma organização que se apresenta como extremamente cristã e patriótica. No *website* do grupo, é possível ler várias notícias e textos patrióticos e cristãos. É considerada como uma das organizações que melhor representam o *Tea Party*. É também uma das mais poderosas e aquela que reúne vários grupos *tea parties* locais. Tem sido acusada de ser uma organização de cariz nativista, nacionalista, um grupo de ódio, obcecado com teorias da conspiração. A organização *Our Country Deserves Better PAC*⁹⁵, um *Comité de Ação Política*, fundado em 2008, tinha como única razão de ser a de impedir a todo o custo a eleição do candidato presidencial Barack Obama. É um grupo conservador, que decidiu impulsionar o *Tea Party* a partir de 2009. Argumentam que o Presidente Obama vai enfraquecer os EUA. Outra ideia muito partilhada entre os membros desta organização é a de que o Congresso estaria a sofrer um assalto dos liberais de esquerda. Preocupam-se também com as políticas energéticas,

⁹² Site: <http://www.freedomworks.org/>

⁹³ Site: <http://www.teapartyexpress.org/>

⁹⁴ Site: <http://www.teapartynation.com/>

⁹⁵ Site: <http://www.ourcountrydeservesbetter.com/>

as políticas de imigração, as políticas sociais, o *Obamacare* e a diplomacia (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

O *Tea Party Patriots*⁹⁶ é provavelmente uma das mais importantes das organizações que apoiam o *Tea Party*, juntamente com a *FreedomWork*. Consegue estender a sua influência sobre todo o território americano. Ajuda a treinar futuros ativistas do *Tea Party*. Foi no *site* do *Tea Party Patriots* que surgiram, no dia 15 de abril de 2010, os vinte e dois pontos do *Contract From America*. Em 2011 tinha mais de 400 *sites* locais, contava com 15 milhões de associados, repartidos por mais de 1000 organizações locais, repartidas por todo o país. Não existe a vontade por parte da organização central em disciplinar os membros e apoiantes, nem mesmo submeter as organizações locais sob sua alçada. *Tea Party Patriots differs from some of the other large groups in avoiding a strictly partisan agenda and claiming to be a truly grassroots conservative coalition* (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010, p.149-150).

Por fim, o *American For Prosperity*⁹⁷, fundado em 2004 pelos irmãos Koch, bilionários ultraliberais, críticos das políticas instituídas pela Administração Obama, tem servido os interesses de muitos bilionários americanos, já que declarou guerra aos impostos. Graças à fortuna dos irmãos Koch, a organização tem financiando as campanhas do *Tea Party* (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

Indivíduos isolados foram fulcrais nos primeiros momentos do *Tea Party* e continuam a sê-lo ainda hoje. Desde a organização de eventos, tais como piqueniques ou campos de férias, a enormes manifestações um pouco por todo o país, estes indivíduos podem não pertencer necessariamente a nenhuma estrutura organizada, mas partilham a ideologia do Movimento e tentam defender os seus direitos. A internet, através da multitude de blogues, *sites*, fóruns e redes sociais, tais como, o facebook, ou o twitter, tem facilitado o trabalho destes indivíduos. Qualquer pessoa que se identifique com o *Tea Party* pode criar um evento numa rede social, convidar e adicionar o máximo de pessoas. Com a ajuda de organizações tais como o *Tea Party Patriots*, recebem um treino prévio para se tornarem verdadeiros ativistas *tea partiers*. Estes indivíduos, que não pertencem a nenhuma organização em particular, nem ao Partido Republicano ou ao Partido Democrata, são heterogéneos entre si, o que explica a multitude de pessoas e ideias presentes nas manifestações que se reivindicam do *Tea Party* (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

O terceiro ramo, os líderes simbólicos, podem ser considerados como os líderes *de facto* do *Tea Party*, embora oficialmente o movimento não tem líderes. Faz parte da mística do movimento de não apresentar nenhum líder, pois iria contra tudo o que defende - governo mínimo, a importância da Constituição, a liberdade do povo americano, a luta contra a tirania dos governantes - e poderia por em causa os fundamentos do Movimento. As figuras mais importantes e populares do *Tea Party* são originários, tradicionalmente, da ala conservadora

⁹⁶ Site: <http://www.teapartypatriots.org/>

⁹⁷ Site: <http://americansforprosperity.org/>

ou da ala libertária do Partido Republicano, tais como Sarah Palin, Michele Bachmann, Ted Cruz, Ron Paul e, mais recentemente, o novato Marco Rubio.

A verdade é que Movimento *Tea Party* nunca teria conseguido ganhar tanto poder se não tivesse recebido um apoio popular tão massivo. Mas então, quem são os apoiantes e militantes do movimento? A que raça, classe social e género pertencem? Pensamos que uma breve apresentação da sociologia por detrás do movimento, poderá ajudar-nos a compreender o porquê da existência dos dois maiores grupos presentes neste movimento: os libertários e os conservadores cristãos (bem como de vários grupúsculos nacionalistas). A sociologia de um determinado grupo tem uma influência importante e é deveras importante conhecer a mesma, como forma de podermos perceber o porquê de certas características ideológicas. Neste caso, o facto da maioria dos membros pertencerem a uma determinada classe populacional explica, em parte, algumas das ideias políticas que vigoram no movimento em estudo.

Na sua fase inicial, o Movimento era constituído maioritariamente por homens, mais precisamente homens brancos. O peso dos homens de raça caucasiana era tão grande, que alguns comentadores começaram a afirmar que o movimento *Tea Party* era, na verdade, o movimento dos *homens brancos zangados*, os *Angry White Men*, em inglês. Assim, segundo uma sondagem do canal CNN datado de 17 de fevereiro de 2010 (logo, um ano após as primeiras manifestações do movimento), 80% dos membros do movimento eram brancos caucasianos, 10% eram latinos - nos EUA diferenciam-se os brancos de origem europeia, ditos brancos caucasianos, dos latinos, também eles de pele clara mas proveniente de misturas entre europeus, negros e ameríndios (embora uma larga maioria tenha genética europeia) - 2% eram negros / afro-americanos (uma minoria minúscula dentro do grupo), e 8% pertenciam a outras minorias étnicas, tais como os asiáticos de tipo mongol, indianos, árabes, etc. Oito em cada dez membros do *Tea Party* eram, em 2010, brancos, uma maioria esmagadora (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

O porquê desta característica explica-se, pela perda de empregos devido a que as deslocalizações afetaram muitos *colarinhos azuis* e que muitos deles eram brancos. Já foi mencionado no primeiro capítulo a perda de importância de cidades como Detroit, Cleveland ou Pittsburgh, outrora cidades ricas e industrializadas. As populações brancas de classe média destas cidades perderam os empregos, situação que levou a uma pauperização da classe operária (que constituía outrora a classe média baixa e média americana), o que, por sua vez, levou a uma perda do estatuto social e do respeito. A discriminação positiva também é causadora de algum mal-estar no seio da população masculina branca, visto que (sobretudo desde a era Clinton) muitos empregos foram reservados (existem quotas obrigatórias em certas empregos públicos) para as minorias étnicas - negros, latinos, asiáticos, populações provenientes do Médio-Oriente, e índios americanos. Esta discriminação, relativamente aos brancos, começou na década de 60, com a chamada *Grande Sociedade* do presidente Johnson, que visava instituir uma sociedade justa do ponto de vista racial, mas que tem sido criticado por muitos, já que não só é considerada injusta relativamente aos brancos, como não tem resolvido os problemas de pobreza, iliteracia e criminalidade entre as populações negras.

Muitos meios de comunicação acusaram o *Tea Party* de contar nas suas fileiras membros com poucos estudos académicos, incultos, pobres e violentos, aquilo que os americanos denominam, pejorativamente, de *white trash*, cuja tradução literal é *lixo branco*, ou seja, as camadas mais baixas da população de origem europeia. Segundo a mesma sondagem é um erro pensar assim. Cerca de 75% dos membros do *Tea Party* tinham um grau académico superior, contra 54% para a média nacional americana, enquanto 34% dos militantes ganhavam mais de 75 mil dólares por ano, e, apenas 26% ganhavam menos de 50 mil dólares por ano. Daqui podemos retirar duas conclusões importantes. Em primeiro lugar, os militantes do Movimento não são tão incultos e iletrados como alguns *media* pássaros apresentaram. Em segundo lugar, mesmo se muitos militantes são provenientes da classe média operária que tem vindo a perder poder económico e sofrer do desemprego desde os anos 80, a verdade é que uma grande percentagem provém da classe média alta (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

Relativamente ao género, as informações apontam todas para uma certa igualdade relativamente à percentagem de homens e de mulheres no seio do Movimento. Segundo as sondagens realizadas por institutos como a Gallup, a CBS ou o New York Times, indicam uma paridade sexual, 50% de homens para 50% de mulheres, enquanto as sondagens da CNN apresentam cerca de 60% de homens para 40% de mulheres. Se é verdade que encontramos muitos jovens, não é menos verdade de que uma boa parte dos militantes têm uma certa idade, 57% têm mais de 55 anos. Esta informação diz-nos muita coisa. São pessoas de uma certa idade, que nasceram nas décadas em que os EUA dominavam o mundo, cresceram numa nação que se orgulhava de proteger a liberdade, cuja economia não parava de crescer e que, pouco a pouco, viram o país no qual nasceram, definhando, perder a sua vitalidade. Segundo as sondagens da CNN e da Gallup, apenas 17% dos militantes têm menos de 40 anos e, uma estatística interessante, em 2010 apenas 3% dos militantes tinha menos de 30 anos. Relativamente à localização geográfica, 41% vêm dos subúrbios, 29% das zonas rurais, e 26% das cidades. A maioria dos apoiantes provém do sul (o *Dixie*⁹⁸), cerca de 45%, enquanto 21% são do oeste americano (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010).

Uma característica fulcral para entender o poder dos conservadores cristãos no seio do *Tea Party* (já que se trata do grupo maioritário) é o número de religiosos no seio do Movimento. A quase totalidade dos membros são cristãos, mais de 90%, repartidos entre 60% de protestantes, 28% de católicos, e uns 5 a 7% de outros credos cristãos, muitos deles ligados aos fundamentalistas cristãos, ou aos mórmons. Os militantes deste Movimento, costumam apresentar um patriotismo exacerbado, muitas vezes próximo do mais puro nacionalismo, podendo chegar ao ultranacionalismo racista, como veremos adiante. Segundo certas sondagens, 76% dos apoiantes do *Tea Party* pensam que Deus reservou um lugar especial aos

⁹⁸ O Sul dos Estados Unidos da América é assim apelidado desde o século XIX. Os Estados da federação que compõe o *Dixie* são os seguintes: Missouri, Texas, Oklahoma, , Arkansas, Carolina do Sul, Carolina do Norte, Geórgia, Louisiana, Mississippi, Kentucky, Maryland, Tennessee, Alabama, Flórida, Virgínia Ocidental e a Virgínia. (NOUAILHAT, 2003)

EUA na História da Humanidade, que a Nação americana é diferente de tudo o que já existiu. Quase 70% assistem regularmente a uma missa religiosa e o modo de vida cristã que praticam, influencia muito as suas escolhas políticas. Têm uma visão própria da vida, em que os que respeitam Deus e trabalham muito, conseguem vencer e atingir o *sonho americano*: (...) *persuadés qu'ils ont mérité leur place au sein de la classe moyenne en se mariant, en ayant des enfants, en allant à l'église régulièrement et en payant leurs impôts, ils entendent protéger leur mode de vie des attaques venues du sommet de l'État* (GODET, 2012, p.77).

Logo, podemos daqui inferir que os apoiantes e militantes do *Tea Party* são na sua maioria brancos europeus de uma idade superior aos 50 anos (RASMUSSEN e SCHOEN, 2010), pertencentes à classe média americana, conservadores, muito religiosos, com uma determinada visão do lugar dos EUA no mundo e, que não admitem o rumo que o país está a levar, sobretudo tendo em conta que são pessoas que cresceram numa nação que já foi, outrora, a única superpotência do Planeta. São, à maneira do Clint Eastwood no filme *Gran Torino*, antigos colarinhos azuis que não suportam ver o seu país definhar, que não admitem ver a imigração latina aumentar, e, sobretudo, que não admitem ver a classe média branca perder o poder económico e político que sempre teve desde a criação do país.

Síntese do Capítulo II

A divisão do Movimento *Tea Party* em duas fações distintas, começou a ser claro depois das eleições de 2010. A fação dos libertários fora aquela que permitira o advento do Movimento. As primeiras manifestações não foram para pedir mais moral cristã aos cidadãos, nem para denunciar Obama como sendo um muçulmano negro, mas antes para denunciar os gastos excessivos do governo. Os ultraliberais / libertários existem há muito no Partido Republicano. Ron Paul é um veterano do Congresso, conhecido pelas ideias pouco ortodoxas e pelos discursos críticos que mantém, tanto relativamente ao Partido Democrata, como ao Partido Republicano, nunca conseguiu alcançar grandes resultados nas eleições. Contudo, o aparecimento do *Tea Party* ofereceu-lhe uma oportunidade, bem como a todos os ultraliberais, de se mostrarem, de mexer com a política interna americana.

Os ideais defendidos pelos *tea partiers* libertários são os mesmos que o Ron Paul tem defendido desde os anos 70/80: Estado mínimo; fim das ajudas sociais; extinção do Ministério da Educação e do Ministério da Energia; uma política externa de tipo paleoconservadora, ou seja, os EUA devem fechar-se e evitar a todo o custo entrar em conflitos, pois as guerras custam dinheiro, logo, obrigam os cidadãos a pagar mais impostos. Este último facto poderá entrar em choque com a fação cristã conservadora do *Tea Party*, como veremos no próximo capítulo.

A outra fação, e aquela que é atualmente a mais forte e representativa do *Tea Party*, a fação religiosa, ultraconservadora, messiânica na sua visão do papel dos EUA no mundo, é a mais poderosa das duas. É deveras interessante ver que entre a direita religiosa dos anos 70 e os cristãos ultraconservadores do *Tea Party* não existe nenhuma diferença: ambos são intolerantes no que toca ao ensino do darwinismo nas escolas públicas e privadas; ambos são completamente contra o aborto, podendo recorrer a ataques a clínicas que realizam interrupções voluntárias da gravidez; ambos não admitem o casamento homossexual, a adoção de crianças por parte de casais homossexuais; ambos têm uma visão messiânica da política externa.

Para a fação religiosa do *Tea Party*, os EUA são um país cristão e têm de continuar a sê-lo até a vinda do *Messias*. A crença de que o *Dia do Juízo Final* virá, mais tarde ou mais cedo, está bem presente na mente dos *Tea Partiers* e, subsequentemente, acreditam que os EUA têm de preparar o mundo para a *Segunda Vinda de Cristo*, profetizado nas Sagradas Escrituras. Neste ponto, como veremos adiante, a fação religiosa do *Tea Party* aproxima-se dos neoconservadores, mas afasta-os completamente dos libertários. Poderão daí advir problemas? Veremos no próximo capítulo.

III - Homogeneidade ou Heterogeneidade?

3.1 - Homogeneidade?

Todos os apoiantes, ativistas, porta-vozes, organizações ou grupos pertencentes ao Movimento *Tea Party*, parecem estar de acordo nalguns temas fulcrais, temas esses que reuniram milhões de americanos de diferentes classes sociais, raças, religiões e ideologias políticas, numa luta comum.

Em primeiro lugar, todos os *tea partiers* são contra o aumento de impostos, preferindo antes que os líderes em Washington D.C. os baixem até ao mínimo possível, como forma de retirar um *peso* demasiado insuportável aos contribuintes americanos, esmagados por impostos demasiados altos, sobretudo em tempo de crise. Em segundo lugar, todos os *tea partiers* parecem estar de acordo quanto à necessidade de o Estado federal diminuir em tamanho, bem como a abolição de alguns ministérios considerados como demasiados dispendiosos para as funções e importância que detêm. Em terceiro lugar, a necessidade de os americanos, os *verdadeiros americanos*⁹⁹ (ou aqueles que os *tea partiers* apelidam de verdadeiros americanos), defenderem os empregos dos nativos americanos e a segurança interna, forçando os líderes Democratas e Republicanos a imporem medidas que possam combater eficazmente a imigração crescente. A expulsão dos ilegais é outro ponto no qual todos os *tea partiers* estão de acordo.

O *Affordable Care Act*, mais conhecido como o *Obamacare*, cujo intuito é o de dar cobertura na saúde a milhões de americanos que não a têm - e que, subsequentemente, vivem com o perigo constante de poderem adoecer sem terem direito à saúde - tem sido uma luta que tem conseguido unir todos os ativistas e apoiantes do *Tea Party*, desde que o presidente Democrata Barack Obama decidiu passar a legislação no Congresso. É um tema recorrente nas manifestações do *Tea Party*. É através do *Affordable Care Act* que os *tea partiers*, quer sejam

⁹⁹ O que é um verdadeiro americano para os *tea partiers*? É difícil responder a esta questão. A análise bibliográfica não nos permite responder a esta questão, visto os *tea partiers* não apresentarem uma verdadeira definição de *verdadeiro americano*. Por exemplo, Devin Burghart e Leonard Zeskind, autores de um relatório sobre o “nacionalismo” dentro do Tea Party, afirmam que um “verdadeiro americano”, para os *tea partiers*, é alguém que tem, em primeiro lugar, origens europeias, e uma cultura cristã protestante. Segundos os mesmos, alguns porta-vozes / líderes mais conhecidos do movimento tentam passar a ideia de que um verdadeiro americano é aquele que respeita a cultura, defende a nação, trabalha, constitui uma família... Contudo, existe também certos grupúsculos menores que defendem a supremacia dos brancos e, consequentemente, defendem que os verdadeiros americanos são os de origem europeia, cristãos, protestantes e evangelistas, aqueles que fundaram os EUA após a Revolução Americana. Curiosamente, os índios americanos não são mencionados como verdadeiros americanos, apesar de terem sido os primeiros habitantes do continente americano (propositadamente?). É aconselhável ler o relatório em questão, *Tea Party Nationalism, a critical examination of the Tea Party Movement And the Size, scope, and focus of its national factions*, realizado para o *Institute For Research & Education On Human Rights*, pois os dois autores apresentam vários factos para defender a tese de que o Tea Party vê os verdadeiros americanos como sendo os brancos caucasianos cristãos - brancos caucasianos europeus, os de tipo arábico, turco ou semítico não entram nesse definição - tais como o culto aos símbolos da Confederação (da Guerra de Secessão), apenas para citar um exemplo.

os da facção libertária, quer sejam os da facção religiosa, acusem o presidente Barack Obama de ser na verdade um comunista, cujo plano secreto será transformar os EUA num país socialista.

O orgulho na história americana, na mística dos *Pais Fundadores*, cujo objetivo grandioso era o de criar uma nação simplesmente única, uma terra de liberdade, respeito, Democracia, onde qualquer um poderia adquirir propriedade privada, ter armas para se defender dos outros e do Estado, seguir a sua religião sem que ninguém o perseguisse, basicamente, onde qualquer um poderia recomeçar do zero e viver uma vida livre e feliz (desde que fosse branco, claro¹⁰⁰). A bandeira da União é brandida por ambas as facções e, tanto os libertários como os religiosos conservadores, vestem-se como os insurgentes da época revolucionária. Ambos os grupos são nativistas, mais a facção religiosa do que a facção libertária, e ambos defendem a necessidade de os EUA reduzirem a imigração (uns querem reduzi-la, outros querem simplesmente parar com toda e qualquer imigração).

Por fim, outro tema que tem cimentado o *Tea Party* é o ódio à Administração Obama que ambas as facções partilham em comum. As acusações de que Obama não nasceu nos EUA são feitas por ambas as facções. Os libertários acusam-no de ser um socialista, ou mesmo um comunista, logo, um traidor. Os *tea partiers* da facção religiosa acusam-no de ser um muçulmano, convertido quando nasceu pelo pai (que era muçulmano), e, que quer islamizar os EUA. Também o consideram como um traidor e um potencial perigo para o país. É sem dúvida um ódio que tem contribuído para a agremiação de muitas pessoas em torno do Movimento *Tea Party*.

3.2 - Heterogeneidade, a clara incompatibilidade de certos ideais

Se tivemos a oportunidade de observar que existe uma certa semelhança nalgumas das ideias defendidas pelas duas principais facções do *Tea Party*, existem também pontos em que ambas as facções estão completamente divididas, pondo em risco a união do Movimento. Acabámos de descrever a ideia central que o *Tea Party* conserva do Estado federal, onde este anda a gastar demasiado dinheiro, e de que um Governo demasiado grande irá acabar por desabar ou, em última análise, instaurar um regime ditatorial. É a ideia que tem cimentado os

¹⁰⁰ A liberdade e a oportunidade de poder recomeçar do zero e vencer na vida não era para todos. Enquanto os brancos europeus que acabavam de imigrar nos EUA encontravam a oportunidade de viverem uma nova vida em liberdade, pouco importa se fossem católicos, protestantes, ou mesmo judeus, o mesmo não se passava com os negros, que vivam sob a condição de escravos no sul, e eram maltratados no norte. Aliás, até sensivelmente os anos 70, a situação dos negros, como nos diz Boorstin, era complicada, já que tinham salários menores do que os brancos, não tinham direito a certos cargos, e em alguns Estados do Sul nem sequer podiam votar, com medo de sofrerem retaliações de grupos racistas, tais como o Ku Klux Klan (BOORSTIN, 1991). Quem quiser obter mais informações, poderá obtê-la lendo a seguinte obra : BOORSTIN, Daniel, *Histoire des Américains*, Éditions Robert Laffont, 10/10/1991. A obra citada sofreu entretanto uma revisão.

membros do Movimento. Contudo, excluindo a crítica às políticas económicas do presidente Barack Obama e, à vontade, deste último em passar a legislação do *Obamacare*, há vários pontos que os separam.

Em primeiro lugar, a crise financeira de 2008 foi causada em grande parte pelos gigantes da banca norte-americana. Os grandes investidores de Wall Street realizaram operações fraudulentas durante anos, sem que o Estado interferisse, no mais puro estilo do *laissez-faire* ultraliberal. Daí existir, como é natural, um forte descontentamento da população americana em geral, incluindo dos *tea partiers*, relativamente aos grandes investidores de Wall Street, aos multimilionários e aos bancos americanos. O chamado *Big Business* deixou de estar nas boas graças dos americanos, e agora é apontado como o principal culpado do estado do país.

Ronald Formisano, informa-nos que as críticas que emanavam de alguns manifestantes do *Tea Party*, mais pareciam provenientes de manifestantes da esquerda americana (os liberais americanos) do que um movimento rotulado, no presente, como sendo de extrema-direita. Em muitos casos, as críticas que os *tea partiers* faziam aos grandes investidores, financeiros e *traders* de Wall Street aproximavam-nos dos membros do movimento *Occupy Wall Street*¹⁰¹. Tinham sido estes homens, os *CEO's* dos maiores bancos e os *traders* da bolsa de Nova Iorque, os principais causadores da crise logo, com base na justiça, deviam ser eles a pagar e não os pequenos contribuintes americanos.

É o primeiro ponto em que encontramos diferenças entre os *tea partiers* libertários e os *tea partiers* da direita religiosa, já que os primeiros não são hostis aos multimilionários, nem às grandes multinacionais ou transnacionais, nem mesmo aos especuladores e financistas que causaram a crise, enquanto, os segundos, são a favor da punição dos que a causaram. Quando alguém perguntou aos libertários se pensavam em apresentar propostas para punir os causadores da crise, um dos representantes disse que iria pensar no assunto (FORMISANO, 2012). Quando perguntaram ao mesmo representante *tea partier* o que achava de todas os negócios obscuros realizados pelas grandes corporações e qual a sua opinião em relação às transações fraudulentas realizadas por muitos bancos americanos, preferiu não dar a sua opinião e afirmar que seria outro tema que teria de discutir com os outros membros do *Tea Party* (FORMISANO, 2012). É uma diferença clara com muitos membros *tea partiers* da facção religiosa, já que estes

¹⁰¹ O *Occupy Wall Street* é um movimento popular, embora diferente do Tea Party, Enquanto este último colou-se a um partido político (o Partido Republicano), e apresenta candidatos ao Congresso (Câmara dos Representantes e Senado), tendo o objetivo de influenciar o poder ou, em última análise, tomar o poder, o Movimento *Occupy Wall Street* é independente de qualquer partido, não tem uma estrutura com organizações e grupos locais (logo, não apresenta uma estrutura como o Tea Party), e não quer eleger candidatos ao Congresso. O *Occupy Wall Street* é um movimento de contestação que luta contra as desigualdades socioeconómicas existentes na sociedade norte-americana, contra o poder das grandes multinacionais e contra as atividades fraudulentas das grandes empresas ligadas ao sector financeiro sediadas em Wall Street. Acusam estas empresas do sector financeiro e as grandes multinacionais americanas (e estrangeiras) de serem responsáveis pelo estado da economia, e pela pobreza crescente nos EUA. O movimento começou em setembro de 2011, quando um grupo de manifestantes decidiu acampar na Praça da Liberdade na cidade de Nova York, no distrito financeiro da cidade, tendo sido expulsos de maneira violenta pela polícia, o que provocou ainda mais cólera nos manifestantes. Pouco tempo depois, as manifestações espalharam-se um pouco por todo o país. Para consultar mais informação relativamente a este tema, o movimento tem um *site oficial*: <http://occupywallst.org/>

últimos, prefeririam ver aqueles que causaram a crise atrás das grades (GODET, 2012). Por causa da ganância de uns poucos, milhões de americanos perderam as casas, os empregos, bem como, as poupanças.

O *Tea Party* começou por ser um movimento, cujas principais preocupações eram de ordem económica: a intromissão do Estado na economia vai prejudicar o mercado, e os impostos do Estado prejudicam os cidadãos americanos que não suportam mais pagar vários impostos, cuja única função seria a de continuar a engordar, ainda mais, o Estado federal. O objetivo inicial do Movimento *Tea Party* era o de obrigar, tanto os Republicanos como os Democratas, a diminuir o tamanho do Estado federal (acusado de ser um *Fat State*) e diminuir os impostos, como forma de aliviar os cidadãos. Para os *tea partiers* estas eram as únicas preocupações. Mas eis que a *Religious Right*, a direita religiosa americana, e os membros religiosos desta, se juntaram à luta do *Tea Party*. Os membros da direita religiosa decidiram integrar várias lutas, de cariz social e moral, algo que não existia no *Tea Party* original.

Os *tea partiers* conotados com a direita religiosa levaram à ordem do dia novos temas: o casamento homossexual e a adoção de crianças por casais homossexuais; a legalização da droga; a imigração; a pena de morte; o ensino do criacionismo; a islamização dos EUA; ou o direito à vida. É outro ponto em que os libertários não se identificam com os *tea partiers* religiosos, já que os libertários consideram os temas sociais e morais como poucos, ou, nada importantes, triviais, completamente desfasados da realidade, tendo em conta o estado atual da economia americana. Para os libertários, estas preocupações morais, sociais e religiosas *are at best distractions and at worst provocations that will alienate* (FORMISANO, 2012, p.67). Enquanto os *tea partiers* religiosos olham para os males morais da sociedade como um perigo para o futuro do país, já que uma sociedade disfuncional é, para estes ativistas, a principal causa para que os EUA percam influência no mundo, e que as fraquezas internas da nação norte-americana se repercutiriam a nível externo¹⁰². Por isto, antes de resolverem os problemas económicos, a facção religiosa do *Tea Party*, tem como principais objetivos, solucionar todos os problemas sociais e morais que a sociedade americana enfrenta. Enquanto as organizações cristãs evangelistas que apoiam o *Tea Party* realizam uma propaganda religiosa contra a imoralidade crescente, as organizações que militam pelo ultraliberalismo e têm apoiado o *Tea Party*, tais como o *Americans for Prosperity*, dos irmãos Koch, ou a *FreedomWorks*, costumam pedir aos *tea partiers* para não tratar temas que não digam respeito à economia, aos gastos do Estado e aos impostos:

Corporate astroturf groups that provide funds, training, and infrastructure for grassroots networks diverge in their primary goals from those sought by a large portion of Tea Party activists, particularly those who also make up a significant part of the Christian political right. The astroturf donors strongly prefer that the Tea Party networks avoid social and moral

¹⁰² É uma visão realista da política. Para mais informação consultar GOTTFRIED, Paul, *LE CONSERVATISME EN AMÉRIQUE, Comprendre da droite américaine*, L'œuvre Éditions, 2012.

issues, urging them to concentrate on the pro-corporate agenda of lowering or elimination taxes and regulations on pollution (FORMISANO, 2012, p.67).

Os *tea partiers* religiosos são contra toda e qualquer imigração, pois consideram-na como um potencial perigo para a cultura judaico-cristã americana, bem como para a cultura anglo-saxónica, visto a maioria dos novos imigrantes serem de cultura latina. O aumento de imigrantes latinos nos últimos anos faz com que os *tea partiers* religiosos temam um futuro próximo onde os americanos *nativos* serão obrigados a falar espanhol¹⁰³. Pelo contrário, mesmo se os libertários querem diminuir a imigração (por serem também nativistas), não são tão radicais e admitem que alguma imigração possa fazer bem à economia (RINK, 2011). Uma diferença que, mais uma vez, se explica pela importância que uns (os libertários) dão à economia, e outros (os *tea partiers* religiosos e conservadores) dão à cultural, ao social, à moral, bem como, às origens protestantes dos EUA.

As diferenças em relação à economia e ao modo como deve ser tratado o *Big Business* de Wall Street, é um dos pontos que pode levar à divisão interna do *Tea Party*. A pouca consideração que a facção libertária tem pelos temas sociais e morais, é outro ponto que separa as duas facções, já que a segunda, a facção dos *tea partiers* religiosos, dá muito mais importância à moral e aos problemas sociais, que à economia. É uma divisão completamente irreparável. Os libertários são individualistas, os *tea partiers* religiosos - embora seja verdade que tenham traços de individualismo (o evangelismo rege-se pela relação individual e unipessoal com Deus) - são mais *comunitaristas*, já que, dão importância à comunidade (comunidade cristã neste caso) e às questões *éticas*, no sentido em que, a *ética cristã* deve orientar a vida dos cidadãos (norte-americanos, neste caso). Mesmo assim, existe uma certa dificuldade em apresentar os *tea partiers* religiosos como sendo estritamente *comunitaristas*, pois, como acabámos de afirmar, o evangelismo - e lembremos: os evangelistas são o maior grupo religioso presente no *Tea Party* - é um ramo do cristianismo mais individualista do que, por exemplo, o catolicismo. Mas uma coisa parece certa, os libertários e os religiosos do *Tea Party*, dividem-se quanto à importância da moral e do papel que esta pode ter na comunidade, já que os libertários, de qualquer maneira, não se interessam pelo conceito de comunidade¹⁰⁴.

Existe um terceiro ponto que, tendo em conta a importância que ambos os partidos políticos dominantes lhe têm dado desde o fim da Segunda Guerra Mundial, pode levar à uma divisão total entre as duas grandes facções do *Tea Party*: a política externa americana. No que toca a este assunto, o *Tea Party* está completamente dividido.

¹⁰³ Robert Reich, *Hey, big business, push back against the tea party!*, The Christian Science Monitor online, 1 de novembro de 2010.

¹⁰⁴ As diferenças entre *comunitaristas* e *individualistas* liberais podem ser resumidas da seguinte forma: (...) os *comunitaristas* defendem, contra os liberais, ou, mais rigorosamente, contra o individualismo radical e o formalismo que caracterizam a tradição liberal moral e política, uma concepção da ética que pretende assumir a questão do sentido, dos fins e dos valores que a prática histórica dos indivíduos e das comunidades pressupõe. Deste ponto de vista, a abordagem dos *comunitaristas* pode ser relacionada com a tradição aristotélica da vida boa ou da felicidade, a tradição hegeliana e a hermenêutica filosófica contemporânea (MULLER, 2005:703).

A facção libertária é, como tivemos a oportunidade de observar no segundo capítulo, isolacionista, enquanto a facção religiosa é intervencionista. A verdade é que o *Tea Party* não tem uma linha definida relativamente à política externa. Que política externa iria seguir um hipotético presidente oriundo do *Tea Party*? Isolacionista, como defende a facção libertária? Uma política externa cujo cerne seria apenas e, só, a defesa de Israel e, logicamente, dos aliados ocidentais, como têm defendido algumas vozes da facção religiosa? Ou completamente intervencionista, como defendem a maioria dos membros da facção religiosa, um pouco à maneira da *Direita Cristã* dos anos 80 e do choque direto com a URSS. Segundo Peter Baker, o *Tea Party* tem sido muito incoerente, e uma dessas grandes incoerências é relativa à sua política externa, ou melhor, na ausência de uma política externa definida. A única coisa em que ambas as facções estão de acordo é na necessidade de os EUA não reconhecerem a legitimidade da ONU. *If there's one thing Tea Party activists can agree on foreign-policy-wise, it's their aversion to international organizations. Of 80 questions posed to candidates by Anderson's Independence Caucus, only four relate to foreign policy, and all those are about ceding sovereignty to the United Nations or international treaties*¹⁰⁵. Se todos os ativistas do Tea Party concordam que as Organizações Internacionais não têm legitimidade para agir sobre os EUA e de que os americanos se devem ver livres destas Organizações a todo o custo, a política externa irá certamente ser motivo de discórdia irreparável num futuro, mais ou menos, próximo.

Os libertários são isolacionistas por duas razões: a primeira delas é histórica; a segunda é económica. Em primeiro lugar, os *tea partiers* libertários são contra uma política externa ofensiva por respeito às origens dos EUA, e do isolacionismo, que marcou metade da curta existência da nação norte-americana, isolacionismo que desapareceu depois da Segunda Guerra Mundial. Com a *Doutrina Monroe*¹⁰⁶, os EUA haviam-se tornado uma nação isolacionista, virada para si mesma, que não interferia nos assuntos das potências da altura - a França, a Inglaterra, a Alemanha (quando ainda era a Prússia, não estando a Alemanha reunificada), a Espanha e outras - desde que as potências europeias não interferissem nos assuntos que dissessem respeito aos americanos, nem nos assuntos dos países da América Central e da América Latina. Em segundo lugar, pela simples razão de que as guerras são caras, quem as patrocina / paga é o Estado americano, e, o dinheiro do Estado americano vem diretamente do bolso dos contribuintes americanos, que não querem trabalhar para pagar guerras. É tão simples quanto isto: a não intervenção em conflitos externos permite ao Estado federal poupar dinheiro.

Até há bem pouco tempo, o *Tea Party* não apresentava apresentar nenhuma política externa bem definida. A partir de 2011/2012, algumas caras mais conhecidas do Movimento tentaram aproximar os *tea partiers* - os da facção religiosa, não os libertários, isolacionistas

¹⁰⁵ BAKER, Peter, *Strange Brew, Does the Tea Party have a foreign policy?*, foreignpolicy.com, setembro / outubro de 2010.

¹⁰⁶ Doutrina Monroe: apresentada ao Congresso Americano no dia 2 de dezembro de 1823, afirma que o Continente Americano (América do Norte, Central e do Sul), não pode ser nunca mais colonizado por potências Europeias por um lado e, por outro, a não intervenção dos EUA em assuntos que digam apenas respeito aos europeus. (LACROIX, 2013)

puros - dos neoconservadores¹⁰⁷. Uma jogada inteligente, cujo objetivo foi o de agradar aos republicanos, bem como, integrar uma visão mais elaborada da política externa ao movimento ultraconservador. Foi também uma forma de agradar aos neoconservadores, já que estes últimos ainda detêm muito poder no seio do Partido Republicano, e não viram com bons olhos a tentativa de os *tea partiers* dominarem o partido do elefante.

Os neoconservadores dominaram a política externa durante a Era Bush filho. No que respeita à política interna, os neoconservadores são muito diferentes do *Tea Party*¹⁰⁸, mas a visão da importância dos EUA no mundo é muito parecida. Este fato deve-se sobretudo à candidata Sarah Palin, a popular porta-voz do *Tea Party*, que tem trabalhado para unir os neoconservadores e os *tea partiers* religiosos.

Os neoconservadores da terceira vaga - cujos principais representantes são o Robert Kagan, Paul Wolfowitz, Doug Feith, Max Boot e o Elliot Abrams -, que começaram a aparecer por volta de 1995, e que usufruem, na atualidade e desde a Era Bush filho, de um grande poder no seio do GOP, caracterizam-se por uma visão messiânica¹⁰⁹ da política externa norte-americana, intervencionismo agressivo, *hard power* total, e defesa do imperialismo americano. Os neoconservadores apresentam uma visão religiosa do papel político dos EUA no Mundo -(...) *la marche de l'égalité relève de la Providence et la démocratie est dans l'avenir de tous.*(...) (FUKUYAMA, 2006, p.37) -, defendem o chamado *excepcionalismo americano*, bem como a

¹⁰⁷ Os neoconservadores são uma das alas mais poderosas do Partido Republicano. As raízes do neoconservadorismo remontam ao *City College of New York* do final dos anos 30, início dos anos 40. Naquela universidade - uma universidade frequentada pelas classes mais baixas da cidade - encontrava-se um grupo de alunos, na sua maioria judeus, interessados na política interna e externa americana, que costumavam reunir-se na cantina da universidade. Alguns destes estudantes tornaram-se conhecidos mais tarde, dos quais podemos citar Irving Kristol, Daniel Bell, Irving Howe, Seymour Martin Lipset, Philip Selznick, Nathan Glazer e Daniel Patrick Moynihan. O bar da cantina do CCNY estava dividido em dois, de um lado os trotskistas, do outro os estalinistas. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, a grande maioria dos membros do grupo de alunos trotskistas abandonaram o marxismo e decidiram virar-se para o centro e o centro-direita. Duas razões levaram-nos a virar à direita: as atrocidades perpetradas pelo regime estalinista, acusado de ter causado, diretamente, a morte de 20 milhões de soviéticos na URSS; a vitória dos EUA capitalistas sobre a Alemanha nazi e o Japão militarista e ultranacionalista. Para mais informação relativamente a este tema, consultar o excelente livro *D'où viennent les néo-conservateurs?* do académico americano Francis Fukuyama, ele mesmo uma figura importante do neoconservadorismo, embora se tenha afastado dos neocon ultimamente.

¹⁰⁸ Existe uma diferença fundamental entre o Movimento Tea Party, quer sejam os da facção libertária quer sejam os da facção religiosa, e os neoconservadores, ao nível da política interna e do papel do Estado. Enquanto os primeiros querem um “Estado mínimo”, os segundos têm uma visão diferente do papel do Estado federal na sociedade. Por exemplo, para os neoconservadores, o Estado federal pode e deve intervir na economia, como forma de impedir a pauperização da população e ajudar o progresso social. Os primeiros neoconservadores viveram durante a grande crise económica de 1929, e subsequentemente admiravam a política intervencionista do presidente democrata Roosevelt, conhecida como *New Deal*. Logo, os neoconservadores defendem que o Estado Federal pode tornar-se benéfico para a sociedade, sobretudo em tempos de crise, intervindo quando necessário, como forma de apoiar os mais pobres e permitir que estes possam sair da pobreza. São contra o Estado mínimo defendido pelos ativistas libertários do Tea Party, pois acreditam na necessidade do Estado regular e ajudar a sociedade, como forma de instaurar o progresso social, contudo, são contra os excessos do “Estado Social” dos democratas, pois são absolutamente contra a “dependência” que esta forma de Estado pode criar. Esta grande diferença na visão do papel do Estado é um motivo de choque entre os neoconservadores e os *tea partiers*. Mais uma vez, quem estiver interessado em obter mais informações sobre o assunto, é aconselhado ler o livro *“D'où viennent les néo-conservateurs?”* do académico americano Francis Fukuyama.

¹⁰⁹ Bush também tinha uma visão messiânica do papel dos EUA na História, influenciada pelos neoconservadores (FUKUYAMA, 2006)

necessidade dos líderes americanos terem um espírito patriótico e missionário, pois será através desse espírito missionário que os EUA irão, mais tarde ou mais cedo, levar a Democracia e o Liberalismo aos quatro cantos do globo.

É então possível fazer um paralelo entre as ideias dos neoconservadores e as ideias dos *tea partiers* religiosos. Vimos anteriormente que a facção cristã conservadora é a favor da supremacia militar americana, e das intervenções militares como forma de proteger os interesses americanos no estrangeiro, bem como libertar da opressão os povos de todo o Planeta. Tanto os *tea partiers* cristãos conservadores como os neoconservadores concordam com o excecionalismo americano e com a visão messiânica (religiosa para ambos os casos) do papel americano na história, única nação que teria a capacidade de implementar a liberdade em todo o mundo, uma nação diferente das outras, única no seu género. Ambos concordam que o Partido Republicano é muito mais apto a responder aos desafios impostos pelas relações internacionais do que o Partido Democrata.

Este tipo de pensamento entra em choque com o pensamento da facção libertária do *Tea Party*. Os libertários são contra gastos excessivos, logo, são automaticamente contra intervenções como as do Afeganistão ou do Iraque, consideradas dispendiosas para o governo e, concludentemente, para o contribuinte americano. É um campo de desentendimento que separa muitos ativistas do *Tea Party* dos intelectuais neoconservadores. Logo, se o Partido Republicano ganhar as eleições presidenciais em 2016, e caso os neoconservadores como os *tea partiers* continuem a ser influentes (são muitas hipóteses, resta saber se se vão concretizar), existe uma parte do Movimento *Tea Party* que se oporá ferozmente a qualquer intervenção militar. Problemas poderão advir daí e surgirão, inevitavelmente, tensões internas. Por isso, podemos concluir que ideologicamente, o *Tea Party* não é homogéneo, mas sim heterogéneo.

A estrutura do *Tea Party* é ainda mais complexa. Se a sociologia tende a ser homogénea, com o *tea partier* mais comum ser definido como um homem branco de meia-idade, que pertence à classe média, a estrutura é constituída por uma rede de organizações e grupos independentes entre eles, sem hierarquia onde não recebem nenhuma ordem de um partido central, e que nem sempre defendem as mesmas ideias. O *Tea Party* é um movimento descentralizado. Fora o *Tea Party* original, existiam em 2011 mais de 3000 *tea parties* espalhados pelo país, todos eles membros do *Tea Party Patriots* (GODET, 2012). Cada cidadão pode pedir aos outros grupos *tea parties* para o ajudarem na criação de um novo *tea partie* local, pode ser numa cidade, numa aldeia, ou mesmo apenas no bairro. Recebem prontamente um treino ideológico e depois recebem total liberdade para transmitir aos outros cidadãos os ideais que o movimento defende.

A rejeição de uma hierarquia está bem evidenciada no Movimento. Começou por ser um movimento popular e tem de continuar a sê-lo a todo o custo. Não há *reis* ou *imperadores*, não há *presidentes*, não existe a noção de *chefe*, apenas porta-vozes no Congresso, Republicanos que decidiram representar o Movimento em Washington D.C.. Esta é uma das particularidades mais estranhas e, ao mesmo tempo, mais interessantes do movimento *Tea Party*:

(...) *la direction du mouvement est informelle et tournante, il n’y a pas de leader, pas de structure officielle (à part un comité de pilotage ad hoc), pas de programme centralisé, pas de liste d’adhérents. La participation monte et descend au grés des réunions. Chaque membre est libre et indépendant; (...) Chaque activiste a tous les outils d’action et de mobilisation politique à sa disposition, mais rien ne se passe s’il ne prend pas d’initiative ; et il a quotidiennement les moyens d’inspirer une évolution du mouvement. Ce n’est donc pas une structure pyramidale classique* (GODET, 2012, p.107).

Devido à quantidade de grupos e organizações existente, bem como à quantidade de militantes que, de maneira independente, criam *tea parties* locais sem receberem ordens de uma organização central, é impossível ao grupo parlamentar constituído pelos Republicanos do *Tea Party* controlar as ações dos ativistas. É por isso mesmo que em certas manifestações surgiram bandeiras confederadas, e que alguns membros de comitativas locais teriam tido ligações com membros da supremacia branca¹¹⁰. Não há, por parte dos mais altos representantes do *Tea Party*, a possibilidade de controlo das ações dos ativistas. A possibilidade de qualquer cidadão poder usufruir da ajuda das várias organizações que financiam o *Tea Party*, e, de qualquer cidadão poder organizar manifestações, possibilita o aparecimento de uma multitude de ideias, grupos locais, todos diferentes entre eles, que não se regem por nenhum código central partidário. Consequentemente, podemos também afirmar que a nível estrutural, o *Tea Party* é completamente heterogéneo.

Concluindo, temos um movimento político heterogéneo a nível ideológico e heterogéneo ao nível da sua estrutura.

3.2.1 - A heterogeneidade pode representar a extinção do *Tea Party*?

Agora que tivemos a oportunidade de responder à pergunta inicial, resta-nos perceber quais as possíveis consequências do resultado a que chegamos. Se, de facto, o *Tea Party* é um movimento ideologicamente e estruturalmente heterogéneo, terá a capacidade de sobreviver por muito mais tempo?

Não nos compete responder a esta questão, o objetivo principal desta dissertação era o de analisar o *Tea Party*, as ideias mais importantes de ambas as facções, a base social, bem como a estrutura, e, perceber até que ponto o movimento é um bloco monolítico ou, se pelo contrário, é um amontoado de pessoas e grupos com ideias diferentes, independentes entre si. Tivemos a oportunidade de ver que a resposta era clara: o *Tea Party* é um movimento heterogéneo. Um movimento heterogéneo como o *Tea Party* pode sobreviver muito tempo sem divisões?

¹¹⁰ Ver subcapítulo 2.3

Robert Michels, escreveu um livro chamado “*Les Partis Politiques*”¹¹¹, há mais de 100 anos, que tratava de um assunto fulcral para a ciência política: os partidos políticos e o seu funcionamento. Para Michels, todos os partidos políticos, se têm como objetivo sobreviver muito tempo e ganhar o poder, têm de ter organizações oligárquicas. Um determinado partido político ou movimento político tem de ter no seu seio uma oligarquia forte, e uma disciplina militante forte. Os líderes mandam, os militantes seguem as ordens. O poder deve vir de cima para baixo, e não de baixo para cima. Deve existir um bloco uniforme tanto a nível ideológico como ao nível da estrutura. Era assim, que Michels considerava a única forma dos partidos e movimentos políticos pudessem sobreviver. Tendo em conta as características do Movimento em estudo que tivemos a oportunidade de descrever, o *Tea Party* não tem os atributos necessários para continuar unido.

Existe, contudo, uma característica no *Tea Party* que lhe permite continuar a usufruir do apoio de muitos eleitores, uma característica que Michels informava ser fulcral para atrair o apoio das massas¹¹²: a existência de demagogos. Em relação a este ponto, se, tal como já referimos, o *Tea Party* não admite a existência líderes, não retira o facto de que existem certas figuras, tal como a Sarah Palin ou o noviço Marco Rubio, que conseguem atrair multidões nos seus discursos. São autênticos demagogos:

Les démagogues sont les courtisans de la volonté populaire. Au lieu d'élever la masse à eux, ils s'abaissent vers elle. Sous la fausse et mensongère assurance, solvante accompagnée de gestes traqi-comiques, que leur suprême ambition est de se prosterner, en humbles esclaves, aux pieds du peuple sous leur joug et à régner en son nom (MICHELS, 2009, p.106).

¹¹¹ MICHELS, Robert, *Les Partis Politiques*, Editions De L'Université de Bruxelles, 2009.

¹¹² Na página 106 do livro de Michels, no Capítulo V, sobre a “luta entre os chefes”, o sociólogo alemã defende a ideia de que os demagogos têm a capacidade de atrair centenas de milhares senão mesmo milhões de eleitores, de cativarem as massas através de retóricas populistas. É o que as principais figuras do Tea Party têm feito, desde a Sarah Palin ao Ted Cruz, passando pela Michele Bachman.

Síntese do Capítulo III

O Movimento *Tea Party* não é tão homogêneo como os seus ativistas e líderes gostariam que fosse. Tentam projetar uma imagem de homogeneidade nos meios de comunicação para atraírem mais apoiantes para as causas que defendem e, assim, aumentarem o poder e o prestígio no Congresso e no seio do Partido Republicano. Mas após a análise do segundo capítulo, pudemos ver algumas dissemelhanças entre as duas facções, diferenças analisadas neste terceiro capítulo. Sim, existe alguma homogeneidade no *Tea Party*, sobretudo no medo do *Estado guarda-chuva* e na vontade de diminuir os impostos. O Movimento começou como uma reação às políticas económicas que a Administração Bush filho optou por seguir nos últimos meses do mandato, bem como às políticas adotadas pela Administração Obama, vistas como necessárias para salvar a Banca norte-americana. O estado deplorável da economia norte-americana era o pilar central que unia todos os ativistas do *Tea Party*, bem como a constante intromissão do Estado federal.

Mas as dissemelhanças ideológicas são mais do que as semelhanças. As duas maiores facções não estão de acordo numa série de temas demasiados importantes para que as diferenças ideológicas sejam minimizadas. Se relativamente à economia as diferenças não sejam tão palpáveis, noutros assuntos elas são demasiadas importantes para serem ignoradas. Enquanto a facção religiosa do *Tea Party*, cujos ativistas são todos, ou quase todos, membros da *Religious Right*, dá um enfoque especial aos problemas sociais e morais, não fossem eles cristãos devotos (a maioria evangelistas, com forte percentagem de protestantes e cada vez mais de católicos), a facção libertária do *Tea Party* considera estes temas pouco ou nada relevantes para o momento. Enquanto os primeiros têm como missão a de impor a moral cristã à totalidade da sociedade, os segundos, apenas dão importância à propriedade privada, aos impostos baixos (ou à abolição dos impostos), e, à economia, o resto são futilidades.

Um país como os EUA, que se tornou uma, das duas, superpotências no final da Segunda Guerra, e a única superpotência (ou hiperpotência) após o desabamento da URSS, tem a necessidade de adotar uma boa política externa, baseada ou no *soft power*, ou no *hard power*. O lugar de potência principal obriga os EUA a, em muitos casos, adotar uma política externa ofensiva, para não dizer agressiva. As forças armadas norte-americanas têm defendido os interesses norte-americanos nos quatro cantos do globo. A facção religiosa do *Tea Party* cedo percebeu a importância de apresentar ao público americano uma política externa patriótica, dura, baseada no *hard power* americano, em vez do *soft power* utilizado pela Administração Obama. Para conseguir aproximar o Movimento ultraconservador do Partido Republicano e tentar minimizar as tensões que têm surgido desde 2012, entre o Movimento e o partido no qual está inserido, os *tea partiers* religiosos adotaram uma estratégia de aproximação com os neoconservadores, uma jogada inteligente. Os libertários do *Tea Party* estão nas antípodas deste pensamento, já que continuam relutantes em alterar a visão que têm da política externa: os EUA devem isolar-se do resto do mundo. Esta visão isolacionista, vai com certeza custar-lhe

o apoio de grande parte do eleitorado, porém, não mudam de ideias no que toca a este assunto. É mais um tema no qual irão necessariamente surgir tensões internas, e as divisões entre religiosos e libertários poderão, mais tarde ou mais cedo, acabar por fragmentar demasiado o *Tea Party* e levar à sua dissolução.

Por fim, um movimento tão fragmentado ao nível da sua estrutura não pode sobreviver muito tempo. Existem milhões de apoiantes e centenas de milhares de ativistas, espalhados pelos cinquenta Estados. Não existe uma verdadeira estrutura central, já que o Movimento é contra o conceito de *líder*, e, se apresentar como um *Movimento popular*. Logo, qualquer cidadão americano pode tornar-se ativista do *Tea Party*, sem precisar de se inscrever numa organização central, nem pedir um cartão de militante, nem sequer é obrigado a respeitar as ordens de um qualquer líder. Não existe uma estrutura baseada no poder *de cima para baixo*, antes uma gigantesca rede de milhões de pessoas independentes de qualquer liderança central, que partilham uma série de ideias comuns relativas à economia, à moral e à política externa que, a qualquer momento, podem tornar-se *tea partiers*, organizar uma manifestação, e mostrar o seu descontentamento. Uma verdadeira nebulosa esparsa que, mais do que reforçar o *Tea Party*, poderá ser a sua destruição.

Capítulo IV - Que futuro para o Movimento *Tea Party*?

4.1 - Nova força política, domínio do GOP, ou movimento passageiro?

Tendo em conta o poder que o Movimento *Tea Party* foi acumulando desde 2009, mesmo após a derrota do candidato Republicano Mitt Romney - derrota essa que enfraqueceu o movimento ultraconservador -, o atual peso que o eleitorado, os militantes e os líderes políticos do *Tea Party* detêm no seio do *Grand Old Party*, permite-lhes forçar a liderança Republicana a radicalizarem o seu discurso (o que levou exatamente à derrota do candidato republicano nas eleições de 2012). Devido ao peso que ainda detêm na paisagem política norte-americana, a tentação de divagar em relação ao futuro próximo do movimento é aliciante. Os EUA são a maior potência planetária e continuarão a sê-la por algum tempo, por isso mesmo, caso o *Tea Party* consiga influenciar ou mesmo, embora pouco provável, chegar ao Poder, é importante, enquanto cientista político, apresentar várias hipóteses que poderão ou não acontecer num futuro próximo. Quatro possibilidades apresentam-se perante nós.

Em primeiro lugar, o Movimento começa a ganhar demasiado poder e, perante a radicalização dos seus membros - cada vez mais intolerantes como tivemos a oportunidade de ver - as elites moderadas e conservadoras (bem como neoconservadoras) do Partido Republicano decidem afastar a ala *Tea Party*. Nesta hipótese, o *Tea Party* poderia formar um novo partido. Com os atuais 16% a 20% do eleitorado favorável, o hipotético Partido *Tea Party*, poderia destruir o atual modelo bipartidário americano, Republicanos / Democratas, que vigora desde a década de 1850.

Na segunda hipótese, o *Tea Party* vai perder cada vez mais popularidade e tornar-se num movimento minoritário no seio do Partido Republicano e perder a sua influência, um pouco à maneira dos moderados que, embora continuando a ser uma das duas maiores alas do partido, perderam a influência que outrora usufruíam. Os moderados eram a maioria dominante no tempo do Presidente Eisenhower, contudo, perderam a influência desde a era Reagan (a grande figura do partido do elefante), um presidente que venceu as eleições de 1980 através do apoio da chamada direita cristã.

A terceira hipótese que apresentamos postula que o *Tea Party* vai desaparecer após as eleições de 2014, no máximo após as eleições presidenciais de 2016. O *Tea Party* irá certamente, segundo os que defendem este pressuposto, afastar o seu próprio eleitorado devido a certas posições que têm defendido. Desde 2009, ano de criação, que muitos têm enunciado o fim do Movimento para breve. Até agora, não se deu o caso, e como tivemos a oportunidade de ver com os recentes acontecimentos nos EUA, com o *Tea Party* a forçar os

republicanos a “fechar” (*shutdown*) Governo americano, o movimento não só existe como ainda detém muito poder no seio do *GOP*.

A quarta hipótese, com alguma probabilidade de acontecer caso o eleitorado branco continue a ver a sua condição social decair, defende que a *ala tea partier* poderia tornar-se a força dominante no seio do Partido Republicano, tal como os conservadores substituíram os moderados na década de 80 do século XX, sendo estes próprios substituídos, na Administração Bush filho, pelos neoconservadores e a política intervencionistas (com vista a implementar à força a democracia no Mundo) destes últimos. Tudo depende dos resultados eleitorais de 2014 e 2016, bem como do estado da economia americana no futuro.

Vejam os então se a primeira opção é plausível. O Movimento *Tea Party* tem um peso não negligenciável, a sua importância não decresceu muito após a eleição de 2012. Muitos eleitores tradicionais do Partido Republicano, bem como grande parte da chamada elite intelectual republicana, estão exasperados com o Movimento. Devido à impopularidade do *Tea Party* junto de alguns membros do partido do elefante, tem-se falado muito da possibilidade do Movimento ultraconservador criar o seu próprio partido político (independente), já que mais de 16% do eleitorado continua a apoiar o movimento. Contudo, será este o seu objetivo? Não será suicida?

O objetivo do *Tea Party* não é, afirmam todos os seus membros, o de criar um novo partido, longe disso. O seu objetivo principal era, é, e, continuará a ser, segundo o mesmo, o de impulsionar o Partido Republicano, *ressuscitá-lo* e regenerá-lo, bem como influenciar as elites republicanas e, em última análise, todo o eleitorado americano. Os militantes do *Tea Party* têm organizado campanhas agressivas com o intuito de atrair para o Partido Republicano o máximo de eleitores possíveis, eleitores que na maioria dos casos nunca tinham tido nenhuma participação política, alguns deles nunca tinham sequer votado, mas que estão extremamente desapontados com o rumo que o país adotou, e que estão preocupados com o seu futuro. O objetivo não é o de atrair estes eleitores para um novo partido, mas sim para o Partido Republicano. Os militantes do *Tea Party* estão a tentar fazer o que o Partido Democrata fez em 2008, quando os militantes democratas conseguiram levar milhões de jovens, pertencentes às minorias do país (negros, latinos, outros) a votar no então candidato Barack Obama:

En dépit de la rhétorique enflammée de groupes Tea Party libertariens qui croient, ou affectent de croire qu’il n’y a aucune différence entre les deux grands partis, le Tea Party n’a jamais nourri l’idée de former un nouveau parti politique (...) À l’évidence, il y avait mieux à faire que de créer un troisième parti qui aurait divisé l’électorat de droite. (...)

(...) Quelle logique y aurait-il eu pour le Tea Party à perdre un temps considérable à bâtir sa propre structure nationale? (JOSLAIN, 2012, p.262)

O principal objetivo do Movimento é influenciar o Partido Republicano e, em menor medida, o próprio Partido Democrata (ou seja, as elites políticas norte-americanas) para que estas sigam a ideologia do *Tea Party*. Cortar as despesas federais, bloquear a todo o custo toda e qualquer ingerência estatal nos assuntos dos Estados federados e nos assuntos que tocam à

esfera pessoal, limitar a imigração, proibir o aborto voluntário, proibir o casamento entre pessoas do mesmo sexo a nível nacional, lutar contra a legalização da marijuana e outras drogas, são os principais objetivos deste Movimento.

Criar um terceiro partido iria deitar por terra todos estes objetivos, pois seria dispendioso, demoraria tempo para que o novo partido ganhasse uma base eleitoral dura e segura e, talvez o mais importante de tudo, caso o *Tea Party* viesse mesmo a formar um novo partido político independente, iria seguramente dividir a direita americana, o que seria excelente para a esquerda. Um novo partido faria com que a direita se dividisse entre um partido de centro-direita, e outro partido de direita ultraconservador, em certos casos, quase a roçar aquilo que na Europa denominamos de extrema-direita, de tão radical que é a visão e o discurso de alguns dos seus líderes mais conhecidos (Sarah Palin e Michele Bachman são bons exemplos disto). A divisão do eleitorado de direita levaria ao afastamento do Poder por parte da direita, nunca nenhum dos dois partidos - o Partido Republicano e o hipotético Partido *Tea Party* - conseguiria vencer as eleições presidenciais, o que iria beneficiar o Partido Democrata.

Foi basicamente o que aconteceu aquando da eleição presidencial de 1992, quando o candidato Ross Perot alcançou 18,9% dos sufrágios eleitorais e, através deste resultado, conseguiu dividir a direita o suficiente para permitir a vitória, inesperada na altura, do candidato democrata Bill Clinton e impedindo, assim, a reeleição do presidente George H. W. Bush. Na altura, ninguém estava à espera que o jovem Bill Clinton pudesse tornar-se presidente, sobretudo tendo em conta a vitória relâmpago dos EUA na guerra contra o Iraque (segunda guerra do Golfo). A história mostra-nos como um terceiro candidato ou partido popular podem baralhar facilmente as contas. Daí, podemos concluir que o *Tea Party* não deseja minimamente formar um terceiro partido.

Para influenciar o Partido Republicano, o *Tea Party* tem de manter-se popular, logo, é fundamental que mantenha entre 15 a 20% do eleitorado favorável, caso contrário, não terá capacidade de influenciar o que quer que seja. É uma possibilidade com fortes probabilidades de acontecer, caso o Movimento não consiga alcançar um bom resultado nas próximas eleições, em 2014, e nas próximas presidenciais, em 2016.

Se o *Tea Party* alcançar um resultado fraco nestas duas eleições, o *Tea Party* tornar-se-á um grupo secundário. Poderia continuar a ter alguma influência, mas não aquela a que os apoiantes e ativistas *tea partiers* aspiram. Existem várias *alas* dentro do Partido Republicano, o *Tea Party* poderia tornar-se uma delas. Por agora, não faz parte de nenhuma ala, é ainda considerado um movimento, e continua a usufruir de grande popularidade no Partido Republicano.

Caso venha a perder cada vez mais popularidade, a longo prazo, a *ala Tea Party* deixará de ter grande influência na direita americana, e poderá acabar por ser considerado um grupúsculo de extrema-direita. É difícil imaginar o *Tea Party* como outra coisa do que um movimento ultraconservador, pelo facto de já conter em si vários membros de outras alas do Partido Republicano, tais como a ala dos conservadores fiscais, dos paleoconservadores, ou da direita cristã. Se existe o risco de vir a tornar-se um grupo minoritário e sem nenhuma força,

existe também a possibilidade de vir a desaparecer completamente. É uma hipótese que não devemos descartar.

O *Tea Party* tem algumas fraquezas relativas à sua organização que, a curto ou médio prazo, poderá ditar o fim do Movimento. Falhas na organização de grupos militantes, uma descentralização excessiva, o facto de grande parte dos ativistas detestarem os dois partidos políticos dominantes (Republicanos e Democratas), e por último, uma organização militante indisciplinada a nível partidário - não querem aceitar as ordens de uma liderança centralizada, já que vai contra tudo aquilo que os apoiantes e ativistas do *Tea Party* defendem. A sua impopularidade nos grandes centros urbanos é, também, motivo de preocupação para os líderes e porta-vozes do *Tea Party*:

Other number crunchers pointed to the lack of Tea Party success in big cities and populous states. The Tea Party backed candidate in New York’s gubernatorial contest lost by twenty-seven points, while in New Jersey Republican Chris Christie won election but kept his distance from the Tea Party. New York City, Los Angeles, San Francisco, Atlanta, Chicago, Philadelphia, and other cities all proved inhospitable to the Tea Party.

(...) For quite a different reason, Andrew Sullivan (...) saw the Tea Party’s career as likely to be brief. Recent polls had revealed Tea Party activists responding to questions about race differently depending on their perception of the race of the questioner - indicating, as shown by other polls, a lack of minimal sensitivity to minority groups (FORMISANO, 2012, p.98).

Mesmo mantendo uma boa percentagem de popularidade entre o eleitorado em 2013, o *Tea Party* tem provocado cada vez mais a *inimizade* do Partido Democrata e, em menor medida, de muitos eleitores ativistas e líderes do Partido Republicano, que além de discordarem cada vez mais com o *Tea Party*, têm sido alvo de ataques cada vez mais violentos por parte do Movimento ultraconservador.

Enquanto a paranoia e as teorias da conspiração continuam a crescer, enquanto os ataques e insultos dirigidos à Administração Obama não cessam - pelo contrário, têm vindo a aumentar, apenas temos de observar diversos *sites*, fóruns e blogues do *Tea Party* para nos apercebermos da sua dimensão - os ataques dirigidos contra outros Republicanos aumentaram. Cada vez mais Republicanos têm sido alvos de acusações (muitas vezes infundadas) por parte dos ativistas e porta-vozes do *Tea Party*.

RINO, acrónimo de *Republican In Name Only* (Republicanos apenas no nome), tornou-se uma espécie de insulto utilizado pelos ativistas do *Tea Party*, com o intuito de atacar todos os Republicanos que se lhes opõem, um pouco à maneira da Inquisição que apelidava de *ateu* todos os que se lhe opunham, quer fossem católicos, protestantes, judeus, ou verdadeiros ateus. RINO é todo o Republicano que, segundo o *Tea Party*, se faz passar por um membro do partido do elefante mas que seria, supostamente, um defensor das políticas esquerdistas, socialistas e

marxistas do presidente Barack Obama, o *cripto-comunista*, ou socialista (ARMEY e KIBE, 2010)¹¹³.

A impopularidade do *Tea Party* junto do Partido Democrata e de um número cada vez maior de membros do Partido Republicano, tem provocado o isolamento cada vez maior do *Tea Party* que, por sua vez, provoca uma radicalização cada vez maior dos ativistas e apoiantes. O desaparecimento do Movimento seria, por isso mesmo, benéfico tanto para os Democratas como para muitos Republicanos. Porém, apesar da impopularidade crescente, o *Tea Party* continua a usufruir de uma boa imagem junto de 15 a 20% da população¹¹⁴. Logicamente, o desaparecimento do *Tea Party*, apesar de desejado junto de muitos Democratas e Republicanos, não parece muito plausível.

Resta-nos, então, a quarta e última hipótese, a de que o *Tea Party* poderia, hipoteticamente, num futuro não muito longínquo, acabar por se tornar a força dominante no Partido Republicano. A importância do *Tea Party* no seio do Partido Republicano não diminuiu muito desde a derrota nas eleições de 2012. Na verdade e contra todas as previsões, tem vindo a ganhar cada vez mais influência. Se é verdade que alguns Republicanos acusaram os *tea partiers* pela derrota na eleição presidencial de 2012, não é menos verdade que a popularidade do Movimento junto do eleitorado conservador e ultraconservador não diminuiu muito, o Movimento tem sido capaz de continuar a organizar grandes manifestações um pouco por todo o país, quer seja para os seus membros se manifestarem contra propostas de lei, quer seja para se manifestarem contra os gastos do governo federal, considerados excessivos por parte dos apoiantes e ativistas do *Tea Party*. O Movimento continua bem forte no seio do Partido Republicano, e não vai deixar de o ser do dia para a noite:

(...) to paraphrase Mark Twain, that reports of its death are greatly exaggerated. (...) The effect of Tea Party on the Republican base has been enormous, even as the blurred lines between the movement and the Republican Party have persisted.

(...) the Tea Partie’s success - whether grassroots or astroturf - becomes clear. Tea Party influence - or, in effect, the pronounced rightward shift of the Republican base that votes in primaries - has also shaped the policy positions of the field of early contenders for the Republican nomination (FORMINSANO, 2012, p.100).

Como foi dito anteriormente, as primárias republicanas de 2012 foram influenciadas pelo *Tea Party*. Os candidatos Republicanos tiveram de ganhar o apoio do Movimento. O *Tea Party* conseguiu influenciar a base eleitoral Republicana e, conseqüentemente, muitos assuntos discutidos durante as primárias Republicanas eram importantes para o *Tea Party*.

¹¹³ Dick Armeý, que escreveu o livro *Give Us Liberty*, acusa o presidente Obama de esconder o seu verdadeiro jogo. Sem nunca acusar diretamente de ser socialista, dá a entender que as políticas levadas a cabo pelo Partido Democrata ultimamente são demasiadas esquerdistas. O livro é considerado um dos mais importantes para os *tea partiers*.

¹¹⁴ Nos últimos relatórios Rasmussen consultados para a realização da dissertação, que datavam da Primavera de 2013.

O candidato Mitt Romney, que havia apoiado a criação de um seguro de saúde universal no seu Estado natal do Massachusetts, cooperando com os democratas, foi obrigado a afirmar que o *Obamacare* - mesmo sendo um sistema parecido em tudo àquele que ele havia apoiado no Massachusetts - era mau, porque se um sistema de seguro saúde universal podia funcionar a nível estatal, iria automaticamente falhar a nível nacional, daí ser importante cada Estado votar o seu próprio sistema de saúde, sem o Governo federal se intrometer na vida política dos Estados. Podemos afirmar que ele traiu as suas próprias crenças, contudo, foi a única maneira de poder contar com o apoio do eleitorado mais conservador e, assim, passar à fase seguinte (e funcionou, já que foi ele o candidato republicano em 2012).

O clima e as mudanças climáticas constituíram outra matéria polémica de discussão ao longo das primárias republicanas de 2012. Assim, Ronald Formisano assegura que nos últimos anos, sobretudo desde o aparecimento do *Tea Party*, o eleitorado Republicano tem acreditado cada vez menos nas teorias climatologistas que culpam o ser humano e a civilização pelo aquecimento global ou, pelo menos, da aceleração de um processo que, de outro modo, deveria ter durado centenas de milhares de anos. Milhões de americanos - na verdade, a maioria do público americano - não acredita que os humanos tenham alguma coisa a ver com o assunto. Esta ideia é reforçada nos *media* conservadores, sobretudo na *Fox News* e em vários outros meios de comunicação conservadores, muitas vezes financiados pelo *lobby* do petróleo (STREET e DIMAGGIO, 2011).

Michele Bachmann, uma das figuras mais importantes do movimento *Tea Party*, tem afirmado vezes sem conta que o aquecimento global é um processo natural, que o dióxido de carbono nada tem a ver com a industrialização, e de que são teorias da conspiração criadas por todo o tipo de esquerdistas. Não foi a única a criticar os que defendem uma redução das emissões de dióxido de carbono ao longo das primárias de 2012. Os candidatos Tim Pawlenty, Jon Huntsman e Mitt Romney asseguraram aos eleitores Republicanos, e sobretudo aos apoiantes e ativistas do *Tea Party*, que não só não acreditavam nessas teorias, como iriam, caso se tornassem presidentes dos EUA, bloquear toda e qualquer legislação sobre o clima, pois poderia, segundo os mesmos, afetar a economia americana. Tanto o Jon Huntsman como o Tim Pawlenty defendiam a redução das emissões de carbono. Todavia, a necessidade de agradarem ao *Tea Party* levou-os a mudar, repentinamente, de opinião.

Outros temas, como o aborto, o casamento homossexual, a redução ou proibição total de porte de armas, muito em voga nos últimos anos, devido ao número de ataques com armas de fogo, ou mesmo, em certos Estados, a legalização da marijuana (uma droga leve), o *Obamacare*, ou o Irão, foram discutidos ao longo das primárias de 2012. Na maioria dos casos, os candidatos defenderam opiniões que agradavam ao *Tea Party*, mas não traduziam aquilo que tinham defendido antes das primárias. Esta hipocrisia revela bem o quão poderoso pode ser o Movimento dentro do Partido Republicano.

Mas então, a importância crescente do Movimento *Tea Party* dentro do Partido Republicano poderá levar este último a ser *sugado* pelo Movimento ultraconservador? É difícil responder a esta questão. Ninguém duvida que o Movimento influenciou as primárias

Republicanas de 2012, bem como o discurso político do candidato Republicano Mitt Romney. Ninguém duvida, também, que a radicalização do discurso de muitos líderes Republicanos se deveu a pressões dos *tea partiers*. Os moderados, os conservadores tradicionais e os neoconservadores, apesar de continuarem a representar a maioria, não têm, ultimamente, tido muito *tempo de antena*.

Caso o *Tea Party* se transforme na força dominante no seio do *Grand Old Party* e consiga eleger um ou vários presidentes, a política norte-americana, tanto interna como externa, poderá sofrer grandes alterações. A nível interno, a vontade de liberalizar a todo o custo a economia e reduzir o Governo federal, deixará os mais pobres, os que não possuem emprego, nem um seguro de saúde (ou seja, dezenas de milhões de americanos), completamente abandonados e sem nenhuma proteção social. Poderia levar a uma pauperização ainda maior de certos setores da população americana, sobretudo as minorias étnicas, e assim contribuir para uma maior exclusão social, o que por sua vez, poderia levar a um aumento progressivo da violência e da criminalidade nos EUA (se considerarmos a exclusão social como fator de violência e criminalidade). A nível externo, devido ao poder dos cristãos evangelistas no seio do movimento, veríamos provavelmente os EUA apoiarem Israel e a construção de mais colonatos, nem que seja por causa da visão messiânica dos ultraconservadores cristãos do *Tea Party*. O fundamentalismo cristão não diminuiu nos EUA. Os evangelistas e os fundamentalistas acreditam, como foi dito anteriormente, que os EUA devem ajudar Israel, já que, segundo as crenças destes cristãos, a segunda vinda de Cristo na Terra apenas se dará quando for construído o *Terceiro Templo* em Jerusalém¹¹⁵, e para isso se tornar realidade, a cidade deve ser inteiramente israelita. Por último, poderia haver uma certa tensão entre o México e os EUA, já que o *Tea Party* é a favor da expulsão dos imigrantes ilegais (muitos deles mexicanos), bem como do reforço policial (e mesmo militar) da fronteira, e sua possível eletrificação.

Antes mesmo de pensarmos na eleição de um hipotético presidente *tea partier*, é bem possível que o *Tea Party* consiga controlar o Partido Republicano ou pelo menos as suas lideranças. Caso isso aconteça, existe uma forte probabilidade de o Partido Republicano dificultar a vida ao presidente Obama, quer seja através do bloqueio do Orçamento de 2014 - que vai ser votado no próximo mês de Outubro, ou bloquear o Orçamento de 2015 (votado no próximo ano), ou mesmo, em último caso, forçar o Partido Democrata a aceitar um *Impeachment*, uma impugnação de mandato.

As posições polémicas do *Tea Party* podem ser um obstáculo ao desejo de controlar o partido do elefante ou, num futuro próximo, de eleger um presidente *tea partier* (em 2016?). O Partido Republicano poderá vir a perder popularidade entre o eleitorado se continuar a tentar agradar ao *Tea Party*. O eleitorado branco liberal pode fartar-se de ouvir certos tipos de discursos que emanam dos representantes do *Tea Party*. As minorias étnicas não vão apoiar um movimento que tem sido acusado de racismo. Os mais desfavorecidos não vão, certamente,

¹¹⁵ Uma profecia segundo a qual a construção do Terceiro Templo permitiria a vinda do Messias. O Primeiro Templo foi destruído em 586 A.C, enquanto o Segundo Templo foi destruído pelos romanos em 70 D.C.

apoiar o Partido Republicano caso este seja dominado pelo *Tea Party*, pois seriam completamente abandonados à sua sorte.

Ninguém tem a capacidade de prever o futuro. Os que tentaram profetizar o futuro acabaram sempre por se enganar. Se o *presente* já é de difícil percepção, é impossível prever ou conhecer o futuro. O lugar do profeta é na bíblia. Um cientista político não tem o dever de profetizar, mas antes de apresentar possibilidades e hipóteses quanto ao rumo que as coisas poderão levar num futuro próximo ou longínquo. Por isso mesmo, foram aqui apresentadas quatro hipóteses que, tendo em conta os atuais acontecimentos, podem ou não acontecer. Em 2010 muitos daqueles que haviam estudado e comentado o Movimento *Tea Party* anunciavam a sua morte certa para 2012, após a derrota do candidato republicano (que na altura, não era conhecido). Antes mesmo das eleições de 2010, nos primeiros meses das manifestações *Tea Party*, no verão de 2009, vários membros da Administração Obama afirmavam que o movimento não iria dar em nada. Por outro lado, alguns apresentavam o próximo presidente dos EUA como sendo um presidente *tea partier*, logo em 2012. Também os que defendiam essa visão se enganaram. Apenas o tempo dirá quem tem razão. Uma coisa parece certa, os Democratas (bem como os Republicanos) vão ter de contar com os *tea partiers* nas próximas eleições, facto que desagrada a muitos. Enquanto o presidente Obama quiser passar o Obamacare no Congresso, terá de enfrentar a fúria da facção mais radical do Partido Republicano, o Movimento *Tea Party*.

4.2 - Eleição intercalar de 2014 e eleição presidencial de 2016

No próximo ano estão agendadas as eleições intercalares americanas. As eleições têm por objetivo escolher 435 lugares na Câmara dos Representantes (ou seja, a totalidade dos lugares), bem como 33 dos 100 lugares do Senado americano. Os meios de comunicação americanos têm comentado muito estas eleições, em parte porque estão muitos lugares em jogo, mas sobretudo devido à atual impopularidade da Administração Obama. A impopularidade do presidente Obama levou muitos analistas políticos a prever uma vitória dos Republicanos em muitos assentos do Congresso. O *Grand Old Party* poderia alcançar a maioria no Senado, o que traria grandes dificuldades ao Partido Democrata, já que o Partido Republicano detém a maioria na Câmara dos Representantes e provavelmente irá continuar a tê-la em 2014. Neste caso, o presidente Obama estaria perante um Congresso com maioria Republicana nas duas Câmaras.

As atuais hipóteses do Partido Republicano alcançar os 6 lugares necessários para obter os 51 lugares e, conseqüentemente, conquistar a maioria no Senado americano, são bastante otimistas. A razão de tal, deve-se à dificuldade que os Democratas apresentam para conseguir encontrar candidatos (Democratas) fortes, o suficiente, para vencerem em Estados que se tornaram fortemente Republicanos. Segundo alguns analistas - com base em sondagens que

apoiam a ideia de que os Democratas vão sair derrotados nestas eleições - o Partido Republicano poderá mesmo alcançar 53 lugares no Senado contra 47 para os Democratas¹¹⁶.

Não obstante, existe uma pequena diferença entre as eleições intercalares de 2010 e as eleições intercalares de 2014, sobretudo no que diz respeito ao Partido Republicano e à sua relação com o Movimento *Tea Party*. Alguns dos membros Republicanos estão exasperados com o *Tea Party*, culpando-o pela perda do eleitorado negro e latino. Desta vez, o *Tea Party* não vai ter o peso tão importante que tivera em 2010 - ano em que elegera vários membros, derrotando não só muitos Democratas, mas também, alguns Republicanos acusados pelo movimento de serem *RINOS*¹¹⁷, no qual impulsionara vários nomes desconhecidos como o Senador da Florida, Marco Rubio - e em 2012, quando os apoiantes e ativistas do *Tea Party* foram decisivos para a vitória de Mitt Romney nas primárias.

Recentemente, o Movimento *Tea Party* anunciou a sua vontade em concorrer a 25 lugares na Câmara dos Representantes, bem como entre 7 a 10 lugares no Senado¹¹⁸. Tendo em conta que o Partido Republicano necessita de 6 lugares no Senado para obter a maioria no Congresso americano - na Câmara dos Representantes, ao que tudo indica a maioria vai continuar a ser dos Republicanos, não havendo para já nenhum sinal em contrário - e assim dificultar a presidência de Barack Obama, deixando-o numa situação difícil em que este último seria obrigado a negociar com os Republicanos cada nova proposta. Por isso mesmo, o Partido Republicano está dividido, já que, por um lado, necessita do apoio do eleitorado e dos membros do *Tea Party* para obter a maioria no Senado, mas por outro, este mesmo Movimento *Tea Party* pode acabar por prejudicar os Republicanos, devido ao radicalismo do movimento ultraconservador que, é importante mencionar, tem vindo, pelo menos por parte de alguns membros, a tornar-se mais *soft*. Por mais que os líderes do Partido Republicano queiram ver o

¹¹⁶ Harry J Enten, *How the Republicans could win big in the 2014 Senate elections*, theguardian.com, 9 de julho de 2013. O jornalista Harry J. Enten apresenta dados interessantes sobre o porquê de os republicanos poderem vir a alcançar uma vitória histórica nestas eleições intercalares. O GOP apoia-se numa base eleitoral massivamente branca, de origem europeia, e rural, enquanto o eleitorado democrata é em grande parte urbano, com um forte apoio entre as minorias étnicas, sobretudo as minorias latina e negra/afro-americana, bem como uma parte da classe média e média alta branca, liberal e mais progressista. Se nas eleições presidenciais o voto das minorias é fulcral, as eleições a nível estadual são outra coisa. Quando as eleições são espalhadas e se centram a um determinado Estado federado, o voto da maioria branca torna-se demasiado importante para ser desleixado. Aliás, Harry J Enten diz-nos que “*That’s why it should be no surprise that 36 of the States in the union have a higher percentage of non-hispanic whites than the nation as a whole. That puts the Democratic party behind the eight ball in winning more states than Republicans. If racial polarization in terms of voting patterns continue to exist or get worse, then it will only go downhill for Democrats in winning more states*”. Para este analista político Americano, se a nível nacional o Partido Democrata tem tido alguma facilidade em vencer as duas últimas eleições, onde os latinos e afro-americanos votaram massivamente no Barack Obama, permitindo-lhe garantir a maioria no Colégio Eleitoral, torna-se muito difícil alcançar a maioria no Congresso, sobretudo no Senado. Cada Estado recebe dois senadores, independentemente do número de habitantes. Muitos Estados americanos são pouquíssimos povoados. Os menos povoados, do centro e do nordeste, costumam ter uma população maioritariamente branca caucasiana. Nestes Estados, na maioria das vezes ambos os senadores eleitos vão ser republicanos, muitos deles pertencentes ao *Tea Party* ou apoiado pelo movimento. Cerca de trinta e seis em 50 Estados têm uma maioria branca. Por isso mesmo, e sempre segundo o Harry J Enten, a vitória republicano apreça quase garantida.

¹¹⁷ *Republican in name only*.

¹¹⁸ *Tea Party pushing midterm challenges to Democrats and Republicans*, foxnews.com, politics, USA, 11 de agosto de 2013.

Tea Party longe do seu partido, o facto é que o Movimento continua popular, logo, expulsar os membros do Movimento ou abrir hostilidades declaradas com os *tea partiers* não seria a melhor decisão.

Como foi mencionado no ponto anterior, existe uma insatisfação crescente no seio de parte do eleitorado Republicano, bem como em grande parte da elite Republicana, culpa do radicalismo de certos membros do *Tea Party*, e de focos racistas e nacionalistas em certas manifestações do grupo, que têm degradado a imagem do Partido Republicano junto das minorias étnicas. Cumulativamente, algumas tensões internas enfraqueceram ligeiramente o Movimento. Os apoiantes do *Tea Party* estão desapontados com a liderança do Movimento. Desde as eleições de 2010, os representantes do *Tea Party* no Congresso decidiram suavizar as posições políticas de modo a reunir um maior apoio entre o eleitorado indeciso, bem como ganhar a simpatia das minorias étnicas, demasiadas afastadas do Movimento.

Se o Movimento continua a ser ultraconservador nas suas ideias, existe cada vez mais uma vontade de tornar o tornar mais apelativa a todos os sectores da sociedade americana, a todas as raças, a todas as classes sociais. O Movimento *Tea Party* quer alcançar um bom resultado nas eleições de 2014 e precisa a todo o custo de atrair o máximo de eleitores. Algumas mudanças tornam-se necessárias. Tem de tornar-se mais maturo.¹¹⁹

O *Tea Party* tem todas as hipóteses de conseguir eleger, pelo Partido Republicano, vários representantes e alguns senadores (que poderão concorrer sob a bandeira do Movimento). Um bom resultado em 2014 seria uma garantia da perpetuação do Movimento dentro do Partido Republicano. Mesmo se o Movimento obter maus resultados em 2014, não será o seu fim, mas poderá torná-lo quase inaudível dentro do *Grand Old Party*, o que não iria desagradar a muitos Republicanos. Por isso, o *Tea Party* precisa de obter uma boa vitória nas eleições de 2014. Se assim o conseguir, o Movimento poderá ficar em vantagem na eleição presidencial de 2016 e, assim, voltar a ter um peso suficientemente significativo para escolher o candidato Republicano, tal como sucedeu em 2012. É muito difícil apresentar possíveis candidatos apoiados pelo *Tea Party* em 2016. Muita coisa pode mudar em três anos. Ainda assim, há um candidato que parece ser muito popular entre os apoiantes e activistas do *Tea Party*, ao ponto que alguns analistas políticos o apresentarem como o candidato do *Tea Party* para a eleição presidencial de 2016 - o Senador da Florida, Marco Rubio, um senador americano de origem latina (ambos os pais eram cubanos).

Eleito para o Senado em 2010 com o apoio do *Tea Party*, é visto como o Republicano favorito para concorrer às presidenciais de 2016 (possivelmente contra a Hillary Clinton). Marco Rubio é jovem, dinâmico, bem-parecido, carismático, consegue atrair tanto o eleitorado branco como o eleitorado latino (por ser de origem cubana). Tem tudo para, caso concorra às primárias Republicanas e caso obtenha uma vitória, ser o candidato ideal do Partido Republicano em 2016. Caso isto aconteça será o candidato do *Tea Party* e não do Partido Republicano. As

¹¹⁹ Autor desconhecido, *Five years later, an evolving Tea Party movement wades into the 2014 elections*, foxnews.com, politics, USA, 4 agosto de 2013.

posições que tem tomado são as posições semelhantes às do *Tea Party*. Tem feito tudo para agradar ao Movimento, nem que seja uma maneira de agradecer a ajuda que recebeu do *Tea Party* durante as eleições de 2010, o que lhe permitiu chegar a senador da Flórida.

Ainda é muito cedo para discutirmos as eleições de 2016, contudo, uma coisa é certa, o *Tea Party* evoluiu. Tornou-se um Movimento adulto. Os líderes do Movimento estão mais preocupados em ganhar um eleitorado mais vasto. As minorias foram deixadas de lado desde o início. Um erro crasso que as novas caras do Movimento não querem repetir. Entre os candidatos Republicanos mais aptos a entrar na corrida presidencial em 2016, contam-se alguns nomes apoiados pelo *Tea Party*, políticos que chegaram ao poder com a ajuda do Movimento ultraconservador. Rand Paul, Ted Cruz, o já mencionado Marco Rubio, o mais provável a vencer as primárias Republicanas em 2016, ou ainda Scott Walker, todos eles figuras do *Tea Party*, homens que viviam nas sombras mas que subitamente, com o apoio dos *tea partiers*, subiram à ribalta. Estes homens devem muito ao *Tea Party* e não vão desiludir os ativistas *tea partiers* em 2016. Outra possível candidata às primárias Republicanas em 2016 é a antiga candidata à vice-presidência, Sarah Palin, conhecida pelo apoio incondicional que tem dado ao *Tea Party*, assim como, pelas suas gafes hilariantes recorrentes. Uma coisa parece certa, o candidato Republicano irá certamente precisar do apoio *tea partier* para ultrapassar as primárias. A menos que o Movimento experimente uma derrota total nas eleições de 2014, a presidencial de 2016 vai ser interessante. De um lado, teremos um candidato Democrata seguramente mais à esquerda do que os Democratas dos anos 80 e 90 - o partido tem-se aproximado dos partidos de esquerda europeia em algumas ideias - do outro, teremos um candidato que, se realmente observar a sua origem nas fileiras do *Tea Party*, será mais conservador do que o próprio Ronald Reagan. O tempo o dirá...

Síntese do Capítulo IV

O Movimento *Tea Party* tem, sem dúvida alguma, um lugar importante na política norte-americana. Contudo, se o movimento foi ganhando popularidade entre 2009 e 2012, a derrota do candidato Republicano Mitt Romney - que, lembremo-nos, fora escolhido e apoiado pelo *Tea Party* - nas eleições presidenciais de 2012 reduziu alguma da popularidade que usufruía antes da eleição. Não podemos minimizar a importância que o Movimento representa no Congresso, mesmo tendo em conta uma ligeira quebra de popularidade. Em 2013, o *Tea Party* não só deixou a cena política, como se tem mantido como um ator de primeira importância, um ator que os senadores, representantes e futuros candidatos Republicanos não podem negligenciar, sob pena de correrem o risco de perder muitos sufrágios importantes. Tal como vimos anteriormente, o *Tea Party* não só conseguiu ocupar um lugar no seio do Partido Republicano como tem, a médio ou longo prazo, a possibilidade de ganhar o controlo do *Good Old Party*, relegando os moderados (que já não têm muito força desde os anos Reagan) e os conservadores (bem como os denominados neoconservadores) para um segundo plano. A eleição intercalar de 2014 e, sobretudo, a eleição presidencial de 2016 serão fulcrais não só para o Poder do Movimento no seio do Partido Republicano, mas também para a sua própria sobrevivência.

Caso o Movimento *Tea Party* obtenha maus resultados em 2014 e em 2016, poderá simplesmente desaparecer rapidamente da cena política. Neste caso, será apenas mais um daqueles movimentos políticos passageiros à imagem da *John Birch Society*¹²⁰. O impacto do Movimento, caso venha a desaparecer rapidamente, não seria tão importante. Se for o caso, então será uma vitória para o Partido Democrata, pois demonstraria o quão limitado eram os candidatos apoiados pelo Movimento e o quão desorganizado eram os militantes. Também seria bom para a ala conservadora, bem como, para a ala moderada. Em última análise, os moderados poderiam sair como os grandes vencedores do desaparecimento repentino do *Tea Party*, já que seria como que uma lição para o eleitorado Republicano, uma lição cuja principal ideia a reter é a de que o conservadorismo e o ultraconservadorismo que o Partido Republicano tem experimentado nas últimas três décadas já não agradam à maioria da população. Se tal acontecesse, o Partido Republicano poderia recuar no tempo e voltar aos anos da excelente Administração Eisenhower, numa espécie de ressurreição da ala moderada.

Se as eleições intercalares de 2014 *resultarem num resultado favorável às aspirações do Tea Party*, as coisas complicam-se tanto para o Partido Democrata como para as alas moderadas e conservadoras do Partido Republicano. Isto indiciaria que o *Tea Party* seria o principal adversário do Partido Democrata, já que o candidato Republicano será, necessariamente, o candidato preferido dos membros daquele Movimento ultradireitista. Seria perigoso para os

¹²⁰ A *John Birch Society* foi um movimento criado nos anos 50, cujo intuito era a defesa da liberdade individual, do capitalismo, da família. São contro os totalitarismos, desde os totalitarismos nazis aos totalitarismos comunistas. Publica a revista *The New American*. Atualmente é uma associação presente nos 50 Estados da federação. Para mais informação, consultar o site da associação: <http://www.jbs.org/>

EUA, considerando o nível de radicalismo que alguns membros e congressistas deste Movimento apresentam. A política interna e externa norte-americana poderia radicalizar-se ao ponto de manchar (ainda mais) a imagem dos EUA no resto do Mundo. Porém, são apenas suposições. Existe também a possibilidade de que, caso o *Tea Party* controle a Casa Branca, o discurso e a ideologia do Movimento se tornem mais *soft*. Uma coisa é certa, tanto os militantes como os que representam o *Tea Party* no Congresso, vão ter de suavizar o discurso e acalmar a *ira* característica do movimento, como forma deste ganhar o seu lugar no seio do Partido Republicano. Senão, os outros grupos que constituem o *Grand Old Party* - paleoconservadores, moderados, conservadores e neoconservadores - serão obrigados a expulsar o *Tea Party* da estrutura do Partido, exasperados com algumas *saídas* menos corretas de algumas das figuras de proa do Movimento *Tea Party*.

O futuro do Movimento joga-se nas eleições de 2014 e, sobretudo, nas eleições presidenciais de 2016. Uma nova vitória do Partido Democrata seria um golpe duríssimo para o *Tea Party*. A necessidade de o Movimento suavizar o discurso e atrair eleitorado pertencente às minorias étnicas, pode tornar-se fulcral para a sobrevivência do Movimento. Caso contrário, o Partido Republicano poderá pressionar os membros do *Tea Party* a retirarem-se das corridas eleitorais, sob pena de acabar por destruir o próprio *Grand Old Party*.

Conclusão

Os tempos mudam, nenhum Império dura para sempre, nem mesmo o Império Americano. Os EUA dominaram o Século XX: venceram duas Guerras Mundiais; dominaram a arma atômica antes de qualquer outra nação; foi a primeira nação a enviar homens para a Lua; foi o país que viu nascer as maiores e mais bem-sucedidas multinacionais do Mundo; venceram a luta ideológica e tecnológica contra a URSS, tornando-se a única hiperpotência da Terra. O rejúbilo foi de curta duração. Vinte anos após o desabamento da URSS, se os EUA continuam a ser a maior superpotência do Planeta, também se pode afirmar que o país do *Uncle Sam* já conheceu melhores dias: crise económica; desemprego; população branca de origem europeia a tornar-se cada vez mais minoritária (em termos percentuais); criminalidade e corrupção financeira em Wall Street, são apenas alguns dos problemas que enfrenta atualmente a sociedade americana, sem falar das gravidezes adolescentes e a proliferação da droga entre os mais jovens. A indústria pesada deslocou-se para países do terceiro mundo, bem como a indústria automóvel, que deixou cidades como Detroit completamente abandonadas.

A eleição do presidente Obama foi sem dúvida um grande marco histórico. Apenas 150 anos antes, o norte e o sul dos EUA travavam ferozes batalhas que vitimaram centenas de milhares de americanos, uns para abolir a escravidão, outros para permitir que os Estados do sul (a Confederação) pudessem continuar a utilizar mão-de-obra escrava. Eis que, em 2008, um candidato negro é eleito presidente da nação mais poderosa da Terra. O discurso quase profético do candidato conquistara largas porções da população americana. As minorias raciais votaram massivamente em Obama. Prometia mudanças, prometia um novo rumo para os EUA.

As manifestações começaram pouco tempo depois da Administração Obama tomar posse. É verdade que o Estímulo à economia de 787 mil milhões despoletou a cólera de milhões de americanos, já zangados com o *Plano Paulson*. Contudo, esta decisão de injetar 787 mil milhões para a economia não explica *per si* só as manifestações. Os americanos já estavam zangados antes do presidente Obama. Os anos da Administração Bush filho não foram bons para a o estado de espírito dos americanos. Duas guerras (Afeganistão e Iraque) que acabaram por se revelar autênticos fracassos, e uma crise que levou milhões a perderem as casas, não facilitou a tarefa do presidente Obama.

No nosso entender, os manifestantes já estavam zangados há muito tempo, por causa do desemprego, pelos milhões de americanos que andavam a ser despejados das suas casas, pela perda de poder dos EUA no mundo. O estímulo à economia defendido por Obama foi apenas uma oportunidade para vários americanos mostrarem o seu descontentamento. O presidente Barack Obama não tinha nem tem culpa do que se passa no país. Chegou em janeiro de 2009, a crise económica datava de 2008. Os banqueiros e agentes financeiros de Wall Street eram os verdadeiros culpados pela crise. Contudo, Barack Obama foi a quem atribuíram todas as culpas.

Porquê? Por causa da cor da sua pele? Ninguém duvida que uma parte da população branca pode ter ficado aborrecida com a eleição de um candidato negro.

O primeiro presidente negro da história do país está a provocar a ira de uma pequena parte da população branca do país. Desde a independência das treze colónias originais, os EUA eram um país maioritariamente branco, onde, as populações de origem europeia dominavam tudo, desde a economia à política. Os tempos mudam e parte da população branca não admite tal mudança. É uma das razões para que a maioria dos apoiantes e ativistas *tea partiers* serem indivíduos brancos caucasianos. Mas o racismo não explica tudo. Há um mal-estar na sociedade americana, um mal-estar que provocou estas manifestações.

A ascensão meteórica do Movimento *Tea Party* é impressionante. O Movimento surgiu mais entre o início de 2009 e o verão do mesmo ano. Em 2010, aquando das eleições intercalares, conseguiu eleger vários membros para o Congresso. Foi sem dúvida impressionante o quão rapidamente ganhou popularidade. Entre 2010 e 2011, o *Tea Party* usufruía de 16 a 20% de apoio entre o eleitorado. É normal que os *tea partiers* já pensassem em eleger um candidato à presidência. Colocar um homem do *Tea Party* na Casa Branca era fulcral para conseguirem reduzir o tamanho do Governo e para baixarem os impostos e as taxas às grandes empresas. A derrota do candidato Republicano Mitt Romney pode ter surpreendido os ativistas do *Tea Party*, mas não surpreendeu de certeza os Republicanos mais moderados, nem mesmo a ala conservadora tradicional. O radicalismo do *Tea Party* contribuiu para a derrota do candidato Republicano, pois está a fazer com que a população branca liberal e as minorias raciais estejam a fugir do Partido Republicano, ficando o *Grand Old Party* apenas com os votos dos brancos de classe média com idades superiores a 50 anos. A preocupação entre os Republicanos começou a fazer-se sentir após a derrota nas presidenciais, e muitos autores e jornalistas têm argumentando que o Partido Republicano quer ver-se livre do *Tea Party* a todo o custo, já que a sua própria sobrevivência depende disso.

Decidimos dividir o *Tea Party* em duas fações distintas. A primeira delas nasceu logo no início do Movimento, aliás, foi ela quem impulsionou o *Tea Party*: os libertários. A segunda facção colou-se ao *Tea Party* logo a seguir: os religiosos, ou como decidimos apelidá-los, os ultraconservadores cristãos (embora tenhamos utilizado o termo religiosos na dissertação por ser mais curto).

Os libertários defendem aquilo que têm defendido há muito tempo. Querem a abolição dos impostos, um Governo mais pequeno, o mínimo possível (havendo nesta facção uma visão miniarquista do papel do Estado), mais liberdade, mais propriedade privada. Não querem assistir à aprovação da legislação do *Obamacare*, pois, consideram que os contribuintes americanos - aqueles que realmente trabalham - não têm de pagar a conta do hospital dos outros, os que não trabalham. É uma visão egoísta, pois não tem em conta os mais fracos da sociedade. Uma sociedade ultraliberal só teria em conta os mais ricos, que se tornariam mais ricos, enquanto os mais pobres, sem cobertura médica, sem proteção no emprego, e sem um Estado que os proteja, seriam deixados à sua sorte.

A facção religiosa do *Tea Party* é constituída, maioritariamente, por cristãos conservadores e ultraconservadores, a maioria deles apoiavam a direita cristã nos anos 80, a mesma direita cristã que, através da propaganda junto dos evangelistas, conseguiu eleger o presidente Ronald Reagan nos anos 80. A facção religiosa do *Tea Party* é calcada da direita cristã (*Religious Right*) dos anos 70, 80 e 90. Os temas são os mesmos de sempre, e, costumam relacionar-se com a moral e a depravação da sociedade moderna. Do sexo pré-casamento, à gravidez adolescente, passando pela homossexualidade, o aborto e a crítica aos muçulmanos americanos (e à suposta islamização dos EUA). As preocupações não têm evoluído, um facto que se explica com a visão que os cristãos conservadores americanos têm da vida: aquilo que era válido para os judeus há 3500 anos, ou para os seguidores de Cristo há 2000 anos, continua a ser válido na atualidade. As leis Divinas são eternas e imutáveis, a sociedade deve segui-las ou pagará as consequências. Eis a mentalidade que movimenta os *tea partiers* religiosos e, antes deles, os evangelistas e protestantes da direita cristã dos anos 70 e 80.

No que toca ao dito nacionalismo do *Tea Party*, pensamos que é realmente necessário diferenciar o *nacionalismo americano* dos nacionalismos europeus. É bem possível que haja alguns supremacistas brancos e neonazis no *Tea Party*. Contudo, pelas leituras que levámos a cabo, mesmo os jornalistas e autores mais críticos, afirmam que os porta-vozes do *Tea Party* têm tentado, a todo o custo, separar-se de tais pessoas, e de todo e qualquer grupo racista ou violento. O nacionalismo americano é mais *soft* do que o nacionalismo que imperou nos países europeus. Nos EUA é normal observar pessoas de várias raças - brancos caucasianos, negros, asiáticos, latinos ou ameríndios - brandirem orgulhosamente a bandeira americana e considerarem a sua nação como superior às outras, um país único no seu género, um caso que se desmarca na História da Humanidade. O patriotismo exacerbado dos americanos, pode levar-nos a rotular muitos americanos de nacionalistas, mas temos de perceber a história americana antes de fazermos tais acusações: os EUA têm apenas 200 anos de história, tiveram a necessidade de unir a população à volta de um conjunto de mitos e símbolos. O amor e a defesa destes símbolos, destes mitos fundadores, e a necessidade de demonstrar a ligação que todos os americanos têm com a bandeira - não é raro vermos casas com bandeiras americanas hasteadas nos bairros de classe média -, a Constituição, ou o hino nacional, são apenas uma forma de manterem o país coeso, tendo em conta a multitude de pessoas e culturas que imperam nos EUA. O *Tea Party* é apenas um Movimento que utiliza essa exageração do amor à pátria como forma de atrair mais eleitores, e possivelmente pelo facto de os seus ativistas fazerem parte de uma determinada classe social mais patriótica (classe média).

A estrutura do *Tea Party* é interessante, por tratar-se de uma nebulosa, enorme e complexa. É uma rede tão grande e dispersa nos cinquenta Estados, que é muito difícil termos uma perceção do quão grande e diversificada possa ser. Enquanto representar as principais organizações que dão apoio ao *Tea Party*, ou à nebulosa que recebeu o nome de *Tea Party*, torna-se impossível analisar as outras, de tão grande que é o seu número. O grupo parlamentar *Tea Party*, representado no Congresso americano, não tem a capacidade de controlar nem de dar ordens aos vários *tea parties* distribuídos um pouco por todo o país. São cerca de 3000 os

tea parties locais, número que, desde final de 2011, tem vindo a aumentar. A única coisa que permite a todos estes grupos de se manterem ligados uns aos outros são as novas tecnologias. O *Tea Party* é um Movimento criado a partir e, com base, nas novas tecnologias. A internet garantiu-lhe um rápido sucesso e uma plataforma única, permitindo aos *tea parties* a capacidade de organizarem manifestações em poucos dias, e ligar várias organizações e grupos. É um Movimento associado com a era digital, e sem essas novas tecnologias, o Movimento Tea Party provavelmente não teria tido a mesma capacidade de reunir tantas pessoas em tão pouco tempo.

Quanto à sua sociologia, podemos fazer uma ligação entre as características sociais dos ativistas e apoiantes do *Tea Party* e a crise que os EUA estão a sofrer. No primeiro capítulo observámos que os EUA não estão no bom caminho. A crise não é o único problema. A desagregação social em cidades que, outrora, eram extremamente ricas (como Detroit, por exemplo), e a deslocalização de indústrias, tais como a automóvel, assustam os americanos, sobretudo os de classe média. Os americanos de classe baixa, os que já viviam na miséria nos anos 80 e 90, não estão preocupados em baixar o seu rendimento, ou perder a casa, pelo simples facto de que muitos nem sequer têm casa própria, e sempre tiveram rendimentos baixos. O desemprego entre os jovens pertencentes às minorias étnicas é alto, daí terem apoiado massivamente o candidato Barack Obama, um homem que prometia mudanças. Para as minorias e as classes baixas, não se tratava de salvaguardar o seu modo de vida, antes de tentar sair da miserável condição em que se encontravam. A grande maioria dos apoiantes e ativistas do *Tea Party* pertencem à classe média branca, pessoas, na sua maioria, que já estão nos seus quarenta / cinquenta anos. A maioria tem um emprego, uma casa, vários carros. Eles estão zangados não pelo facto de terem perdido tudo isto, mas pelo facto de poderem vir a perder o seu modo de vida. É assim que se explica a sociologia por detrás do *Tea Party*: São pessoas de uma certa idade avançada, com um certo estatuto social, conservadoras, que querem guardar o seu modo de vida a todo o custo.

A heterogeneidade do movimento *Tea Party* não nos surpreendeu. Quando escolhemos o tema desta dissertação, em 2012, aquando das eleições presidenciais, era-nos claro que havia uma diferença entre as duas maiores fações do *Tea Party*. Não é possível a um Movimento constituído por libertários, cuja única preocupação é de ordem económica, e por cristãos conservadores, que apenas dão importância à moral e ao social, constituir-se de maneira coesa. Os choques internos são reais. Por agora, o *Tea Party* tem conseguido manter-se unido, mas pensamos que tal aconteceu devido às próprias características do Movimento: a total liberdade que as várias organizações e grupos locais têm entre si, permite que não entrem demasiado em choque. A curto prazo, a relação pode funcionar. A longo prazo, duvidamos muito que o *Tea Party* consigo ultrapassar as diferenças. A própria filosofia do Cristianismo, a da ajuda ao próximo, entra em choque com a visão dos libertários. São duas fações com demasiadas diferenças para continuarem a existir sob a mesma *bandeira*.

Relativamente ao futuro do *Tea Party*, é complicado prever as mutações que o Movimento pode sofrer, ou o possível desaparecimento. Após a análise das duas maiores fações

do *Tea Party*, pensamos que o mais provável é a existência de divisões internas no Movimento que poderão selar a sua morte. O desaparecimento, contudo, não nos parece ser para já. O que pensamos é que, mesmo tendo em conta a heterogeneidade do movimento, o *Tea Party* é bem capaz de ganhar vários lugares no Congresso em 2014, e, forçar os Republicanos a escolher um candidato próximo do Movimento. É aquilo que está a acontecer presentemente. Os *tea partiers*, sem ligar aos que anunciavam o fim do Movimento para breve, estão a tomar as rédeas do Partido Republicano. No mês de entrega desta tese, os Republicanos obrigavam o Governo americano a fechar (*shutdown*), após os dois maiores partidos não terem chegado a acordo relativamente ao Orçamento de 2014. O golpe político do conservador John Boehner, *speaker* da Câmara dos Representantes, é perigoso. Foi o *Tea Party* quem obrigou os Republicanos a aceitar este bloqueio, sendo que a divisão interna, entre os moderados e conservadores tradicionais de um lado, e os *tea partiers* do outro, está a enfraquecer o Partido Republicano.

Havia, desde o início, o risco de o *Tea Party*, com o fanatismo que o caracteriza, arrastar consigo o Partido Republicano numa luta sem tréguas com os Democratas. Existe o sério risco de, caso os Republicanos continuem a jogar o jogo dos *tea partiers*, o público americano começar a duvidar do quão preocupado o Partido Republicano esteja realmente preocupado com os cidadãos. O *shutdown* de 2013 poderá vir a afetar a economia americana, e o único culpado será o Partido Republicano. Uma boa maneira de o Partido Democrata apresentar os seus rivais como políticos pouco preocupados com o bem-estar da nação, e mais preocupados em destituir o presidente Barack Obama através de um *impeachment*. O Partido Republicano pode sair enfraquecido deste acontecimento. Até ao momento, o *Tea Party* tem mostrado a sua força, o Poder que usufrui no seio do GOP.

Contudo, após a realização desta dissertação, surgiu-nos uma série de dúvidas. Se o movimento *Tea Party* é mais heterogéneo do que homogéneo, então como é que se explica a atual situação que temos vindo a observar desde o verão de 2013? Desde o verão que os *tea partiers* têm pressionado as lideranças Republicanas a bloquear o Orçamento federal americano, como forma de provocar um *Government Shutdown* e assim, abrir uma crise política. Um movimento como o *Tea Party*, de tão homogéneo que é, deveria ter dificuldade em conseguir juntar esforços e ganhar tanto poder no Partido Republicano. Não tem uma oligarquia, não tem uma disciplina militante, à maneira dos partidos políticos (sobretudo dos partidos europeus). Então, como explicar que a heterogeneidade do *Tea Party*, não tenha já partido o movimento em dois? E como explicar que, mesmo tendo em conta esta heterogeneidade ao nível da ideologia e da estrutura, o movimento *Tea Party* tenha tido a capacidade de dominar o Partido Republicano ao ponto de o obrigar a parar literalmente o Governo americano de funcionar? É uma questão que não nos compete responder, não nesta dissertação, mas que daria uma outra tese em si.

Bibliografia

- ADLER, Alexandre. *J'ai vu finir le monde ancien*, Paris: Éditions Grasset, 2002.
- ADLER, Alexandre, *L'Odysée américaine*, Paris : Éditions Grasset & Éditions Fasquelle, 2004.
- ALSABBAGH, Soufian, *La Nouvelle Droite Américaine, La radicalisation du Parti républicain à l'ère du Tea Party*, Paris: Éditeur Demopolis, 2012.
- ALTMAN, Alex, *Why Ted Cruz thinks the Media Gets Conservatism Wrong*, SwampLand Time online, EUA, 8/08/2013.
- ARMEY, Dick; KIBE, Matt, *GIVE US LIBERTY, A Tea Party Manifesto*, EUA: HarpperColins publisher, 2010.
- BAKER, Peter, *Strange Brew, Does the Tea Party have a foreign policy?*, foreignpolicy.com, EUA, 2010.
- BEZBAKH, Pierre, *Histoire de l'économie : Des origines à la mondialisation*, Paris: Éditions Larousse, 2008.
- BLUCH, Frédéric, *Manuel d'histoire politique de la France contemporaine*, Paris : Presses Universitaires de France, 2008
- BOORSTIN, Daniel, *Histoire des Américains*, Paris: Éditions Robert Laffont, 1991
- BURGHART, Devin & ZESKIND, Leonard, *Tea Party Nationalism, a critical examination of the Tea Party Movement And the Size, scope, and focus of its national factions*, Special Report, edited by Institute For Research & Education On Human Rights, EUA, 2010.
- Org. CAILLÉ, Alain & LAZERRI, Christian & SENELLART, Michel, *HISTÓRIA CRÍTICA DA FILOSOFIA MORAL E POLÍTICA*, cap. *Os comunitaristas e a crítica ao individualismo liberal: Aldair MacIntyre, Charles Taylor, Michael Walzer* (Alfredo Gomez-Muller), Lisboa: Edições Verbo, 2005.
- CHAMPIN, Cristophe, *États-Unis: les leçons de la défaite de Mitt Romney*, rif.fr, França, 7/11/2012
- COLOSIMO, Jean-Francois, *DIEU EST AMÉRICAIN, De la théodémocratie aux États-Unis*, Paris: Éditions Fayard, 2006.
- DELMOTTE, Axel, *Le système politique américain*, Paris: Éditions Studyrama, 2008.
- DIMAGGIO, Anthony, *The Rise of the Tea Party: Political Discontent and Corporate Media in the Age of Obama*, EUA: Monthly Review Press, 2011.
- DIMAGGIO, Anthony e STREET, *Crashing the Tea Party: Mass Media and the Campaign to Remake American Politics*, EUA: Paradigm Publisher, 2011.
- DODMAN, Benjamin e LAFITTE, Priscille, *Les républicains doivent prendre conscience des changements de l'électorat*, france24.com, França, 8/11/2012.
- DUCREY, Vincent, *Le guide de l'influence. Communication, Média, Internet, Opinion*, Paris: Eyrolles Éditions, 2010

- ECO, Umberto, *Como se faz uma tese em ciências sociais*, Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- ENTEN, Harry, *How the Republicans could win big in the 2014 Senate elections*, theguardian.com, EUA, 9/07/2013.
- FANG, Lee, “*Asked If Untaxed Corporations Like Exxon Are Taxed Too Much, Tea Party Leaders Say Yes*”, Think Progress, EUA, 3/11/2010.
- FORMISANO, Ronald, *The Tea Party, a Brief History*, EUA: The Johns Hopkins University Press, Baltimore, 2012
- FRIEDMAN, Thomas L. e MANDELBAUM, Michael, *That Used to Be Us: How America Fell Behind in the World It Invented and How We Can Come Back*, EUA: Farrar Straus Giroux Éditions, 5/09/2011.
- FRUM, David, *How tea party could drive GOP to disaster*, CNN Contributor, EUA, 31/10/2011.
- FUKUYAMA, Francis, *D’où viennent les néo-conservateurs ?*, Paris : Éditions Grasset, 2006.
- GIBSON, David, *Tea Party Is Much Like the Religious Right - Only More So Survey Finds*, politicsdailly.com, EUA, 10/5/2010.
- GODET, Aurélie, *Le Tea Party, Portrait d’une Amérique désorientée*, Paris : Éditions Vendémiaire, 2012.
- GOTTFRIED, Paul, *LE CONSERVATISME EN AMÉRIQUE, Comprendre da droite américaine*, Paris : L’œuvre Éditions, 2012.
- GOOCALÉ, Gloria & WOOD, Daniel, *Does ‘Occupy Wall Street have leaders? Does it need any?* The Christian Science Monitor, EUA, 10/10/2011.
- HAMSHER, Jane, *A Teabagger Timeline: Koch, Coors, Newt, Dick Armeý There from the Start*, huffingtonpost.com, EUA, 15/04/2009.
- HOWARD, Dick, *Aux origine de la pensée politique américain*, Paris : Hachette Littératures, 2008.
- HUNTINGTON, Samuel P, *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Lisboa: Edições Gradiva, 2009.
- JOSLAIN, Évelyne, *Tea Party, L’Amérique à la reconquête de ses libertés*, Paris: Éditions Jean Picollec, 2012.
- KAGAN, Robert, *The Return of History and the End of Dreams*, EUA: Vintage Editions, 2008.
- KASPI, André, *Barack Obama la grande désillusion*, Paris: Editeur Plon, França, 2012
- KUPCHAN, Charles, *The End of the American Era: U.S. Foreign Policy and the Geopolitics of the Twenty-first Century*, EUA: Vintage Editions, 2007.
- LACROIX, Jean, *Histoire des Etats Unis*, Paris: Presses Universitaire de France, 2013
- LAINÉ, Mathieu, *Dictionnaire du libéralisme*, Paris: Éditions Larousse, 2012.
- LEAN, Nathan, *Fox New’s war on Muslim*, salon.com, EUA, 9/11/2012.

LINDGAARD, Jane, *Occupy Wall Street ! : Le livre du mouvement des Indignés*, Paris: Arenes Éditions, 2012

LUO, Michael, *Romney Elaborates on Evolution*, The New York Times, EUA, 11/04/2007.

MICHELS, Robert, *Les Partis Politiques*, Bruxelles: Editions De L'Université de Bruxelles, 2009.

MORGAN, Nicole, *HAINÉ FROIDE, Á quoi pense la droite américaine ?*, Paris: Éditions du Seuil, 2012.

NOUAILHAT, Yves-Henri, *Les Etats-Unis et le monde de 1898 à nos jours*, Paris: Éditions Armand Colin, 2003

POSNER, Sarah, *Tea Party Values*, The Nation Online, EUA, 21/09/2010.

PRESS, Bill, *The Obama Hate Machine: The Lies, Distortions, and Personal Attacks on the President - and Who Is Behind Them*, EUA: Thomas Dunne Books, 2012.

RASMUSSEN, Scott e SCHOEN, Douglas, *MAD AS HELL, How the Tea Party Movement is Fundamentally Remaking our Two-Party System*, EUA: Broadside Books, 2010.

REEVE, Elspeth, *The Tea Party's National Ambition Are Finished*, The Atlantic Wire Online, EUA, 7/11/2012.

REICH, Robert, *Hey, big business, push back against the tea party!*, The Christian Science Monitor online, EUA, 1/11/2010.

RINK, Jason, *Ron Paul: Father of the Tea Party*, EUA: Variant Press, 2011.

RONSETHAL, Phill, GIBBS, Robert, *Rant raises profile of CNBC on-air personality Rick Santelli*, Chicago Tribune News, EUA, 23/02/2009.

ROUGIN, Thibaut, *Défaite de Romney: quel avenir pour le parti républicain?*, franceinfo.fr, França, 7/11/2012.

SOKOLOVE, Michael, *The Believer*, nytimes.com, EUA, 22/05/2005.

SPAK, Kevin, *Congress: US Wasting Billions in War on Drugs*, newser.com, EUA, 9/06/2011.

THIESSEN, Mark, *Ron Paul, Big-gouvernement libertarian*, The Washington Post online, EUA, 1/03/2012.

TODD; Emmanuel, *Après l'Empire : Essai sur la décomposition du système américain*, Paris: Éditions Gallimard, 2002.

UNGARM, Rick, *Still Believe That Barack Obama Seeks A Permanent American Socialist State?*, Forbes online, EUA, 1/06/2013.

VAÏSSE, Justin, artigo : *Qui sont les néoconservateurs ?*, Revue Sciences Humaines, HORS-Série N°17, *De la pensée en Amérique, Idées - Auteurs - Débats*, França, Novembre-Décembre, 2012.

VENNER, Dominique, *La Nouvelle Revue D'Histoire, L'Amérique, l'Europe et le monde*, França, Numéro 65, Mars-Avril 2013.

VENNER, Dominique, *La Nouvelle Revue D'Histoire, USA, La fin du rêve*, Numéro 40, *La fin du rêve américain*, França, Janvier-Février 2009, p.35-38.

WAGNER, Heather, *THE HISTORY OF THE REPUBLICAN PARTY*, coleção *The U.S. Government How It Works*, Chelsea House Publishers, EUA, 2007.

WAGNER, Heather, *THE HISTORY OF THE DEMOCRATIC PARTY*, coleção *The U.S. Government How It Works*, Chelsea House Publishers, EUA, 2007.

WEBER, Peter, *How the Tea Party became a anti-war movement*, The Week online, EUA, 12/09/2013.

ZELIZER, Julian, *What the Tea Party cost the GOP*, cnn.com, EUA, 18/12/2012.

ZERNIKE, Kate, *Unlikely Activist Who Got to the Tea Party Early*, The New York Times, EUA 2009.

Autor desconhecido, Associated Press, *Stimulus Bill far from perfect, Obama says*, NBCNews.com, EUA, 2/07/2009.

Autor desconhecido, *Five years later, an evolving Tea Party movement wades into the 2014 elections*, foxnews.com, politics, EUA, 4/08/2013.

Autor desconhecido, *Most Dangerous Cities In America: 24/7 Wall Street Breaks Down FBI Data*, huffingtonpost.com, EUA, 21/06/2013

Webgrafia:

Video do site youtube, *Rick Santelli calls for Tea party on Floor of Chicago Board of Trade*, Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wcvSjKCU_Zo> consultado no dia 23/02/2013.

Homepage oficial de *urbandictionary*, Disponível em <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=Astroturf%2C+astroturfing>> consultado no dia 5/01/2013.

Homepage oficial da organização *freedomworks*, Disponível em <<http://www.freedomworks.org/>> consultado no dia 13/07/2013.

Homepage oficial da organização *tea party express*, Disponível em <<http://www.teapartyexpress.org/>> consultado no dia 13/07/2013.

Homepage oficial da organização *tea party nation*, Disponível em <<http://www.teapartynation.com/>> consultado no dia 13/07/2013.

Homepage oficial da organização *our country deserves better*, Disponível em <<http://www.ourcountrydeservesbetter.com/>> consultado no dia 13/07/2013.

Homepage, oficial da organização *tea party patriots*, Disponível em <<http://www.teapartypatriots.org/>> consultado no dia 13/07/2013.

Homepage oficial da organização *americans for prosperity*, Disponível em <<http://americansforprosperity.org/>> consultado no dia 13/07/2013.

Homepage oficial da organização *forgotten Detroit*, Disponível em <<http://www.forgottendetroit.com/>> consultado no dia 10/03/2013.

Homepage da organização *John Birch Society*, Disponível em <<http://www.jbs.org/>> consultado no dia 10/08/2013.

Homepage do governo de Detroit, Disponível em <<http://www.detroitmi.gov/DepartmentsandAgencies/PoliceDepartment/CrimeStatistics.aspx>> consultado no dia 16/10/2013.

Homepage do canal CNBC, perfil do Rick Santelli, Disponível em <<http://www.cnbc.com/id/15837966/>> consultado no dia 17/10/2013.

Homepage do *Alaska.net*, Disponível em <http://www.alaska.net/~clund/e_djublonskopf/Flatearthsociety.htm> consultado no dia 20/07/2013.

Homepage do Governo Federal Americano, Disponível em <<http://www.archives.gov/federal-register/electoral-college/2008/election-results.html>> consultado no dia 10/02/2013.

Homepage oficial dos *Occupy Wall Street*, Disponível em <<http://occupywallst.org/>> consultado no dia 13/09/2013.